



**CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA –
UFC/UNILAB**

FRANCISCO REGINALDO DA SILVA SANTOS



ARATUBA

2021

FRANCISCO REGINALDO DA SILVA SANTOS

**A CAÇA COMO FERRAMENTA DE AUTOAFIRMAÇÃO ÉTNICA DO POVO
INDÍGENA KANINDÉ DE ARATUBA: DO MUSEU AO “MONDÉ”**

Dissertação apresentada ao Programa Associado de pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Profa. Dra. Isabelle Braz Peixoto da Silva

ARATUBA

2021

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Santos, Francisco Reginaldo da Silva.

S233c

A caça como ferramenta de autoafirmação étnica do povo indígena kanindé de Aratuba: do museu ao "mondé" / Francisco Reginaldo da Silva Santos. - Redenção, 2022.

120f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado Acadêmico em Antropologia, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2022.

Orientador: Profa. Dra. Isabelle Braz Peixoto da Silva.

1. Caça. 2. Indígenas - Identidade étnica. 3. Autoafirmação.
I. Título

CE/UF/BSP

CDD 306.4

FRANCISCO REGINALDO DA SILVA SANTOS

**A CAÇA COMO FERRAMENTA DE AUTOAFIRMAÇÃO ÉTNICA DO POVO
INDÍGENA KANINDÉ DE ARATUBA: DO MUSEU AO “MONDÉ”**

Dissertação apresentada ao Programa Associado de pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Antropologia Social.

Aprovada em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

**Profa. Dra. Isabelle Braz Peixoto Da Silva – Orientadora.
Universidade Federal do Ceará (UFC)**

**Profa. Dra. Rhuan Carlos dos Santos Lopes– Interno.
UNILAB**

**Prof. D. Nivaldo Aureliano Léo Neto – Externo
UECE**

**Prof. D. Alexandre Oliveira Gomes – Externo
UFPE**

A Deus. Em especial à minha Família, minha esposa, Antônia Leila e nossos filhos: Ana Sofia e João Lucas, à minha mãe em “in memoria”, à Minha avó materna dona Luzia a todos os indígenas Kanindé, os indígenas do Ceará e do Brasil.

AGRADECIMENTOS

A pai tupã, por estar me guiando nessa jornada me fazendo superar todos os obstáculos com garra, força e determinação.

Aos encantados que me autorizaram a entrar em mundo cheio de encantos e descobertas, que já conhecia, porém não tão profundamente, reafirmando que posso não ver, mas posso sentir a presença deles e percebê-los através de suas mensagens.

Essa caminhada não fiz sozinho, ao longo do caminho foram vários desafios e momentos superados com muita garra, porém não seria possível sem a presença de cada uma das pessoas que direta ou indiretamente me acompanharam nesta jornada. Assim, destaco a compreensão da minha esposa Antônia Leila Souza Costa Santos e meus curumins, Ana Sofia Souza da Silva de 5 anos e João Lucas Souza da Silva, que nasceu em meio a pandemia da COVID 19, hoje com apenas um ano de idade.

A meus pais José Constantino dos Santos e Terezinha da Silva Santos (In memoriam) que souberam me guiar por estes caminhos me ensinando a cada dia a praticar minha cultura e os caminhos da leitura e da escrita.

Aos meus irmãos, José Arnaldo, Regiane, Antônia e Evandro, que apesar das pancadas que a vida nos deu permanecemos fortes e unidos.

Aos interlocutores, que sabiamente demonstraram através de conversa e entrevistas a importância da natureza e a forma como os conhecimentos que cada um carrega consigo possuem uma grande sabedoria em suas diversas formas; espiritual, cultural, religiosa e até mesmo científica, através de suas histórias de vidas.

A minha avó materna Luzia Aprígio da Silva, que é um exemplo de mulher indígena Kanindé e traz consigo as marcas de luta e resistência através de gerações.

Aos meus avós paternos Maria Felipe dos Santos e Manoel Constantino de Souza, que trazem consigo exemplos de garra e superação ao longo de suas vidas para criarem 11 filhos em tempos difíceis.

Ao professor Alexandre Gomes, que muito tem contribuído em vários aspectos na luta indígena Kanindé, tendo destaque na organização e catalogação das peças do museu Kanindé com a formação do Núcleo Educativo contribuindo

também com sua dissertação de Mestrado e tese de doutorado delineando os fatos e relatos do processo de luta e resistência do povo Kanindé, Pela homenagem prestada na defesa da dissertação. ANEXO H – Cordel “Os doutores da Floresta”

Aos professores do Programa de pós-graduação em Antropologia PPGA UFC/UNILAB, com os quais tive oportunidade de conviver, em especial: Vera, Ruhan, Denise, Kleyton.

A professora e orientadora Isabelle Braz em especial, por todo o apoio e compreensão no decorrer do processo de pesquisa devido as várias dificuldades ocorridas, orientações a distância, pesquisa de campo em período de pandemia entre outras dificuldades.

A todos os caçadores da aldeia que puderam contribuir com a pesquisa e aqueles que não participarão devido o tempo e a grande quantidade de caçadores existentes na aldeia.

Aos professores: Elcimar Martins, Nivaldo (Caju), Alba, Renato Athia, João Pacheco, entre tantos outros que de certa forma contribuíram neste processo de construção.

A Professora Adléa Faria Lima por ter me presenteado com a dissertação em busca da Libertação; Fernandes, uma comunidade Eclesial de Base.

Aos meus colegas de turma que apesar da distância sempre permanecemos unidos em busca de nossos objetivos em especial os que entraram pelas vagas afirmativas (indígenas e quilombolas) que marcamos nossos espaços e construímos nossos caminhos mostrando que somos capazes de superar limites.

Às lideranças indígenas; Cacique Sotero, Pajé Maciel, Valdo Teodósio, Cicero Pereira, Jose Clóvis, Senhor Bernardo e todos os demais que contribuíram e contribuem na luta pela afirmação étnica tendo o território da Gia como marco referencial na luta pela terra.

A todos os professores, funcionários e alunos da escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, em especial meus companheiros de luta; Elenilson Kanindé, Paulo Kanindé, Nilton Kanindé e Suzenilton e Suzenilson Kanindé.

Cada um traz consigo,
sua essência verdadeira.
Que podem ser registradas,
de toda e qualquer maneira.
Mais não adianta ir à luta
sem levar sua bandeira.

Reginaldo Kanindé!

Cordel de Apresentação

Pensei em fazer viagem
Sair pelo mundo a fora
Mas me olhei no espelho
Pensei nos tempos de outrora
Viajei na minha aldeia
A bagagem trago agora.

Introduzindo pensei
Como fazer essa trilha
Fazer da minha história
Algo que encanta e brilha
Como foco principal
Pequei a minha família

Família de caçadores
Traço forte na cultura
Que ultrapassa gerações
Registros em escritura
De nosso povo sagrado
Que vive da agricultura

O povo que prevalece
Povo indígena kaninde
Que supera desafios
Seja de onde vinher
Resistindo em Aratuba
Na serra de Baturité.

O capítulo um contem
Essa forte resistência
Com documentos escritos
Que trazem a referencia
Desde os tempos passados
Contando a nossa vivencia

Capítulo dois vem trazendo
Organização local
A presença do museu
Com seu acervo social
Tendo cacique Sotero
Como mestre cultural

Capítulo três é potente
Traz algo espiritual
Da caça ao caçador
Se completam no total
Junto com a natureza
Traz algo especial

A caipora o curupira
Parece imaginação
Pergunte ao caçador
Que teve essa sensação
Quem sabe ele lhe diga
Se é verdade ou não

A relação lua e sol
Que todo caçador tem
O dia que é da caça
E do caçador também
Até mesmo um calendário
Aqui no trabalho tem.

Fechando o quarto capítulo
Traz a ciência da caça
Os saberes e fazeres
Que a cultura os traça
Mudando de geração
Em cada época que passa

Mostrando as tipologias
De caça que aldeia tem
Instrumentos e utensílios
Que são usados também
Como se caçava antes
e até as formas que tem

As armadilhas são varias
Tem monde e tem quixó
Uma se pega tatu
Na outra pega mocó
As formas de se armar
Não é apenas uma só.

A caça é muito forte
Se torna pedagogia
Desde criança se aprende
Que a vida é poesia
E a luta pela terra
Se torna uma maestria

Maestria de saberes
De luta e resistência
De barreiras e limites
De força e sobrevivência
Em um país indígena
Que nega nossa existência

RESUMO

O povo indígena Kanindé de Aratuba habita no município de Aratuba, estado do Ceará, dividido entre a aldeia Fernandes e a aldeia Balança, cuja maior parte do território situa-se na Área de Proteção Ambiental/APA da Serra de Baturité. De acordo com os relatos e documentos, chegaram na região ainda no século XIX e se expandiram na “quebrada dos Fernandes” no início do século XX. O ano de 1995 marca o início do movimento de afirmação étnica e, atualmente, continuam mobilizados na luta por seus direitos. Este estudo visa enveredar pelas narrativas contadas, recontadas e transmitidas de geração em geração, que nos foram legadas através de uma diversidade de processos históricos, étnicos e culturais, analisando-as através de uma abordagem epistemológica baseada nos saberes e fazeres da caça que segue os caminhos da antropologia cultural e social. Investigaremos esses processos buscando compreender as relações entre a atividade cinegética e o processo de autoafirmação étnica do povo Kanindé. Trilhar esses caminhos significa buscar entender como se dão outras relações entre ser humano e o ambiente, nas esferas culturais, espirituais e simbólicas e como estas pontes se interligam através da caça. Baseados nessas linhas de pesquisa, faremos uma viagem do museu ao “mondé”, um dos principais tipos de armadilha utilizado para apreensão de animais. Apesar das várias veredas a serem trilhadas e da busca de vários caminhos, esta pesquisa chega a um determinador comum: mostrar como a caça é um ponto essencial no processo de autoafirmação étnica do povo Kanindé em todos os seus aspectos levando em consideração principalmente o aspecto cultural e territorial.

Palavras-chave: afirmação étnica; atividade cinegética; natureza; saberes; caça.

ABSTRACTO

Los indígenas Kanindé de Aratuba viven en el municipio de Aratuba, estado de Ceará, dividido entre la aldea Fernandes y la aldea Balança, la mayor parte de la cual se encuentra en el Área de Protección Ambiental / APA Serra de Baturité. Según los informes y documentos, la región aún no se verá en el siglo XIX y se expandirá a la "Quebrada dos Fernandes" no a principios del siglo XX. 1995 marca el inicio del movimiento de afirmación étnica y, hoy en día, seguimos movilizándonos en la lucha por ciertos derechos. Este estudio pretende recorrer las narrativas contadas, recontadas y transmitidas de generación en generación, que nos quedan a través de los más diversos procesos históricos, étnicos y culturales, analizándolos a través de un abordaje epistemológico basado en el conocimiento cinegético y los factores que la siguen caminos de la antropología cultural y social. Investigaremos estos procesos en un intento de comprender la relación entre las actividades de caza y el proceso de autoafirmación étnica del pueblo Kanindé. Seguir estos caminos significa buscar comprender cómo existen otras relaciones entre el ser humano y el entorno, los ámbitos cultural, espiritual y simbólico y cómo estos puentes se interconectan a través de la caza. Basándonos en nuestras líneas de investigación, realizaremos un viaje de museo al "mondé", dos tipos principales de armadillo utilizados para aprehender animales. A pesar de varios caminos a varios caminos y la búsqueda de varios caminos, esta investigación gira hacia un determinante común: mostrar cómo la caza es un punto esencial, no un proceso de autoafirmación étnica del pueblo Kanindé en todos sus aspectos, que lleva a la consideración. principalmente o aspecto cultural y territorial.

Palabras chave: afirmación étnica; actividad caza; naturaliza; conocimiento; caza .

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Genealogia do pajé Maciel e sua esposa dona Julia, seus filhos e netos caçadores.....	18
Figura 2 – Area da APA dentro do territorio indigena Kanindé de Aratuba delimitado pela FUNAI.	23
Figura 3 - Mapa da comunidade Fernandes, 1981	25
Figura 4 – I Encontro de comunidades tradicionais do Maciço de Baturité	28
Figura 5 - Mapa da delimitação feita pela FUNAI	29
Figura 6 - Mapa do território indígena Kanindé e locais de caças fora dos limites da delimitação propostos pela FUNAI	31
Figura 7 Pedra preta primeira peça do museu kanindé.....	35
Figura 8 Museu indigena kaninde 1ª sede; A parte externa, B Parte interna.	36
Figura 9 - Cachimbo de barro, peça MK.011.01, representação da marcação das peças de acordo com o registro	42
Figura 10 Organização espacial das peças no Museu kanindé.....	43
Figura 11 - Couro de Giritá (gambá) MK.011.353	44
Figura 12 - Casco de Tatu peça MK.011.561	44
Figura 13 - Tamanduá Mirim Empalhado (peça MK.011.358).....	45
Figura 14 - Gato-maracajá empalhado (peça MK.011.351)	46
Figura 15 - Calendário Anual do povo Kanindé de Aratuba	69
Figura 16 Sinais que a alimentação esta pouca.	72
Figura 17 - Fezes de mocó, vestígio / Mocó.....	75
Figura 18 Urina de mocó - Vestígio.....	80
Figura 19 - "Vestígios" Fezes da onça com cabelos de ovelhas encontrado no território da Gia	81
Figura 20 – A: espingarda socadeira ou de cão como é conhecida. B: Raspa de arvore conhecida como sabiá utilizada como bucha para separar o chumbo da pólvora e sustentar os 2 nos processos de carregamento da arma e polvorinho feito de chifre local onde se guarda a pólvora.....	84
Figura 21 - Cachorros de caça	86
Figura 22 - Mondé para captura de peba e tatu	90
Figura 23 - Quixó tipo de armadilha utilizado para aprisionamento de pequenos animais. A – Quixó para pegar mocó preá e punaré. B – Quixó para pegar. Gato	

peba, girita. C – Mocó capturado no Quixó. D – Punaré capturado no Quixó ...	91
Figura 24 - Arapuca.....	94
Figura 25 – A - Materiais Necessários para fazer a Arapuca. B – Técnica de Montagem e estrutura. C – Arapuca Armada com a utilização de Gancho para a apreensão de pássaros, utilização de estivas pequenas varinhas apoiadas na vaqueta	95
Figura 26 - Gaiolas para apreensão de animais, peba e tatu	97
Figura 27 - Tocaias para espreita de animais na bebida	99
Figura 28 - Chamas	100
Figura 29 - A: Punaré passado no “burrari” (Cinzas do fogão a lenha) pronto para a retirada dos pelos B: Punaré preparado com sal, óleo, pimenta, colorau e alho	102

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Lista de animais que servem de alimentação para o povo Kanindé e que estão representados no museu através de suas partes, consideradas como objetos	40
Tabela 2 - Classificação dos animais segundo os caçadores e as peças do museu Indígena Kanindé	49
Tabela 3 - Tipologia da caça entre os Kanindé	82

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA	Área de Proteção Ambiental/APA da Serra de Baturité
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
AMIT	Associação Missão Tremembé
SIASI	Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena
CEBES	Comunidades Eclesiais de Bases
ONGs	Organizações não governamentais
AIKA	Associação Indígena Kanindé de Aratuba
CONLOSI	Conselho Local de Saúde Indígena
CDPDH	Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos da Arquidiocese de Fortaleza
ADELCO	Associação para Desenvolvimento Local Co-produzido

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
CAPÍTULO 1: O POVO INDÍGENA KANINDÉ DE ARATUBA	20
1.1 Histórico.....	20
1.2 O território Kanindé	22
1.2.1 Delimitação e documento de compra e venda.....	26
1.2.2 Pontos e referências.....	28
1.2.3 Caça e território: da subsistência à afirmação étnica.....	31
CAPÍTULO 2: A CAÇA NO MUSEU INDÍGENA KANINDÉ	35
2.1 A caça no acervo: classificando os animais desde as categorias nativas.	35
2.1.1 Aspectos da Musealização da Caça: Seleção de peças, doadores.....	40
2.1.2 Técnicas de Conservação: empalhamento, secagem, etc.....	43
2.1.3 Expografia.....	46
2.1.4 Classificação da caça segundo os caçadores	47
CAPÍTULO 3: O SIMBÓLICO E O ESPIRITUAL: A CAÇA COMO MEDIADORA DA RELAÇÃO ENTRE OS CAÇADORES KANINDÉ E AS MATAS.....	50
3.1 O dia da caça e o dia do caçador	50
3.2 Curupira, Caipora e outros seres das matas.....	51
3.3 Calendário anual do povo indígena Kanindé de Aratuba	57
3.4 A relação da caça com os astros " sol e lua" para os Kanindé	72
CAPÍTULO 4: A CIÊNCIA DA CAÇA: MODOS DE FAZER E CONHECER	73
4.1 Como os antigos caçavam?	74
4.2 Animais, características, sinais e conhecimentos: a relação no ato da caça	79
4.3 Tipologia da caça entre os Kanindé: com armas de fogo, armadilhas, em grupo e com apoio de cachorros	82
4.4 Instrumentos, utensílios e objetos.....	87
4.5 As armadilhas de caça e os conhecimentos tradicionais sobre a natureza: modos de conhecer e fazer	88
4.5.1 Mondé	89
4.5.2 Quixó.....	91
4.5.3 Arapuca.....	94
4.5.4 Fojo	96

4.5.5	Gaiola.....	96
4.5.6	Tocaias.....	98
4.5.7	Chamas.....	100
4.6	Limpeza e preparo das caças, técnicas do povo indígenas Kanindé.....	101
4.7	A pedagogia da caça.....	103
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
	REFERÊNCIAS.....	108
	APÊNDICE – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	111
	ANEXO A - CAPA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DA PROFESSORA NELY DE LIMA E MELO, PRESENTE DA PROFESSORA ADILÉA, COM DATA E DEDICATÓRIA.....	112
	ANEXO B – LEI MUNICIPAL Nº 522/2016, RECONHECENDO A ALDEIA FERNANDES COMO TERRÍTORIO INDÍGENA NO MUNICÍPIO DE ARATUBA.....	113
	ANEXO C – MEMORANDO Nº 214/ 2017 ENVIADO A FUNAI, ENCAMINHANDO LEI MUNICIPAL RECONHECENDO A ALDEIA FERNANDES COMO TERRÍTORIO INDÍGENA NO MUNICÍPIO DE ARATUBA.....	114
	ANEXO D – FOTOS DO MUSEU KANINDÉ “ACERVO”.....	115
	ANEXO E - JORNAL O POVO, 24 DE AGOSTO DE 1996.LIDERANÇAS INDIGENAS RECLAMAM DO DECRETO 1775.....	116
	ANEXO G – MUSEU GUARDA PEÇAS USADAS PELOS INDIOS JORNAL DIARIO DO NORDESTE, 14 DE JANEIRO DE 2002.....	119
	ANEXO H – Cordel “Os doutores da Floresta”.....	120

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é um recorte do processo de luta e resistência do povo indígena Kanindé de Aratuba, situado na aldeia Fernandes no município de Aratuba no estado do Ceará, tendo como ponto principal a caça como ferramenta de autoafirmação étnica, através da ótica de um indígena e caçador pertencente ao povo Kanindé.

Cada povo indígena possui suas características específicas e de acordo com suas vivências, práticas sociais e culturais, se diferenciam e aproximam-se uns dos outros, em laços que se concretizam na palavra “parente”. É notório compreender que todos buscam o mesmo objetivo, o direito às terras tradicionalmente ocupadas que servem para usufruto e sobrevivência. Dessa forma, é preciso compreender que o território pode ser caracterizado pelas práticas culturais de um determinado povo. Assim, trazendo para o contexto da caça, faremos essa viagem do “Museu ao Monde”, compreendendo os fatos históricos através deste recorte e mostrando como a afirmação étnica do povo Kanindé de Aratuba pode ser representada através da caça.

A pesquisa parte de uma referência cultural, familiar, comunitária, alimentar e prática. Caçador, filho e neto de caçador, me fez delinear por este caminho, não apenas para descrever ou registrar meus conhecimentos e o que o trabalho de campo me propiciou, mas para fazer uma reflexão sobre a compreensão do que realmente a caça representa para mim, enquanto indígena, e para o povo indígena Kanindé de Aratuba.

Para fazer esse percurso foi necessário voltar no tempo, tanto no aspecto pessoal como no contexto histórico, social e cultural do povo indígena Kanindé. Relembrar memórias, sentar e ouvir histórias dos caçadores, aprofundar os conhecimentos sobre o território, a organização social, a genealogia dos que praticam a caça através da minha própria história e da minha família, me fez compreender quem me tornei, tanto intelectualmente como culturalmente, sempre aprendendo e praticando os costumes e tradições do povo ao qual pertencço, fazendo conexões da caça com as vivências cotidianas de luta e resistência dentro e fora da aldeia.

A pesquisa possui uma estrutura que leva em consideração minha própria história como indígena e caçador envolvendo o processo de luta e afirmação étnica do povo Kanindé de Aratuba, baseada nos conhecimentos dos caçadores, lideranças e mulheres indígenas que são os interlocutores. Para isso, também se recorreu a uma base teórica através de outras pesquisas que se debruçaram sobre temas relacionados com a presente pesquisa.

No contexto da pesquisa bibliográfica foi necessária uma bela caminhada em busca de arquivos que pudessem me fazer compreender que a história do meu povo ultrapassou limites. Assim, trago juntamente com meu trabalho a dissertação intitulada “EM BUSCA DA LIBERTAÇÃO, Fernandes uma Comunidade Eclesial de Base”, dissertação apresentada a Universidade Federal da Paraíba no ano de 1981 pela senhora Nely de Lima e Melo (in memoria) (Ver Anexo A). Um trabalho que mostra a realidade da comunidade nos anos 80 fazendo um panorama com dados e depoimentos que revelam que a luta do povo Kanindé e seu processo organizacional permanecem vivos na atualidade. Neste sentido, deixo diante meus agradecimentos a senhora Adiléa Faria Lima que na data de 17/09/2020 me presenteou com esse maravilhoso trabalho que marca e afirma mais ainda a presença do povo indígena Kanindé na aldeia Fernandes.

O capítulo I traz o histórico do povo Kanindé de Aratuba, através de relatos orais, documentos históricos, marcos temporais e territoriais, reafirmando a chegada dos Kanindé no município de Aratuba e sua fixação na aldeia Fernandes.

No capítulo II disserto sobre a afirmação étnica do povo Kanindé, a luta pelo território da Gia e a abertura ao público do Primeiro Museu Indígena do Ceará e o segundo do Brasil, tendo como referência a representação da caça no museu em seus vários aspectos, que perpassa pelos doadores, forma de exposição, conservação, classificação etc.

No capítulo III trago à tona uma questão inteiramente ligada a relação ser humano x natureza, através de ligações simbólicas e espirituais, compreendendo que esta ligação é fundamental no contexto da caça, através dos conhecimentos e das relações com os encantados que habitam as florestas, assim também com os astros que delimitam tempos e marcos.

No capítulo IV abordo a compreensão da caça como uma ciência através dos conhecimentos e técnicas artesanais utilizadas pelo povo indígena Kanindé. Assim, conhecer como os antigos caçavam e como se caça hoje, chegamos à compreensão

de muitas mudanças ocorridas. Para traçar uma descrição das várias armadilhas e técnicas utilizadas pelo povo Kanindé fez-se necessário uma autobiografia descrevendo a formação de um caçador Kanindé.

A caça para o povo Kanindé, através das pesquisas realizadas, é exclusivamente prática dos homens, porém as mulheres possuem um papel fundamental neste processo. Elas dominam as técnicas de limpeza e tratamento das caças, não sendo dessa forma também restrita aos homens. Todas essas técnicas são perceptíveis nos relatos trazidos por elas, referentes a algumas caças que necessitam de técnicas especiais que vão além da imaginação de quem não conhece determinados animais e suas especificidades. Vale salientar que as mulheres possuem um domínio maior, pois na grande maioria das caçadas os homens chegam cansados, cabendo essa limpeza para elas.

Metodologicamente foi realizada uma pesquisa qualitativa priorizando os conhecimentos materiais e imateriais existentes na aldeia. A abordagem qualitativa permitiu a interpretação de dados que não são quantificáveis. De acordo com as ideias de Minayo (2004), a pesquisa qualitativa integra o universo de simbologias e significados, dialogando, portanto, com fenômenos e processos complexos, como a autoafirmação indígena.

A investigação de natureza qualitativa foi desenvolvida por meio do estudo de caso. De acordo com as ideias de Yin (2001, p. 18), “o estudo de caso é uma estratégia adequada ao se examinar acontecimentos contemporâneos”, priorizando as seguintes estratégias de aproximação com a realidade: observação direta e entrevistas. Escolhi trabalhar com o estudo de caso, pois assim consegui compreender vários aspectos que ao mesmo tempo que eram individuais se tornavam coletivos, fazendo assim as conexões necessárias para a pesquisa. Dessa forma a observação *in loco* e as entrevistas narrativas deram a tônica da coleta de dados.

Porém, primeiramente, foi necessária uma pesquisa bibliográfica, que de acordo com Gil (2002, p. 44) é “[...] desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” assim realizei várias pesquisas e busquei materiais que dialogam com o tema proposto, trazendo uma grande variedade de documentos, registros e marcos, documentos importantes que relatam a luta e o processo de autoafirmação étnica do povo Kanindé principalmente as peças contidas no museu indígena que fazem referência à caça.

No processo de coleta de dados; relatos, histórias, depoimento foi necessário utilizar o método de entrevistas que é compreendido como o “encontro de duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional” (LAKATOS; MARCONI, 1991, p. 195). Porém, para o trabalho, não utilizei uma forma tão direta, fazendo com que as narrativas fossem expressas de uma maneira bem tranquila onde os interlocutores não me transmitissem apenas respostas, mas também sensações e emoções através de suas falas, seus relatos e até mesmo o seu silêncio em alguns momentos, pois para além de uma metodologia havia uma conexão entre pesquisador e interlocutor sobretudo que neste processo não estava na condição de ser o “outro” o desconhecido mas sim também um conhecedor e praticante das técnicas de caça do povo indígena kaninde todavia na posição de pesquisador..

As entrevistas foram realizadas com o cacique, o pajé, lideranças indígenas da comunidade e principalmente com os caçadores e suas esposas. Foram entrevistadas 12 pessoas, sendo, 8 caçadores 2 lideranças e 2 mulheres, tendo todos um grau de parentesco muito próximo, pois o povo Kanindé é constituído basicamente de uma só família, como se costuma dizer na aldeia. Para este fim foi necessária a utilização de um celular para fazer o registro das narrativas, registros fotográficos assim como caderno de campo para os registros manuscritos que trazem acontecimentos, lendas, fatos históricos e todos os elementos que envolvem a simbologia da caça, a espiritualidade indígena e as encantarias das matas, concluindo que a “[...] observação tem um papel essencial no estudo de caso. Quando observamos, estamos procurando apreender aparências, eventos e/ou comportamentos” (GODOY, 1995, p. 27).

A pesquisa foi realizada durante o período da pandemia da COVID – 19, que afetou o mundo inteiro. Assim, foi necessário tomar todos os cuidados possíveis para salvaguardar os interlocutores no processo da pesquisa, realizando contatos online com os mesmos ou com familiares para poder organizar um cronograma que facilitasse o contato de acordo com a segurança de cada um, inclusive a minha como pesquisador.

O diálogo com estes conhecedores da cultura indígena Kanindé em meio a tudo isso se tornou um desafio que foi sendo superado a cada dia. Assim, torna-se necessário a apresentação destes importantes interlocutores para o processo da

pesquisa, através de suas contribuições fatos e relatos, fazendo conexões com o social, cultural, espiritual e conhecimentos próprios do povo Kanindé.



*Jose Maria Pereira dos Santos
Cacique Sotero 77 anos, Mestre da Cultura e
Idealizador do Museu Indígena Kanindé.*



*Manoel Constantino de Souza
Pajé Maciel 89 anos, Pajé do povo indígena
Kanindé, caçador e artesão.*



*Luzia Aprígio da Silva
93 anos, liderança indígena, agricultora,
conhecedora da cultura Kanindé*



*Maria Felipe dos Santos
87 anos, esposa do pajé. Artesã, agricultora,
conhecedora da cultura Kanindé*



*Jose Constantino dos Santos – José Maciel 59
anos. Liderança Tradicional do povo Indígena
Kanindé, caçador, agricultor artesão.*



*Cicero Pereira dos Santos – Cicero Pereira
70 anos Liderança Indígena tradicional do
povo Kanindé, Agricultor, caçador e presidente
da Associação Indígena Kanindé*



Antônio João Constantino – Antônio Maciel, 64 anos, caçador, agricultor e artesão.



Manoel dos Santos de Souza – Manoel Maciel, 57 anos, Liderança Tradicional do povo Indígena Kanindé, caçador, agricultor e artesão.



Antônio Wagner da Silva Santos. 38 anos, caçador, agricultor.



Francisco de Paula Pereira Lopes – Paulo Kanindé, 37 anos. Professor Indígena, caçador. Agricultor, liderança da Aldeia Balança



Francisco Constantino dos Santos – Chico Maciel, 60 anos, Liderança Tradicional do povo Indígena Kanindé, caçador, agricultor artesão.



José Clóves Gomes dos Santos, 57 anos, representante do povo Indígena Kanindé dentro e fora da aldeia, caçador e agricultor.

Toda pesquisa foi baseada no processo de afirmação étnica com base no processo histórico, analisando também as mudanças ocorridas e verificando com isso a importância da preservação de algumas espécies/caças que podem estar em processo de declínio populacional da fauna local dentro da própria aldeia, realizando assim também um estudo biogeográfico do território que compreende a terra indígena Kanindé, levando em conta as delimitações e as áreas específicas para

cada atividade dentro da aldeia, diferenciando as áreas de habitação, plantio, caça e reserva indígena, analisadas também outras áreas utilizadas para caça que são importantes e não estão dentro da delimitação feita pela Fundação Nacional do Índio – FUNAI.

Destaco aqui o processo de refinamento de todo o material coletado vindo a estabelecer diálogos com os interlocutores e com o referencial teórico, ressaltando também a importância da preservação da cultura indígena do povo Kanindé a qual pertenço, me enquadrando na pesquisa também como caçador, reforçando e resguardando algumas informações, que no decorrer da pesquisa não recebi autorização para sua divulgação, que consistem em conhecimentos passados de geração para geração, ficando restrito aos conhecimentos do povo. Haja visto que o conhecimento indígena deve ser usado pelos indígenas e a salvaguarda desses conhecimentos persiste na forma de como são repassados, na forma oral e prática, principalmente para aqueles que praticam a caça. Reforço aqui a importância da pesquisa para o povo Kanindé em seu percurso de luta e resistência. Pensando também que, segundo Laburthe-Tolra, P.; Warnier, J.-P (2010)

O pesquisador beneficiou-se de informações que lhe foram dadas pelos seus hospedeiros. Pode tirar daí benefícios substanciais em termos de prestígio e carreira. não está livre de sua dívida pela remuneração de seus informantes. Deve assegurar o retorno da informação a sua fonte (LABURTHE-TOLRA P.; WARNIER, J.-P; p. 440, 2010).

Esse é um ponto importante, pois o conhecimento registrado ao longo da pesquisa reforça ainda mais a luta pelo território e a afirmação enquanto indígenas. Afinal, continuamos na luta por nossos direitos e principalmente nosso território, preservando nossa cultura apesar de dias após dias continuarmos sendo atacados das mais diversas formas possíveis.

Neste sentido, é preciso primeiramente compreender que, ao mesmo tempo que pesquiso e escrevo sobre meu próprio povo, me encontro em três posições que convergem para uma questão pessoal, sendo pesquisador, indígena e caçador, realizando uma pesquisa sobre a própria caça e o processo de afirmação étnica do meu povo. Assim, preciso brigar comigo mesmo internamente e me posicionar em cada momento voltado para cada um desses aspectos. O indígena, o caçador e o antropólogo não podem estar na mesma conexão, pois o que pode ser bom para o

pesquisador pode representar algo ruim para o indígena caçador como, por exemplo, segredos que o caçador tem e não pode revelar por questões históricas e culturais. Assim, ao mesmo tempo que há uma proximidade, há um distanciamento. Desta forma, é preciso viajar um pouco na minha própria história, compreendendo o que destaco no trabalho como eu sendo um caçador em formação. Assim ressalto a importância neste contexto enquanto pesquisado que o caçador também é um pesquisador, que no seu contexto de estudo apenas não utiliza referências bibliográficas e sim experimentos e conhecimentos de suas vivências cotidianas, históricas e culturais.

Abordar uma genealogia dos caçadores Kanindé fazendo uma ligação entre seus laços parentais demonstra que a prática da caça continua viva no “sangue” indígena do povo Kanindé de forma individual ou coletiva. Todos os caçadores têm em suas memórias, histórias que muitas vezes são vivenciadas por eles mesmos ou histórias passadas de geração em geração. Assim, os fatos e relatos dessas histórias continuam no imaginário e no cotidiano sendo contadas e recontadas e vivenciadas ao longo dos tempos.

No processo genealógico, a pesquisa toma uma abordagem pessoal, buscando compreender quem sou. Em meu processo de formação como um caçador, apesar de ter várias experiências com caça, me considero um caçador em formação, pois compreendi, no decorrer da pesquisa, que há muito ainda a ser aprendido e até mesmo há "coisas" que são incompreensíveis. Assim, parto do pressuposto que minha família faz parte de uma linhagem de caçadores, uma árvore genealógica tendo por base minha avó e meu avô paterno, Maria Felipe dos Santos e Manoel Constantino dos Santos, Dona Julia e seu Maciel, atual pajé, hoje com 89 anos e ela com 85.

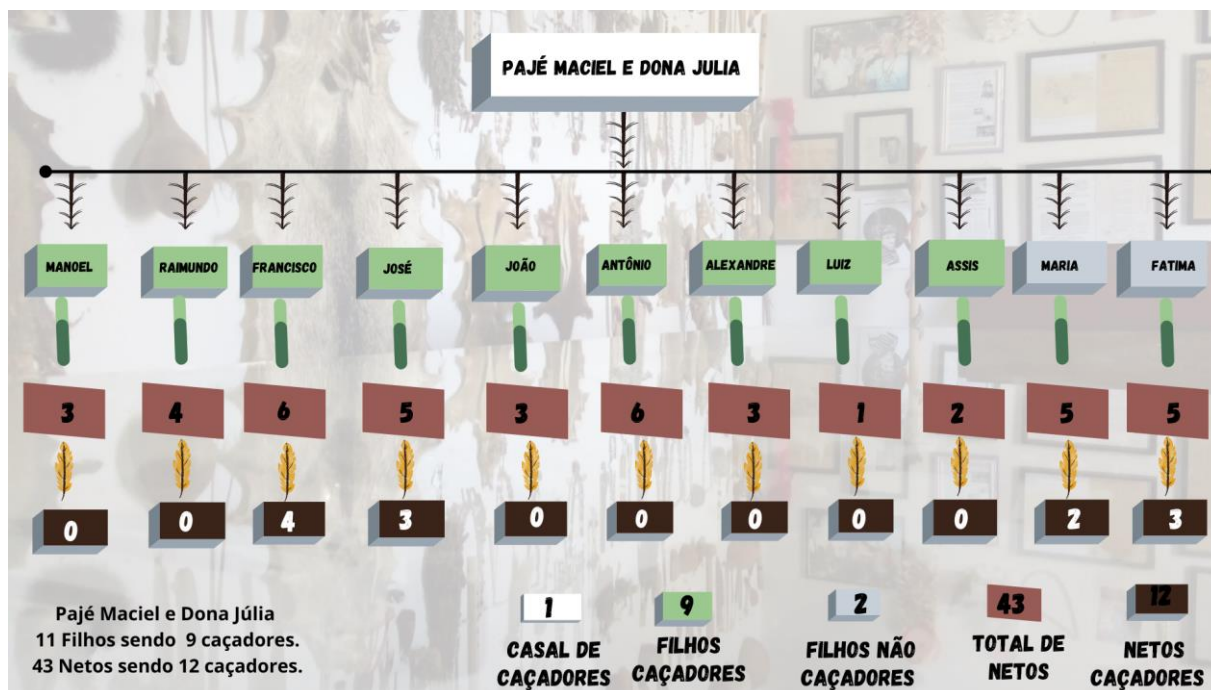
Segundo meu avô em seus relatos, ele nasceu na aldeia Fernandes no dia 06/03/1932, sendo filho de Maria da Conceição e Júlio Constantino. Conta que ainda era pequeno quando seu pai chegou em casa com um peixe chamado pirarucu e sua mãe, nessa época, estava doente de sarampo. Seu pai falou para sua mãe não comer o peixe, afirmando que ele seria “reimoso”¹. Enquanto isso, ele foi na cacimba buscar água e quando voltou sua esposa havia passado o peixe no óleo e já havia

¹ A palavra conhecida como *reimoso*, na aldeia significa que o alimento não pode ser consumido, principalmente quando a pessoa está enferma. Segundo a tradição, pode piorar a situação de saúde da pessoa. Isso ocorre também com várias caças que servem de alimentação na aldeia.

comido e assim ela veio a falecer dias depois. Com esse ocorrido, seu pai foi morar em outra localidade com sua tia e suas duas irmãs e faz uma analogia bastante interessante, relacionada a essa partida. – *“Era assim: minha tia levava eu e minhas irmãs como uma cachorra carregas seus cachorrinhos: levava dois, deixava lá na frente, embaixo de uma moita; e voltava pra pegar o outro. E foi assim até chegar na casa dela”*. Passou muito tempo morando com a tia e depois foi morar com o pai e a madrasta. Apanhou muito dela e das irmãs por parte de pai, porém, depois foi embora de casa porque levou uma pisa e levantou um talo de milho para seu pai. Conheceu sua esposa, se casaram e ficaram morando no assentamento Santa Helena no Município de Canindé. Depois de alguns anos, ele volta para a aldeia Fernandes para reivindicar seu pedaço de terra por parte da herança de sua mãe. Após muitas conversas voltou para a terra onde nasceu, construiu sua casa no *quebra faca*, onde reside até hoje.

O casal teve 11 filhos, que para a época era comum essa quantidade. Desses, 9 homens e 2 mulheres. Dos homens, todos praticam a caça e até hoje 6 ainda são caçadores ativos, tanto na caça com armadilhas quanto com cães e armas de fogo. Todos os filhos hoje são pais e vai surgindo uma nova ramificação de caçadores: dos 11 filhos, incluindo as 2 mulheres, destacam-se 5 famílias de caçadores onde os netos do casal seguem dando continuidades a prática da caça. Pajé Maciel e sua esposa Dona Julia, buscam relatar o nome do filho e os netos que são caçadores: “O Zé tem 3, o chico (Francisco) tem 4, a Fatima tem 3 e a Maria 2”. Pelos dados informados a linhagem passa para 12 netos caçadores sendo que alguns deles não residem na aldeia, existindo também uma porcentagem do sexo feminino que neste contexto não praticam o ato da caça.

Figura 1 - Genealogia do pajé Maciel e sua esposa dona Julia, seus filhos e netos caçadores.



Fonte: Elaborado pelo autor através dos relatos e dados coletados (2021)

Assim inicia-se a minha trajetória, filho de Terezinha da Silva Santos e Jose Constantino dos Santos, nascido no dia 28/05/1986, o segundo filho de um total de 5, 3 homens e 2 mulheres. Nasci muito pequeno e assim minha mãe, por ser devota de São Francisco das Chagas de Canindé, fez uma promessa e colocou meu nome de Francisco Reginaldo, com referência ao santo. Neto do Pajé Maciel e dona Julia, sendo meu pai um dos 9 filhos homens do casal.

Desde pequeno, por volta de 5 anos de idade, minha mãe e meu pai agricultores, já levavam eu e meu irmão para o roçado e nos colocavam debaixo de uma loca de pedra onde ficávamos brincando, assim aprendendo algumas coisas. Com o passar do tempo passamos a armar quixó e matar pequenos pássaros. Enquanto nossos pais trabalhavam, fomos aprendendo a caçar e quando íamos para o roçado levávamos os cachorros e íamos caçando, matávamos mocó, peba, tatu, tamanduá, girita entre outros animais.

Os roçados também eram coletivos, o que favorecia a caça, juntamente com nossos primos através de nossos pais passamos a conhecer o território e assim

também andarmos sozinhos pelo mesmo, aprendíamos e praticávamos muito, principalmente a caça de preá e tejo, com a utilização de cachorros. Assim, fui aprendendo várias técnicas e passei a caçar com meu pai, armando quixó e monde; depois, passei a compreender e aprender técnicas de caça, caçando sozinho.

Das formas de caça, até o momento só não pratiquei a caça com armas de fogo, mas as outras todas pratiquei. Por isso me considero um caçador em formação, além de outras experiências que ainda não passei no ato da caça. Hoje, percebo a importância da caça para o povo Kanindé, através dos seus processos de luta e resistência. Principalmente se referindo às questões alimentares, territorial e cultural, há todo um contexto que engloba estes três aspectos interligados com a natureza. Isto é refletido nos relatos dos caçadores da aldeia. Manoel Santos faz a seguinte reflexão, sobre a relação da caça com a identidade indígena *“Eu acredito que eu me achando indígena, aí eu não caço um caça pra mim comer, eu não caço um peixe pra mim comer eu não vou no mato tira uma abelha pra mim comer o mel... que indígena sou eu? se eu sou do mato se eu vivo no mato”*. Almeida, Galindo & Silva Luiz (1999) afirmam que “a alimentação básica dos tarairiús² compunha-se de caça, pesca, mel silvestre, frutos e alguns produtos de roça. Apreciavam muito as cobras e lagartos”.

Essa reflexão deixa bem clara a importância da caça para o povo Kanindé. Como afirmam Carneiro e Rossi, (2018), “o índio, o sintoma indígena de bem viver com seus ecossistemas não mudou e nunca mudará, porque ele é parte integral da Mãe Terra. Algo intrínseco. Se um vive o outro também vive, se um morre o outro morrerá”.

2 Os mais abalizados, estudos apresentam como tendo pertencido ao grupo TARAIRIU, as seguintes tribos tapuias, muito citadas, em nossa historiografia nordestina do período colonial: JANDUIS, ARIUS ou PEGAS (liderados pelo "rei" Pecca), SUCURUS, CANINDÉS, JENIPAPOS, PAIACUS, PANATIS, JAVÓS, CAMAÇUS, TUCURIJUS, ARARIÚS, COREMAS. (ALMEIDA, GALINDO, SILVA, 1999. p.245). O trabalho descreve a vivência dos Tarairiu seus modos de vida e técnicas de sobrevivência como a forma de alimentação e caça.

CAPÍTULO 1: O POVO INDÍGENA KANINDÉ DE ARATUBA

1.1 Histórico

O povo indígena Kanindé de Aratuba tem como marco o ano de 1995 com o início do processo de afirmação étnica, porém os relatos de sua trajetória remontam a várias décadas, contendo registros escritos ou na memória individual e coletiva dos anciões da aldeia.

O etnônimo Kanindé remete ao chefe indígena Canindé, principal dos Janduis, que liderou a resistência de seu povo no século XII obrigando o então rei de Portugal assinar com ele um tratado de paz, firmado em 1692, mas descumprido por parte dos portugueses. Como ocorria com muitos agrupamentos nativos, seus descendentes passaram a ser conhecidos como Kanindé. Em alusão ao chefe e a ancestralidade (GOMES, 2009, p. 93).

Além deste contexto histórico, outros significados são dados ao etnônimo Kanindé, como por exemplo a referência às araras Kanindé, que fazem muito barulho, sendo essa representação ligada aos momentos de luta e resistência. Essas aves não ocorrem no território tradicional do povo Kanindé, sendo uma referência que existe na aldeia. Porém, historicamente o etnônimo vem do chefe indígena apesar dessas outras definições.

O processo de migração do povo Kanindé é repassado através da tradição oral pelo mais velhos da aldeia, fazendo um panorama das rotas percorridas devido às grandes secas e à expulsão dos territórios pelos grandes fazendeiros e proprietários de gado. Essas rotas ainda fazem parte da ligação do povo Kanindé de Aratuba com o povo Kanindé de Canindé que pertencem à mesma família, porém situam-se em municípios diferentes. Os caminhos que ligam as aldeias são exatamente rotas de descida e subida para o sertão, sendo utilizadas também nos períodos de secas pelos animais a procura de água; assim como ocorreu com o povo indígena Kanindé, fazendo com que se situassem no município de Aratuba por volta de 1915.

Kanindé, Jenipapo e Paiacú são representados em relatos e estudos históricos como parentes, parte do grande tronco dos Tarairiú. A partir do século XVII são retratados batalhando no sertão, unidos ou em lados contrários e, posteriormente, sendo aldeados em Monte-

mor (Baturité) e Pacajus. Neste ínterim, fizeram muitas migrações de itinerários pouco esclarecidos. Os Kanindé (ou Canindé, como é mais comum em fontes e estudos) já estavam presentes nas primeiras obras sobre a história do Ceará, como um dos grupos étnicos do Sertão, apontados em constante circulação, mas habitando áreas próximas à bacia hidrográfica dos rios Choró, Quixeramobim e Banabuiú (GOMES, 2009, p. 77).

Sem nenhuma afirmação étnica, permaneceram em silêncio por um longo período, praticando a cultura, sobrevivendo da agricultura plantando milho, fava, feijão, mandioca, macaxeira, batata, caçando animais como peba, tatu, mocó, prear, punaré etc., como fonte de alimentação, se reunindo se organizando coletivamente, cuidando do meio ambiente de certa forma isolados. Uma comunidade que de acordo com os relatos, era diferente de todas as outras comunidades do pequeno município de Aratuba, pois só andava agrupados, praticavam trabalhos coletivamente, eram ligados à igreja Católica com o apoio de padres e organizados socialmente.

Já situados na aldeia Fernandes, trabalhavam em uma área de terra chamada de Gia. Essa área de terra era utilizada para o plantio e após essa etapa, a mesma área era utilizada pelos moradores do assentamento Alegre para a criação de gado. (Ver anexos E e F). Todo esse contexto ocorria de forma pacífica entre as comunidades, sendo que em 1995 ocorre um conflito que inicia a luta pela terra da Gia. De acordo com Silva (2016, p.52) “Ali eles faziam tudo na comunidade: caçavam, cultivavam e até começaram a se organizar politicamente, embora sempre se mantivessem calados, não se afirmando como índios”. Neste contexto, o povo que até então permanecia calado, quebra o silêncio e se declara como povo Indígena Kanindé. Esse silêncio ainda hoje existe em várias partes do Ceará e do Nordeste, populações indígenas permanecem no anonimato, pois o medo ainda continua e as histórias de sofrimento e luta pela sobrevivência não se apagam das memórias, pois,

Os bandeirantes, que certa literatura histórica do século XX transformou em heróis nacionais e forjadores dos atuais limites geográficos da nação, não buscavam apenas minérios e pedras preciosas; eram igualmente caçadores de escravos índios (OLIVEIRA, 2016, p. 23).

Grande parte das populações indígenas, principalmente do nordeste brasileiro, traz em seus relatos histórias de indígenas que foram pegos a dentes de cachorros. Isso reflete em sua grande maioria a forma como os mesmos eram pegos pelos “heróis” nacionais que a história assim registra. Assim como afirma Palitot (2009, p.409): “O movimento indígena no Ceará se caracteriza como em todo o nordeste brasileiro, pela luta da identidade étnica indígena e por suas terras tradicionais.”

1.2 O território Kanindé

O território indígena Kanindé ocupa uma área de 1.793 (mil setecentos e noventa e três) hectares de terra situado no município de Aratuba, no maciço de Baturité, estado do Ceará. De acordo com a delimitação do processo de qualificação e reivindicação da terra indígena Kanindé, realizado pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Nesse território, residem aproximadamente 247 famílias em um total de aproximadamente 1.157 indígenas, de acordo com o Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (SIASI) no ano de 2020. Vale ressaltar que de acordo com os dados acima essa área e apenas a delimitada pela FUNAI e que outras áreas utilizadas pelo povo kaninde não estão contidas nesta totalidade.

Um dado importante é que o território se situa na Área de Proteção Ambiental/APA)³ da Serra de Baturité, um território bastante importante para a biodiversidade da Fauna e da Flora da região, tendo uma grande diversidade de plantas e animais, alguns deles ainda nem registrados e outros que são protegidos por estarem em processo de extinção.

³ A APA (Área de Proteção Ambiental) da Serra de Baturité e a primeira e mais extensão APA criada pelo Governo do Estado do Ceará, e foi instituída através do Decreto Estadual Nº 20.956, de 18 de setembro de 1990, alterado pelo decreto 27.290, de 15 de dezembro de 2003. Abrange uma área de 32.690 hectares e está localizada na porção Nordeste do Estado, na região serrana de Baturité. Delimitada pela cota 600 (seiscentos) metros, é composta pelos municípios de Aratuba, Baturité, Capistrano, Guaramiranga, Mulungu, Pacoti, Caridade e Redenção.

Figura 2 – Área da APA dentro do território indígena Kanindé de Aratuba delimitado pela FUNAI.



Fonte: Produzido pelo próprio autor no Google Earth a partir dos dados coletados (2021)

Neste contexto, a localização do território indígena Kanindé se torna uma referência não só por estar situado dentro da APA, mas também por ser uma aldeia indígena possuindo uma área destinada a reserva florestal que faz parte da Gia. A reserva é uma área destinada para a preservação da fauna e flora local que possui algumas características próprias, como árvores de grande porte e locais considerados importantes, tendo uma maior incidência de animais e plantas. Esta área está basicamente toda dentro da área que compreende a APA no território indígena Kanindé. A Gia, como é conhecida, é local que marca um grande conflito entre o povo Kanindé e os agricultores do assentamento Alegre no ano de 1995.

[...] com a intervenção e apoio da Associação Missão Tremembé (Amite [AMIT]), os Kanindés intensificaram a busca e defesa de afirmação e reconhecimento étnicocultural, conquistando em definitivo seu “pedaço de chão”, inicialmente conhecido como “Terra da Gia”, correspondente hoje à localidade de Fernandes, com cerca de 300 hectares de extensão territorial, habitada praticamente por duas famílias: dos “Franciscos” e dos “Bernardos” (XAVIER e VASCONCELOS, 2018, p. 489).

Vale abrir aqui um parêntese, referente ao território conhecido como Gia e a aldeia Fernandes. Em seu território, o povo Kanindé possui um sistema de divisão territorial, onde cada local dentro do território tem seu nome específico de acordo

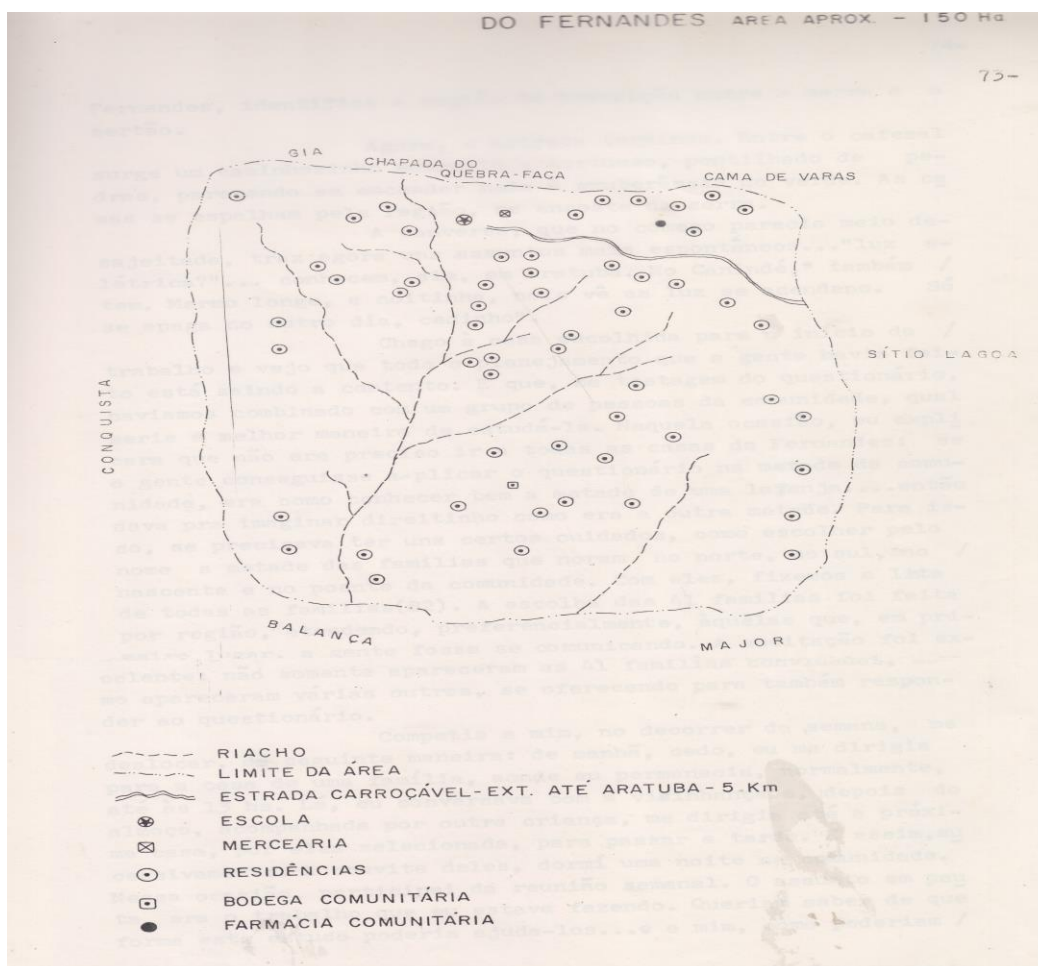
com algumas características. Assim, dificilmente a nomenclatura de um local é modificada. De acordo com essa afirmação, a localidade Fernandes permanece Fernandes desde o seu surgimento, assim como a Gia continua com a mesma nomenclatura, sendo Fernandes uma área de habitação e a Gia uma área dividida entre local de caça e local de reserva.

Assim, o território possui sua divisão territorial de acordo com cada local e sua importância para a aldeia, tendo também esses locais suas referências e utilização para o povo Kanindé, como locais de moradia, de plantio, de caça, de reserva, locais importantes e que possuem nomenclaturas que se referem a famílias ou pessoas da aldeia que estão vivas ou *in memoriam*. Todas essas referências são ligadas diretamente a heranças familiares, ou seja, vão passando de geração em geração e até mesmo sendo doadas para outras famílias para cultivarem essas áreas, sendo trabalhadas assim em regime de capoeiras⁴. Dessa forma, além da recuperação da área sendo recoberta novamente pela vegetação, os animais também se beneficiam através dessa nova roupagem consistindo assim em um processo de conservação da fauna e da flora local. Neste sentido, esses locais não são utilizados para a caça tendo uma característica mais voltada para a agricultura.

Retomando a organização territorial da comunidade que ainda permanece a mesma, algumas dessas especificações estão presentes no mapa abaixo, produzido no ano de 1981, na tese de dissertação da senhora Nely de Lima, que detalha os limites da comunidade, registrando alguns pontos importantes como residências, bodega e farmácia comunitária entre outros. Porém, aqui já podemos fazer uma análise referente à organização comunitária da comunidade.

⁴ As capoeiras são áreas de terra que são cultivadas pelo período de 2 anos consecutivos. Após esse período essa área não é mais cultivada, voltando a crescer o mato e a área fica coberta pela vegetação. Essa área que antes era o roçado agora é denominada de “capoeira”

Figura 3 - Mapa da comunidade Fernandes, 1981



Fonte: Melo (1981)

Pensar nessa linha cronológica é conectar momentos importantes no processo organizacional de luta e resistência do povo indígena Kanindé, através de estudos e dados de registros existentes na comunidade, tendo como base os documentos oficiais de compra e venda de terra, entres outros. Dando um arcabouço maior neste contexto, a dissertação da professora Nely de Lima, traz uma perspectiva da comunidade no ano de 1980, sendo que 15 anos depois, em 1995, a comunidade se declara como povo indígena Kanindé e 16 anos mais tarde, em 2011, a dissertação do professor Alexandre Gomes, traz exatamente a perspectiva da afirmação étnica do povo Kanindé, através do estudo histórico e do processo museológico do museu indígena Kanindé, também aberto ao público em 1995. Temos 2 trabalhos fundamentais nessa perspectiva para estudo, 15 anos antes e 16 anos depois de 1995.

Podemos, com essas análises, observar vários aspectos culturais e organizacionais, fazendo uma comparação ou análise das mudanças que ocorreram em seus vários aspectos, social cultural, político, compreendendo também que o povo Kanindé possui uma forte ligação em termos familiares e organizacional que perpassa por várias décadas e gerações.

1.2.1 Delimitação e documento de compra e venda.

O processo de luta do povo indígena Kanindé possui um contexto social, político, econômico e cultural que ao longo de décadas resiste para ter seus direitos garantidos no que se refere principalmente ao território e seu processo de demarcação, que é demarcado por lutas e resistências. De acordo com Gomes (2011, p.25), “na trajetória dos Kanindé fundem-se memória, [...], conflitos fundiários há várias gerações [...] em torno da posse da terra, onde estão desde 1874, herança deixada através de uma escritura pública pelas gerações mais velhas”.

O documento citado trata-se de uma escritura de compra referenciada em 15 de abril de 1874, que ocorreu na localidade Mares, distrito de Coité, hoje município de Aratuba no estado do Ceará, com a presença dos 3 irmãos Francisco, os compradores, o casal que vendeu o terreno, 2 testemunhas e um tabelião que redigiu o texto da reunião ocorrida para a compra, que após uma década é que foi registrada, em 12 de Março de 1884: comprada pelos três irmãos, Joaquim Francisco dos Santos, Raymundo Francisco dos Santos e João Francisco dos Santos, sendo vendido por Joaquin Rodrigues dos Santos e sua Esposa Francisca Clara de Azevedo, cujo documento foi registrado no Cartório “NELSON DE LIMA” de 2º Ofício.

Esse documento está guardado hoje no museu indígena Kanindé como uma das referências e registros da fixação da família Francisco no sítio Fernandes, ressaltando também que antes do documento os mesmos já residiam na comunidade.

De acordo com o trabalho realizado por Nely de Lima (1981), através de suas pesquisas e entrevistas com Izabel Francisco, de 99 anos, sendo uma das pessoas mais idosas da comunidade; e Maria Domingos, com 90 anos, nos traz o seguinte relato:

De acordo com as informações citadas foi por volta do ano de 1830, que a primeira família chegou aos Fernandes. Tratava-se de Jose Barroso, um dos troncos da família Barroso, ainda hoje residente naquela comunidade, dez anos mais tarde chegaram também os Bernardos. Em 1850, aproximadamente, Mestre Alexandre e Cândida Lucio, davam início hoje a família conhecida hoje pelo sobrenome de Francisco. Francisco Chagas e Francisca Chagas, parece ter sido a última família entre aqueles que constituíram os Fernandes de hoje, segundo as informações recebidas eles chegaram lá pelos idos de 1870. Um estudo mais acurado, hoje, identificaria dentro do emaranhado existente, o grau de parentes e as origens de cada uma das famílias (LIMA, 1981, p.76).

Seguindo, descreve a situação da população referente ao território.

A forma como foram adquiridas as primeiras propriedades é desconhecida, atualmente, cerca de 85% da população tem a sua casa, construída em terra própria, proveniente de herança. E, como esta já vem sendo usufruída pela terceira ou quarta geração, sem nunca ter sido dividida oficialmente, pouco pode oferecer além da terra para morar. Uma exceção é feita a um dos habitantes de Fernandes, que em 1974 adquiriu, por compra, uma pequena propriedade (LIMA, 1981, p.75-76).

Essas informações nos levam a fazer uma reflexão mais profundada referente a chegada do povo indígena Kanindé no município de Aratuba, que poderá ser realizada em estudos futuros, salvaguardando o foco principal deste trabalho no momento, que é a afirmação étnica do povo Kanindé através da caça. Inclusive, será importante levar em consideração, a instalação da vila de índios, “Vila Real de Monte-mor, o novo d’América”, em 21 de abril de 1764, na atual cidade de Baturité, em cuja serra está localizado o município de Aratuba, que abriga o Sítio Fernandes (Silva, 2005).

Destacando também que a presença indígena no maciço de Baturité possui um contexto histórico muito forte, tendo como referência o período de vila e recentemente no ano de 2011 a descoberta do sítio arqueológico na comunidade quilombola da Serra do Evaristo, contendo várias urnas funerárias. Através da organização da comunidade quilombola em interlocução com o povo indígena kanindé no mesmo ano ocorreu o primeiro encontro de comunidades tradicionais do maciço de Baturité na serra do Evaristo com a visita ao sítio arqueológico e um momento de troca de experiências que também participei deste momento muito importante que assegura e afirma mais ainda a presença indígena na região.

Figura 4 – I Encontro de comunidades tradicionais do Maciço de Baturité

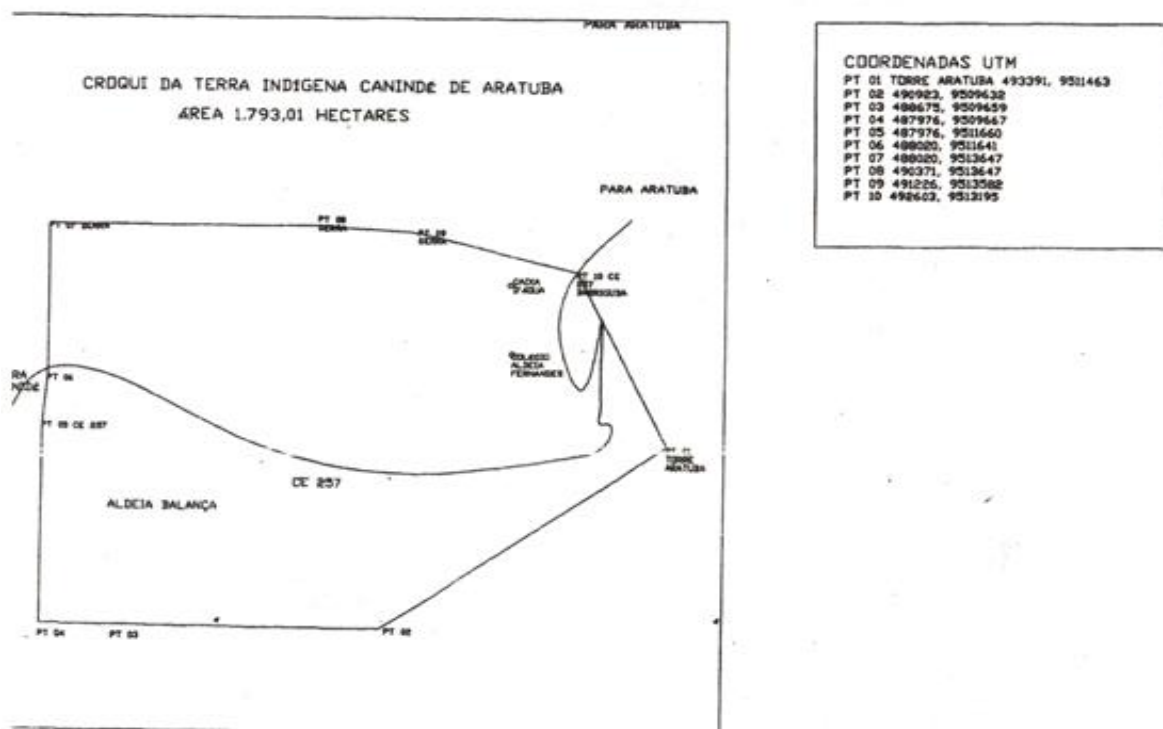


Fonte: Acervo museu indígena kanindé (2021)

1.2.2 Pontos e referências.

No contexto do território indígena Kanindé, através dos caçadores é possível fazer um mapa situacional contendo vários pontos de referências que delimitam espaços locais e territoriais importantes para o povo Kanindé. Nos relatos aparecem nomes como talhado branco, talhado preto, saco da onça, rajado, linha da serra, Gia, mapimbim, talhado do finado Francisco, rajado, pedra da Maria do Quica, Chapada, pedra das panelas, catolé, boqueirão, cachoeira, entre outros. Estes pontos recebem esses nomes por algumas características diretamente ligadas a contextos históricos, locais de caça, de plantio, reservas, rios, referência de capoeiras etc. Todos estes locais estão situados dentro da delimitação realizada pela Fundação Nacional do Índio – FUNAI.

Figura 5 - Mapa da delimitação feita pela FUNAI



Fonte: Processo de qualificação de reivindicação da terra indígena Kanindé de Aratuba (2011)

Os Kanindé somente caçam dentro dos seus limites territoriais que correspondem: Terra da Gia, os Facheiros, Cama de Vara, Os Bicudo, Taiado⁵ Branco, Pedra Preta, Régio, Fernandes, Trápia, Serrote Furado, Cachoeira do Braz entre outras localidades. Geralmente também são áreas de plantio (SOUSA, 2015, p.44).

Como indígena Kanindé e caçador compreendo e afirmo que para os caçadores Kanindé não há limites territoriais para a caça. Locais como Cama de vara, Régio, Serrote Furado, Cachoeira do Braz e os bicudos como citados acima entre outros são locais de caça há muito tempo, entretanto estes locais estão fora dos limites do território indígena Kanindé delimitado pela FUNAI. Não cabe aqui fazer uma crítica, mas uma análise territorial, tendo em vista que a Constituição Brasileira nos diz no seu Art. 231, que "São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários

⁵ Taiado" são paredões rochosos, existentes no território, assim como em diversas áreas com grande altitude, por estarmos localizados em uma serra. A presença desses paredões é bastante comum, servindo assim de abrigo para muitos animais como roedores, pontos também de referência para os caçadores.

sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”. (BRASIL, 1990, p.146), deixando ainda bem claro em seu primeiro parágrafo,

§ 1º São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias à sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições (BRASIL, 1990, p.146).

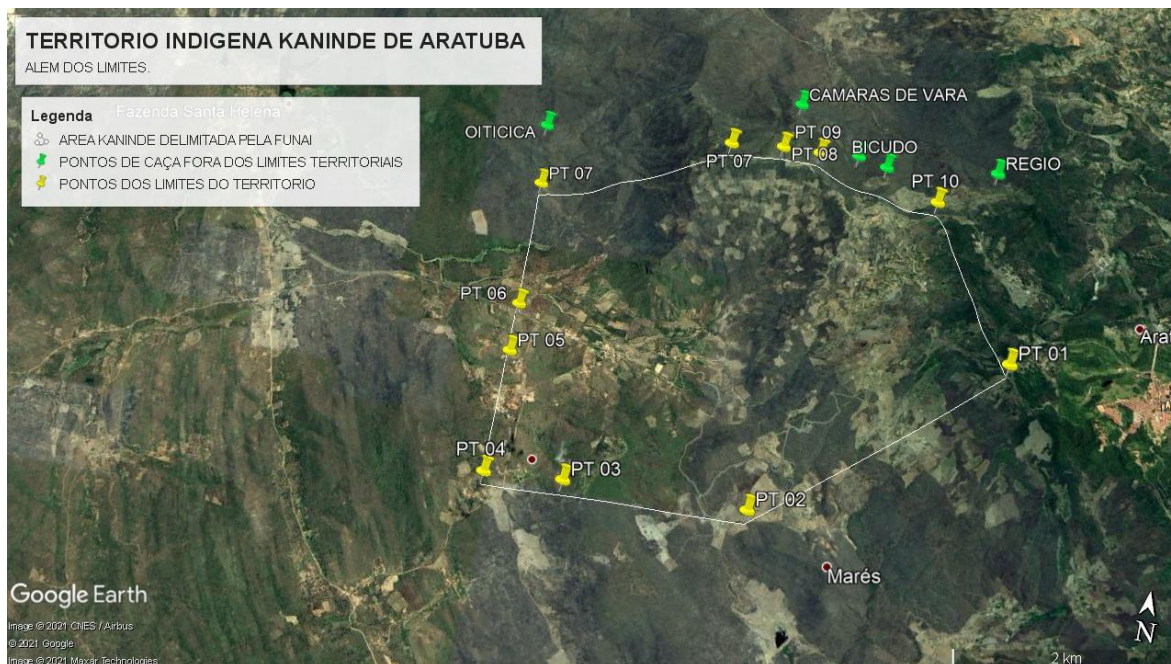
Nos relatos de todos os caçadores há esta referência de rompimento dessas fronteiras territoriais no ato da caça. Assim relata o caçador Manoel dos Santos,

“Realmente o caçador é muito difícil ele caçar só dentro do seu território é muito difícil acontecer, só se for um território muito grande porque você sabe que o caçador tem vários tipos de caça, ele vai buscar essa caça seja lá aonde for, vamos dizer pescar e uma caça se pra nós não tem ajuze temos que ir buscar fora”.

Neste sentido é necessário também se fundamentar em documentos que também trazem estes registros, como referência o próprio Município de Aratuba através da Lei Municipal Nº 522 /2016, que dispõe sobre o reconhecimento da terra indígena da Região Fernandes e adota outras providências. Reconhecendo assim o território indígena Kanindé no município de Aratuba. Tendo como base a Constituição Federal em seu artigo 231 incisos, III, V e IX e o artigo 2º da Lei Nº 6.001/73 (ver anexo B).

Assim, a compreensão de território para o povo Kanindé não está restrita a área delimitada pela FUNAI, pois esses outros locais também utilizados, podem vir futuramente a fazer parte do território, desde que por uma questão histórica e cultural passem a ser reivindicadas, principalmente por ter essa utilização para a sobrevivência cultural, sendo empregados como área de caça para o povo Kanindé.

Figura 6 - Mapa do território indígena Kanindé e locais de caças fora dos limites da delimitação propostos pela FUNAI



Fonte: Produzido pelo próprio autor no Google Earth a partir dos dados coletados (2021)

A caça nestes locais tem como referências para a caçada o difícil acesso de muitos caçadores, principalmente por serem mais distantes e alguns não conhecerem bem esses locais, que também possuem uma característica interessante no que se refere ao terreno, com muitas pedras, rochedos, riachos, varandas e fundas, que dificultam o acesso para os caçadores menos experientes. Nestes locais, há uma quantidade de caça maior e mais fácil de serem abatidas por não ter tanta presença humana. Por esta característica, há alguns animais que podem ser encontrados com maior frequência, não havendo desmatamentos e sendo preservados devido a esta questão de acessibilidade.

1.2.3 Caça e território: da subsistência à afirmação étnica.

A compreensão da caça e da afirmação étnica levam em consideração principalmente o aspecto territorial. O povo Kanindé sobrevive basicamente da agricultura de subsistência plantando milho, fava, feijão, mandioca, mamona etc., praticando também a caça como fonte de alimentação e permanência das práticas culturais. Segundo os mais velhos da comunidade, essa prática vem de muito tempo. Sempre era mais exercida principalmente em tempos de seca e períodos escassos, pois não tinham praticamente nada para comer e as técnicas eram

passadas de geração em geração, sempre na mesma perspectiva, com a frase que se repete pela maioria dos interlocutores “esse menino parece que é índio, só vive nos matos”, ou “esse menino é índio mesmo, só vive nos matos”. Essas frases refletem de certa forma um mecanismo de afirmação étnica, passado também de geração em geração, o que caracterizo como uma forma de afirmação sem se autoafirmar. O que parecia um atributo negativo para os não indígenas, percebo aqui que os mais velhos utilizavam essas frases para dizer que éramos indígenas e na nossa inocência não percebíamos “parece que é índio”, “é índio mesmo só vive nos matos”, ou seja, as palavras que eram utilizadas como forma de incivilidade podem ser traduzidas como forma de afirmação pelos indígenas.

“[...] os Índios passavam a ser referidos como “índios misturados”, agregando-se-lhes atributos negativos, desqualificando-os em oposição aos “índios puros” do passado. Pensar dessa forma a mistura levava à ideia de assimilação e de transformação do índio em não índio” (BRAZ, 2003, p. 52).

Jose Maria Pereira dos Santos, Cacique Sotero⁶, relata: “se fortifiquemo acreditando que nós era índio mesmo, por que e a nossos avó, a nossa mãe, dizia que nós era índio que nós gostava sempre de ir pós mato e só voltá tarde dos mato e ela chamava a gente de índio [...]”.

Compreendendo os locais de caça e plantio dentro do espaço geográfico ocupado pelo povo Kanindé, pode-se afirmar a relação dos aspectos culturais e sociais, tendo como base os documentos históricos e os relatos que deixam muito claro a forma de sobrevivência e organização em relação às lutas travadas no decorrer do tempo, tendo como fonte principal as estratégias encontradas para permanecerem em silêncio e sua organização interna; que vai desde as reuniões realizadas pelos padres na comunidade, no que se refere às Comunidades Eclesiais de Bases – CEBES, até os roçados coletivos, uma prática muito comum entre os Kanindés, mostrando assim união, luta e resistência, sempre coletivamente. Afinal, nos relatos que se tinha referente às diferenças existentes no município, os habitantes da comunidade Fernandes eram tidos como diferentes de todas as outras localidades, principalmente por só andarem em grupos. Essa característica mostra o

⁶ Entrevista com o Cacique Sotero, realizada por Francisco Reginaldo da Silva Santos, em 15 de outubro de 2019.

processo organizacional no cotidiano e na luta e resistência do povo indígena Kanindé.

A luta indígena é algo que vai muito além da busca por espaços, mas perpassa por várias categorias na luta e na resistência por meio de organizações não governamentais e suas próprias organizações, como associações, escolas e conselhos. Dessa forma, o povo Kanindé, com seu alto nível organizacional, possui várias instituições organizadas pelo próprio povo como: Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos Fundada em 1999, Associação Indígena Kanindé de Aratuba (AIKA) fundada em 1996, Museu Indígena Kanindé (MK) e Conselho Local de Saúde Indígena (CONLOSI).

Todas estas instituições fortalecem a luta através de suas organizações fazendo com que o povo Kanindé também seja referência quando se trata de organização social e comunitária. A escola Indígena Manoel Francisco dos Santos parte da iniciativa pôr lutar por uma educação intercultural específica e diferenciada que atendesse aos anseios da comunidade, tendo seu início no ano de 1999 com a abertura de salas para o Ensino de Jovens e Adultos — EJA, sendo o pontapé inicial para a abertura de salas para alunos do Ensino Fundamental I que sofriam muito nas escolas municipais. No decorrer deste processo foram muitas lutas para reconhecimento por parte do estado, formação de professores, espaços para os alunos estudarem organização curricular, credenciamento, etc.

Hoje a comunidade possui uma escola com um espaço físico adequado, professores formados em diversas áreas de conhecimento, 207 alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio regularmente matriculados no Sistema de Gestão Escolar – SIGE. A escola é devidamente credenciada, sendo uma das melhores escolas indígenas do estado do Ceara.

A Associação Indígena Kanindé de Aratuba (AIKA) foi fundada em 1996 para a organização social e política do povo indígena Kanindé, organizada coletivamente para que a comunidade tivesse uma organização que a representasse em vários setores sociais, com o objetivo de defender os direitos do povo. Neste contexto, a associação é mais um ponto fundamental na luta, chegando a participar de vários projetos e conseguir recursos para a implantação de projetos na comunidade como a construção de casa de farinha, centro de artesanato, granja, a própria sede da associação e os quintais produtivos, entre outros.

O Conselho local de saúde — CONLOSI é responsável por questões ligadas ao polo base de atendimento à saúde indígena, se tratando de um órgão interno, com representante no Conselho Distrital de Saúde Indígena - DSEI. Fazendo assim a ligação entre situações que envolvem o contexto local e estadual, referente a atendimentos e organização do próprio polo de atendimento à saúde indígena.

A comunidade também conta com apoio de ONGs e parceiros como o Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos da Arquidiocese de Fortaleza (CDPDH) e a – Associação para Desenvolvimento Local Co-produzido (ADELCO) que trabalham a favor da causa indígena, entre outros. Essa luta é constante e a cada dia mais um passo é dado na conquista dos direitos indígenas, principalmente porque todos esses direitos estão garantidos na Constituição Federal, pois não basta apenas estar lá e esperar que sejam cumpridos. Na verdade, se não ocorre mobilizações e movimentos, esses direitos são esquecidos. – Afinal, o processo capitalista está a todo vapor! Muitos povos lutam diariamente por estes direitos e outros ainda permanecem no silêncio e no anonimato, por medo ou por não conhecer realmente sua identidade étnica. Porém, Carneiro da Cunha (2009) ressalta que “vários povos estão mais do que nunca celebrando sua "cultura" e utilizando-a com sucesso para obter reparações por danos políticos.

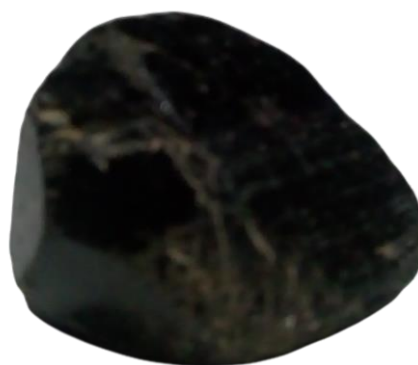
Neste percurso, a caça se torna referência no marco territorial, os locais das caçadas e os caçadores existentes na aldeia, suas técnicas e os animais como fonte de alimento, sempre respeitando os períodos de reprodução de cada espécie. Dessa forma se caracteriza o território e o processo de afirmação, através do processo de luta pelo território da Gia e a abertura do museu indígena Kanindé ao público no ano de 1996. Vale ressaltar que outros povos indígenas no estado do Ceará também praticam a caça sendo ela também uma ferramenta de luta pelos seus territórios, trazendo a luta dos Potiguara, Kalabaça e Tabajara com a luta pelo território conhecido como Nazário, na cidade de Crateús, como cita Carmem Lucia (2020, p.298): “os indígenas estavam lutando pelo Nazário motivados por razões afetivas, pois foi território dos antepassados. Mas como eles mesmos afirmam, destacou ela, era um local destinado à caça”.

CAPÍTULO 2: A CAÇA NO MUSEU INDÍGENA KANINDÉ

2.1 A caça no acervo: classificando os animais desde as categorias nativas.

A caça é uma referência no acervo do museu indígena Kanindé, que tem em seu conteúdo uma vasta coleção de animais e objetos que traduzem a caça e sua importância no contexto histórico, social e cultural. Jose Maria Pereira dos Santos, Cacique Sotero, relata sobre a primeira peça do museu indígena Kanindé.

Figura 7 Pedra preta primeira peça do museu kanindé.



Fonte: O autor (2020)

A gente vendo a história do museu, pode dizer foi conhecida por esta, uma pedra preta que achei ela no sertão, ali embaixo no pé da serra, que aí amostrei a minha mãe. Era uma pedrinha preta, aí nós conhece ela como pedra rutil, mais quando eu amostrei a ela, disse: oi Sotero, essa pedra é pedra dos índios e isso a gente, e você guarde ela, que um dia vocês vão precisar dela, dizendo assim pra butá assim num museu. Aí perguntei a ela: o que é um museu, mamãe? Ela respondeu: o museu são coisas velhas, antigas, coisa que a gente deixa de herança. Os índios onde moravam, tinham tudo essa coisa, e ela é sempre uma pedra que segundo dizia meus avó, que elas escreviam nas outras pedras, a gente escrevendo e dizendo o nome daquela história da gente. E eu fui e guardei a pedra, guardei essa pedra, eu era bem dizer menino, foi em 1958 que achei a pedra (SOTERO, relato oral).

Cacique Sotero é o fundador do museu indígena Kanindé⁷, que de acordo com seus relatos, a pequena pedra preta foi a primeira peça do museu, sendo a peça que deu início a coleta e organização do acervo museológico existente no

⁷ O museu indígena kanindé é um dos vários museus indígenas existentes no Ceará porém ganha destaque por ser o primeiro no estado e a nível nacional e o segundo sendo o primeiro o museu Maguta criado em 1990. Existe hoje no Ceará cerca de 14 museus indígenas em diferentes povos e comunidades indígenas no estado, tendo também outras iniciativas de organização dos acervos existentes nas comunidades.

museu; retratando assim um processo histórico e a visão de museu segundo a sua mãe, naquele período, nos fazendo lembrar também as pinturas rupestres em relação a funcionalidade desta primeira peça que deu origem ao museu. Dando continuidade à entrevista, Sotero continua o relato sobre a criação e organização do museu.

[...] ai eu tinha um quartin na minha casa, ai eu fui e butei esta pedra em cima de uma mesa e fumo achando outras peças, cachimbo, essas coisa assim, aonde nos trabaivava e fumo formando. E é ele como museu, que hoje é nosso museu, né! Hoje a gente vendo ele, tá bem adiantado com outras peças achadas na nossa comunidade mesmo né, na nossa localidade. E essa é uma história que nós temo do nosso museu, é uma coisa tão interessante que eu mesmo me confio tanto que este museu, ele é uma casa assim de escola, que os alunos hoje estão estudando em cima dessas peças, em cima da nossa história, da nossa história aqui da comunidade (SOTERO, relato oral)

Figura 8 Museu indígena kaninde 1ª sede; A parte externa, B Parte interna.



Fonte: Acervo museu indígena kanindé (2021)

O museu foi fundado em um quarto na residência do próprio cacique (Ver Anexo G), onde o mesmo começou a receber peças de pessoas da comunidade e assim formar o acervo. Foram peças de vários tipos, desde panelas de barro até pequenos pássaros e animais encontrados mortos na aldeia, além de peças encontrados por caçadores e nas próprias áreas de plantio. Cacique Sotero relata ainda que no ano de 1995, antes mesmos de participar da reunião ocorrida em Maracanaú, convidado pela AMITE, o mesmo já possuía em seu acervo muitas peças (Ver Anexo D).

Já tinha várias peças, agora, era uma coisa que eu não comparava com que fosse um museu, por exemplo o cachimbo, que é uma coisa mais linda da vida, como outras peças que a gente achou dentro da área indígena. Que tudo, alguma delas eu a tinha, mas ela veio crescer mais, a depois que a gente formou o museu, né! E a mais eu já tinha algumas peças, mais como a palavra museu e com a palavra da pedra que era indígena, foi essa que conde a minha mãe passou pra mim, né. (SOTERO, relato oral).

O cacique relata não ter neste período, ainda, uma noção de museu. E já tinha ouvido muito falar e realizado visitas em outros museus. Reafirmando que as histórias são diferentes e que o museu indígena representa a história do povo indígena Kanindé.

A iniciativa de se criar um museu indígena reflete na organização social do povo Kanindé. Com a história da primeira peça percebemos, pelo contexto, que cada peça do museu tem sua importância e dessa forma também sua organização, feita pelo próprio cacique, que de acordo com algumas categorias pensadas por ele mesmo, fez uma organização separando peças de artesanato, peças relacionadas a caça entre outras; além de mesmo sem nenhuma formação, realizar processo de empalhamento dos animais.

Somente no ano de 1996 o museu foi aberto ao público, pois até então era um “acervo pessoal” do cacique Sotero, guardado sob segredo por ele e pela comunidade, tendo em vista a luta já travada anteriormente, em 1995, pela área da Gia; e pelas histórias contadas por as pessoas mais velhas, sobre o medo que tinham de se assumirem como indígena, devido ao processo de colonização e ameaças de morte. Porém, a hora tinha chegado e o museu foi um dos pontos essenciais para esta afirmação étnica que há décadas era silenciada. O museu se define, assim, como ponto de organização social, cultural e histórica, contando através de cada peça um pouco da história do povo Kanindé, seja uma panela ou um pote feito de argila, um cachimbo, uma foto de uma liderança, uma colmeia de abelha, uma casa de maria de barro ou qualquer outra peça.

Em seu interior, é possível deparar-se com uma vasta quantidade de couros/peles de animais de caça e modelos de fabricação artesanal de suas armadilhas, como o quixó de gerigonça para capturar preás, mocós, tejos, pebas, veados, tatus, nambus, seriemas, juritis etc. (XAVIER e VASCONCELOS, 2018, p. 489).

O museu indígena não é só um local onde se guarda peças velhas como algumas pessoas entendem. Os museus indígenas representam a luta, a resistência, a organização social, a cultura material e imaterial contando a história do povo através de nossa própria visão, dando significado a uma luta que a cada dia precisa de mais significado, para continuar resistindo ao processo de destruição.

O museu passou, ao longo desses 25 anos, por várias modificações, até mesmo de local. Em 2013 saiu do quatinho na casa do cacique Sotero para uma sede própria, próxima da escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, com duas salas de exposições para as peças e um pequeno escritório para organização de documentações. Neste contexto, houve o apoio do Professor Alexandre Gomes, que também foi responsável pela organização e formação do Núcleo Educativo do Museu Kanindé, pelo processo de catalogação das peças do museu, fazendo a catalogação e o registro de 430 peças divididas em 3 coleções.

1. COLEÇÃO BIBLIOGRÁFICA Livros, publicações, revistas, catálogos e congêneres 2. COLEÇÃO ARQUIVISTA Documentos manuscritos, datilografados, digitados, hemerográficos; 3. COLEÇÃO DE OBJETOS Peças não manuscritas e-ou impressas. Sendo que a coleção 3 é dividida e subdivididas em categoria. OBJETOS Categorias de acervo (subdivisões tipológicas) Categoria 1: Artefatos Subcategorias: 1. Achados arqueológicos; 2. Técnicas artesanais: a) Escultura em madeira; b) Trançado em cipó e palha de carnaúba e de coqueiro; c) Cerâmica; d) Fiação de algodão. 3. Equipamento ritual; 4. Adorno corporal; Categoria 2: Equipamento musical; Categoria 3: Equipamento para o trabalho; Categoria 4: Equipamento de uso doméstico e pessoal; Categoria 5: Numismática Categoria 6: Zoológica Subcategorias 1. Mamíferos 2. Aves 3. Répteis 4. Peixes Categoria 7: Vegetal Categoria 8: Mineral Categoria 9: Fotográfica (GOMES, 2011, p.294)

Para o Cacique Sotero, o museu indígena Kanindé é muito mais do que um museu, e isso ele deixa bem claro na entrevista realizada, ao ser questionado sobre a sala de sua residência. Neste local, o cacique possui várias peças, expostas em um contexto organizacional que é uma extensão do museu Kanindé.

Assim, faremos um recorte fazendo referência a 3ª coleção peças e objetos, na Categoria 6: Zoológica. Subcategorias: 1. Mamíferos 2. Aves 3. Répteis 4. Peixes. Essa categoria é onde está de forma mais complexa, a presença da caça no museu indígena Kanindé, com a representação de vários animais de caça, como tejo (couro), tatu (casco, rabo), peba (casco, rabo); e a representação de outros animais,

feitas através de processo de empalhamento ou partes como patas, cabeças, rabos, asas etc.

Mesmo contendo várias peças, essas são as que mais chamam atenção e dão referências aos visitantes que procuram saber que animais são, como são encontrados, se servem como alimentação e as diferenças entre eles, como no caso do peba e do tatu. Isso se dá principalmente pelo trabalho realizado através do empalhamento e como no caso dos dois, pelas carcaças estarem praticamente idêntica, com todas as características presentes, fazendo com que o visitante, ao observar, já analise semelhanças e diferenças, aguçando assim o interesse em saber o que os diferencia.

Esse contexto também se faz necessário, traçando uma linha em torno dos objetos e os locais nos quais foram encontrados ou onde esses animais foram capturados, trazendo aqui uma referência territorial importante para o processo de afirmação étnica. Assim, podemos caracterizar não só os animais ou objetos de caça, mas praticamente todo o acervo museológico. Quase 100% das peças foram encontradas no território ou além dos limites do mesmo, como é o caso de algumas peças que foram encontradas em áreas tradicionalmente ocupadas pelo povo Kaninde porém não estão dentro da delimitação realizada pela FUNAI, locais em que os Kanindé trabalhavam em regime de arrendatários, pagando renda, e até mesmo por caçadores da aldeia, como é o caso de alguns cachimbos encontrados. O acervo possui algumas peças que foram presentes de outras etnias do estado do Ceará e até mesmo de outros estados, que representam laços entre o povo indígena Kanindé e outros povos, com destaque para peças como a cauda de uma baleia, presente do povo indígena Tremembé, que para alguns pode não ter representatividade nenhum por ser um objeto que não pertence a cultura do povo Kanindé, valendo ressaltar que para os povos indígenas o ato de presentear outro povo com objetos de sua própria cultura reflete um laço muito forte de ligação entre estes.

Todo esse contexto tem significado no que é caracterizado como categorias nativas, ou seja, uma relação entre a história vivida e os objetos. Assim,

A relação com a memória é uma importante variável na construção social das identificações étnicas, vivida de forma única em cada

caso. Os mecanismos para a reelaboração do passado se materializam na existência de algumas categorias nativas, nas narrativas a elas relacionadas e nos significados atribuídos aos objetos-documentos musealizados. Estes são três vieses importantes para compreender a construção de representações sobre si efetuado pelos Kanindé no MK e em outros espaços de interação (GOMES, 2011, p.201).

Compreender esse processo é fundamental no processo de luta de um povo, pois a ligação com os objetos é uma das chaves principais de um método histórico, sendo que através dos registros e dos artefatos podemos contar e recontar a história de um povo, conhecendo seus costumes e tradições através de décadas.

2.1.1 Aspectos da Musealização da Caça: Seleção de peças, doadores.

Com a abertura do museu ao público, inicia-se um processo ainda maior de doações de peças. Ainda no quartinho do Cacique Sotero, onde antigamente funcionava um pequeno comércio em que o mesmo comprava e vendia alguns produtos, muitas peças eram trazidas diariamente, até mesmo pequenas aves que eram encontradas mortas, para serem colocadas no museu; e objetos como pedras com formatos diversos, peças em louça (a exemplo de panelas), muitas peças de madeira e partes de animais.

Os doadores eram pessoas das próprias comunidades e essas peças sempre eram encontradas no território, tendo com isso também peças relacionadas a crenças da comunidade, como é o caso da casa do João e da Maria de barro, usada como experiência para o inverno, casas de marimbondos e até mesmo utensílios de pessoas ou de familiares que queriam doar para o museu, para ficar como símbolos históricos.

De acordo com a análise que realizei, foram encontradas 26 peças no acervo que são partes de animais diretamente ligadas a caça e que servem de alimentação para o povo Kanindé. Sendo que a maioria, ou quase todos, apareceram nos relatos no decorrer da pesquisa, ressaltando ainda que o acervo referente a classificação desses animais possui uma grande variedade de outros, não cabendo aqui por não serem utilizados como alimentação para o povo Kanindé, com base nessa análise, mas que têm fundamental importância para o território e a biodiversidade.

Tabela 1 - Lista de animais que servem de alimentação para o povo Kanindé

e que estão representados no museu através de suas partes, consideradas como objetos

QUANTIDADE DE PEÇAS	TERMO	NÚMERO DE INVENTÁRIO
1	⁸ 234. GATO MARACAJÁ	MK.011.351
2	236. GIRITA (COURO)	MK.011.353
3	237. TAMANDUÁ (COURO)	MK.011.354
4	239. GATO MARACAJÁ VERMELHO (EMPALHADO)	MK.011.356
5	240. RABO DE TATU	MK.011.357
6	241. TAMANDUÁ (EMPALHADO)	MK.011.358
7	243. RABO DE GATO MARACAJÁ	Mk.011.360
8	244. PATA DE ONÇA	MK.011.361
9	248. PÉ DE VEADO	MK.011.365
10	251. COURO DE MOCÓ	MK.011.368
11	252. GAVIÃO (EMAPALADO COM HASTE)	MK.011.369
12	262. COURO DE GIRITA	MK.011.379
13	264. COURO DO TEJO	MK.011.381
14	266. COURO DE CAMALEÃO	MK.011.383
15	270. ROLINHA (AVOANTE)	MK.011.386
16	271. CASCO DE CÁGADO	MK.011.387
17	274. PÉ DE JACÚ	MK.011.389b
18	280. CABEÇA DE TAMANDUÁ	MK.011.394
19	282. COURO DE PORCO DO MATO	MK.011.396
20	284. BANHA DE TEJO	MK.011.398
21	289. CASCO DE PEBA	MK.011.553
22	290. PÉ DE GAVIÃO	MK.011.554
23	293. PÉ DE PATO	MK.011.557
24	294. CASCO DE PEBA	MK.011.558
25	299. PÉ DE GALO	MK.011.563
26	300. CASCO DE TATU (NA URUPEMA)	MK. 011. 564

Fonte: Produzido pelo próprio autor com base nas fichas do inventário existentes no museu indígena Kanindé (2021)

Ao serem recebidas as peças, dependendo de sua classificação, podem passar por um processo de limpeza e de higienização para poderem ser expostas. Cacique Sotero busca organizar de acordo com o local que cada peça se encaixa, dependendo de suas especificidades e os cuidados que a mesma precisará ter. Como já citado, a maioria das peças são doadas pelos próprios indígenas da comunidade e cada uma possui uma história e um significado para o museu. As peças registradas no acervo possuem seu registro e fichas de inventário,

⁸ Estes números representam a numeração da peça de forma sequencial de acordo com a tabela de registro das peças.

Adotamos, por convenção, o formato MK.011.001, respectivamente a sigla do museu, o ano de entrada da peça e uma numeração sequencial. Posteriormente, o código numérico foi colocado na ficha de registro do objeto (ficha de inventário) e marcado no próprio objeto (através de esmalte, caneta nanquim, lápis ou marcador e etiquetas de papel com cordão de algodão). Junto com a marcação, organizamos uma listagem de registro ou inventário do acervo, associando os códigos numéricos aos termos-nomes dos objetos (GOMES, 2011, p. 108).

Figura 9 - Cachimbo de barro, peça MK.011.01, representação da marcação das peças de acordo com o registro



Fonte: O autor (2021)

Reforçando o que foi descrito anteriormente, as 26 peças representam neste contexto apenas partes de animais que servem de alimentação para o povo Kanindé, evidenciando assim que o acervo referente a caça não se restringe apenas a estas peças, pois objetos como, pilão, cachimbos, pedras, armadilhas, chapéus, bornó, baladeira, porretes, lanças, arco e flecha, bordunas, foices, machados, chibanca, enxada, etc., todas também fazem referência a caça e estão presentes no museu.

Figura 10 Organização espacial das peças no Museu Kanindé.



Fonte: O autor (2021)

2.1.2 Técnicas de Conservação: empalhamento, secagem, etc.

O povo Kanindé domina várias técnicas que são utilizadas de acordo com as suas necessidades e que foram aperfeiçoadas com o tempo. Percebemos hoje no museu Kanindé, várias caças que passaram por um determinado processo para permanecerem conservadas, apesar do clima existente na aldeia por estar situada em uma serra. Segundo o pajé Maciel, anos atrás era muito utilizada a venda de couro e peles de animais, dando referências a uma técnica de secagem das peles. Segundo ele, utilizavam o “espichamento”, esticando o couro com a utilização de varas de uma ponta para outra e o deixando bem aberto para poder secar. De acordo com Gomes (2009, p. 92), “no acervo há muitos bichos taxidermizados por técnica caseira do próprio Sotero, além de couros, artesanatos e objetos relacionados principalmente a caça.”

Essa técnica é perceptível no museu indígena Kanindé em várias peças. Destaco como referência a peça MK.011.353, um couro de Girita (gambá). Também existem várias outras técnicas utilizadas pelo cacique Sotero, que domina a grande maioria das mesmas, fazendo assim um processo técnico de limpeza e conservação desses objetos, destacando aqui uma técnica de remoção e limpeza de animais

como tatu e peba peças (MK.011.559 MK.011.561), que possuem a carapaça completa com casco, cabeça e rabo, onde dos mesmos foram removidas todas as partes interiores e os mesmos ficando intactos. Assim, é perceptível que é uma técnica muito bem aplicada, sendo que são animais que de certa forma se decompõem rapidamente se não tiverem um tratamento técnico e uma técnica bem aplicada, para que fiquem como estão representadas no museu hoje.

Figura 11 - Couro de Girita (gambá) MK.011.353



Fonte: O autor (2021)

Figura 12 - Casco de Tatu peça MK.011.561



Fonte: O autor (2021)

Outras peças relacionadas à caça também chamam bastante atenção, como as peças MK.011.355 e MK.011.356 sendo a primeira um tamanduá mirim e a segunda um gato maracajá, ambos empalhados pelo cacique Sotero, que fez a remoção das partes internas dos mesmos e em seguida passaram por um processo de secagem com a utilização do espichamento. Posteriormente, a peça foi preenchida internamente com algodão, fazendo a costura e ficando os animais no seu formato bem parecido com suas estruturas normais. Estas duas peças são guardadas dentro de uma vitrine de vidro no museu, evitando assim seu desgaste com o tempo, da mesma forma que outras peças mais delicadas do acervo.

Figura 13 - Tamanduá Mirim Empalhado (peça MK.011.358)



Fonte: O autor (2021)

Figura 14 - Gato-maracajá empalhado (peça MK.011.351)



Fonte: O autor (2021)

2.1.3 Expografia

A visita em um museu tem como referência sua estrutura, levando em consideração a forma como cada objeto é exposto e sua finalidade, buscando assim mostrar ao visitante uma aparência que desperte o interesse e a curiosidade de saber e compreender a função daquela peça, daquela forma organizacional ou mesmo fazer uma leitura própria do que está percebendo frente ao objeto. Segundo Gomes (2009. p. 92), “a organização espacial ocorre concomitantemente ao processo de mobilização étnica” tendo uma ligação direta com o processo de afirmação, sendo o museu um dos pilares da afirmação étnica do povo Kanindé.

O Museu Kanindé possui uma expografia diferente dos museus convencionais, pois todas as peças são ali organizadas como coleções separadas, porém todas juntas expostas nas paredes e nas mesas refletem uma organização própria que valoriza cada peça uma ao lado da outra. Afinal, todas elas têm basicamente a mesma representatividade e se associam no contexto histórico, político, econômico e social da aldeia. Especialmente, o museu possui três divisões, estando na primeira, as peças mais relacionadas a caça, artesanato, trajes e vestimentas, registros históricos através de quadros com reportagens e com as principais lideranças da comunidade e os animais empalhados. Na segunda parte estão os materiais mais ligados a achados arqueológicos encontrados

principalmente por caçadores e agricultores, como: pedras de coriscos, machadinhas de pedra, cachimbos, peças em cerâmicas, utensílio e maquinários antigos, contendo neste espaço também alguns quadros com notícias e um livro de registros de visitas. A agricultura e a caça possuem assim uma importância muito grande na formação do acervo do museu kanindé principalmente por estas atividades estarem diretamente ligadas ao espaço territorial delimitado pela FUNAI e também utilizado tradicionalmente. A terceira parte trata-se de um local reservado para arquivos documentais do povo indígena Kanindé assim como dos povos indígenas do estado do Ceará, possuído um acervo doado pela AMIT.

2.1.4 Classificação da caça segundo os caçadores

As caças existentes no museu indígena Kanindé, assim como todas as outras peças, possuem classificações que são relacionadas a luta, sobrevivência e costumes do povo indígena Kanindé. Possuem uma classificação feita pelo cacique Sotero, juntamente com seu irmão Cicero Pereira: as coisas das matas, as coisas dos índios e as coisas dos velhos. As coisas das matas seriam os objetos ligados as matas que envolvem essa relação com o ambiente. As coisas dos índios são ligadas a objetos encontrados no território e utensílios utilizados nos rituais. As coisas dos velhos se referem a peças que pertenciam a pessoas mais velhas da comunidade e que hoje se encontram no museu.

A segunda classificação das peças foi feita a partir do processo de formação e organização do museu com o professor Alexandre Gomes, juntamente com Cacique Sotero, seu filho Suzenilson e lideranças da comunidade. Neste processo, a caça no museu está representada na categoria Zoológica: mamíferos, aves, répteis e peixes. Para Gomes (2011), “a categorização de acervos deve congrega objetos que estabeleçam um diálogo coerente em relação aos seus sentidos documentais ou simbólicos”.

De acordo com os dados coletados em minha pesquisa, os caçadores também possuem outras definições e categorias. Se referindo a caça, utilizam as categorias “**caça da noite**” e “**caça do dia**” ao levar em consideração animais que possuem hábitos diurno e os com hábitos noturnos.

- a) A caça da noite são animais um pouco maiores como: peba, tatu, girita tamanduá também conhecido como parde ou mambira etc. Por possuírem hábitos noturnos, estes animais, em sua grande maioria, são capturados com apoio de cachorros;
- b) A caça do dia leva em consideração principalmente os roedores como: preá, punaré, mocó, tejo ou teio, veado de capoeira, entre outros, tendo destaque também as aves.

Baseado nesses conhecimentos, foi possível traçar um panorama dessas classificações, levando em consideração a classificação dos animais encontrados no museu e a referência dada pelos caçadores.

Tabela 2 - Classificação dos animais segundo os caçadores e as peças do museu Indígena Kanindé

Animais nomes locais	Nome Científico	Classificação Zoológica	Classificação dos caçadores
Peba	<i>Euphractus sexcinctus</i>	Mamífero	Caça da Noite
Tatu	<i>Dasypus novemcinctus</i>	Mamífero	Caça da noite
Tejo/ Tiú	<i>Tupinambis merianae</i>	Réptil	Caça do dia
Mocó	<i>Kerodon rupestris</i>	Mamífero	Caça do dia
Punaré	<i>Thrichomys apereoides</i>	Mamífero	Caça do dia
Juriti	<i>Leptotila verreaux</i>	Ave	Caça do dia
Jacu	<i>Penelope jacucaca</i>	Ave	Caça do dia
Tamanduá/ Padre/ Manbira	<i>Tamandua tetradactyla</i>	Mamífero	Caça da noite
Girita	<i>Conepatus semistriatus</i>	Mamífero	Caça da noite
Veado de Capoeira	<i>Mazama gouazoubira</i>	Mamífero	Caça do dia
Gato -do -mato Maracajá	<i>Leopardus wiedii</i>	Mamífero	Caça do dia
Onça	<i>Puma concolor</i>	Mamífero	Caça do dia
Quandu	<i>Coendou baturitensis</i>	Mamífero	Caça da noite
Cassaco	<i>Didelphis sp.</i>	Mamífero	Caça da noite
Gavião	<i>Geranoaetus melanoleucus</i>	Ave	Caça do dia
Siricoia	<i>Aramides saracura</i>	Ave	Caça do dia
Nambu pe rocho	<i>Crypturellus tataupa</i>	Ave	Caça do dia
Avoante	<i>Zenaida auriculata</i>	Ave	Caça do dia/ noite
Sariema	<i>Cariamidae</i>	Ave	Caça do dia
Camaleão	<i>Iguana iguana</i>	Repteis	Caça do dia

Fonte: O autor (2021)

Vale ressaltar que dentre essas duas categorias há animais que pertencem a essas duas definições levando em conta o contexto e a forma como os animais são capturados. Um exemplo é o mocó, podendo ser caçado durante o dia com arma de fogo; e, no entanto, sua captura ocorre também à noite através das armadilhas.

CAPÍTULO 3: O SIMBÓLICO E O ESPIRITUAL: A CAÇA COMO MEDIADORA DA RELAÇÃO ENTRE OS CAÇADORES KANINDÉ E AS MATAS.

3.1 O dia da caça e o dia do caçador

É perceptível na aldeia Kanindé que durante muito tempo a frase acima persiste no imaginário das pessoas, porém é preciso compreender o que ela representa para uma comunidade indígena. O ato de caçar consiste em técnicas e momentos de uma relação intensa com o ambiente. Neste momento, o ser humano é o “caçador” com suas armas e seus aparatos de conhecimento, porém isso não impede que ele também seja a caça. Afinal, também é um animal, podendo ser atacado por uma onça, por um guaxinim, uma raposa ou outros animais. Na caçada com cachorro também é necessário ter essa compreensão, pois os mesmos também podem ser mortos durante a caçada por um dos animais já citados, assim como por um tamanduá (*Tamandua tetradactyla*), animal bastante comum na região e que possui um abraço mortal, com suas garras cumpridas e afiadas. Assim, a caça deve ser entendida também como uma forma de sobrevivência. Segundo os relatos, não são todos os dias que o caçador deve ir caçar, sendo registrado que segundas, quartas e quintas não são dias bons, pois de acordo com os relatos, nesses dias sempre ocorrem algumas coisas estranhas com quem está caçando. Manoel Constantino de Souza, Pajé da aldeia, e sua esposa Maria Felipe dos Santos⁹ nos relatam,

Pajé Maciel - É porque o dia da caça é esse! Tem dia que você vai pro mato e você não caça nada, tem um dia que a gente tem de experiência parece que é quarta e quinta que não é bom. - Dona Julia, esposa – Dia de segunda também não é bom não!!! - Seu Maciel – Sábado dá certo, sexta também. Nesses dias da caça ele atira e não dá certo, não mata nada. – Dona Julia, esposa - o mato é cheio de marmota, o dia do caçador é quando ele vai que mata né, e no dia que ele não mata e o dia da caça, é tanta coisa! (SANTOS, relato oral)

Segundo os caçadores, após entrar na mata já se percebe que aquele dia mesmo sendo um sábado não é um dia do caçador, pois é perceptível através de vários sinais como arrepios e encontro com animais peçonhentos. Os sinais

⁹ Entrevista com Manoel Constantino de Souza, 89 anos, Pajé da aldeia e sua esposa Maria Felipe dos Santos, 85 anos, por Francisco Reginaldo da Silva Santos, em 13 de fevereiro de 2021

demonstram que a caçada deve parar por ali e que o caçador tem que retornar para casa e não prosseguir, pois pode ocorrer coisas piores. Para Souza (2013), quando o caçador sente a presença da “Dona do Mato” é um aviso para não continuar, parar a caçada ali e voltar para casa.

Manoel dos Santos de Souza¹⁰ traz um relato que demonstra a importância desses conhecimentos para o povo Kanindé:

Caça depende do dia. Caçada com cachorro depende do dia. Você as vezes você vai pros matos com o cachorro, você passa a noite no mato e os cachorros não acoa nada, não acha nada. Bom, aí foi questão do dia, aquele dia não era pra você caçar, você foi porque quis, mais não era pra ter ido porque não dá certo. Da mesma forma é a caça que você vai caça de espingarda, no dia que é pra você. Tudo dá certo. No dia que não é pra você dá tudo errado, que realmente se todo dia fosse dia de caçador era bom demais, o dia da caça pode ser todo dia, que as caças tão lá e a vida delas (SOUZA, relato oral)

3.2 Curupira, Caipora e outros seres das matas

“Mata também tem dono” (Maria Felipe dos Santos, 85 anos, esposa do pajé Maciel)

Os conhecimentos sobre os encantados trazem referências fundamentais para compreender a relação entre os caçadores, os encantados e as matas. São vários os relatos sobre acontecimentos e histórias que trazem estes seres e suas atuações em defesa das matas. Pajé Maciel nos conta um relato sobre a caipora. Segundo ele,

Dois caçadores andavam no mato falando sobre caipora que era bem pequenininha, e um caçador disse que tinha vontade de ver, porque vira e mexe, e não tinha medo, o outro caçador pediu para que o mesmo ficasse calado. Em outro dia andavam caçando aí se apresentou uma caipora a eles, era toda cabeludinha, aí o caipora o chamou pra briga. Como era grandão não queria porque a caipora era pequenina, mais aceitou. Então derrubou a caipora, porém quando ela se levantou já estava maior e assim continuou, já pela quarta queda estava do tamanho do caçador, então derrubou o mesmo no chão e colocou pau em todo buraco (PAJÉ MACIEL, relato oral)

¹⁰ Entrevista com Manoel dos Santos de Souza 57 anos, por Francisco Reginaldo da Silva Santos, em 22 de fevereiro de 2021

Há neste contexto também relatos de caçadas a noite onde os cachorros apanham as caças que são vistas e desaparecem do nada, que segundo os caçadores são os encantados, os enganando. Há na aldeia várias histórias contadas por caçadores sobre esses acontecimentos ocorridos nas caçadas, relatos de assobios, falas, árvores caindo, animais com características nunca vistas e que agem de forma diferente. Relata o caçador Jose Constantino dos Santos¹¹ conhecido como Zé Maciel, “era um mocó bem alvinho estava no bico da pedra, nunca tinha visto, ele abriu os braços como se fosse uma pessoa pedindo pra mim atirar, tentei três vezes e a espingarda batia o catolé¹²”. Outros relatos como: barulhos de pedras rolando, porém não são vistas, como também pedradas em árvores e os caçadores não visualizam essas pedras caindo no chão, entre vários outros acontecimentos. O senhor Antônio Constantino¹³ traz relatos que demonstram sobretudo a importância do respeito, a compreensão e experiência que o caçador deve ter no ato da caça:

Aconteceu comigo isso. Aconteceu eu peguei a espingarda aqui e desci pras cama de vara eu desci aqui pelo jucazeiro, aí quando eu chego em baixo aonde tinha um roçado que se chamava roçado do Lorival, que tinha até uma mangueirinha, eu desci, quando cheguei em baixo peguei uma varandzinha de pedra baixinha, varandinha baixinha, e lá da varandinha eu olhei lá na frente, no final da varandinha tinha uma pedra lá cheia de mocó correndo atrás um do outro, eu digo eu vou lá naquele mocó, aí saí cortando a varandinha... quando cheguei assim na frente tinha uma laje de pedra assim como daqui na cozinha, (distância de 5 metros) pra mim passar por cima né, uma pedra rampada do lado de cima era uma capoira só de alecrim, aí eu ia bem tranquilo com os..., oi lá no mocó tomando chegada né, quando dei fé jogaram um torrão em mim, veio um torrão de cima bateu assim bem pertinho de mim na minha frente que se esbagaçou. Aí eu parei, olhei pra um lado olhei pro outro não vi ninguém, dei duas passada, aí laivem outro do mesmo rumo, veio de lá bateu na minha frente que esbagaçou, aí eu pensava que era o Pedro Cordulino, deu vontade de dizer, deixa de brincadeira macho, aí bom, aí dei outra passada, aí laivem outro, aí não pensei duas vez não, eu dei voltando pra traz, peguei a grota de cabeça riba enquanto o diabo passou a mão nos oi, eu chequei em casa. Era a caipora! Acontece (CONSTANTINO, relato oral)

¹¹ História contada na Aldeia e registrada como lenda do mocó rei.

¹² “Bater o Catolé” significa que a arma não disparou, apesar de estar devidamente carregada e pronta para o disparo e seu dispositivo foi acionado.

¹³ Entrevista com Antônio João Constantino 64 anos, por Francisco Reginaldo da Silva Santos, em 10 de setembro de 2021

Para outros povos, a caipora possui outra nomenclatura. Assim, para os Atikum (estado de Pernambuco, região Nordeste do Brasil), caiporinha ou Dona da mata. Segundo eles,

duas são as características mais recorrentes quando se comenta sobre a Dona do Mato: o seu chicote, “que dá peia no povo que o povo chora” (Dona Andorinha), fazendo “o cachorro correr a noite todinha” (Bira), dando “surra nos cachorro” (Zé de Preta) e o seu assobio, conforme relatado acima. As chicotadas seriam a punição aos caçadores por estes não terem acatado os avisos em forma de assobio da Dona do Mato de não caçarem naquele momento (LÉO NETO, 2011, p.128)

Fazendo essa análise é perceptível a presença destes seres encantados em várias regiões do Brasil, sendo esses relatos contados por caçadores, trazendo consigo essas mesmas características o que nos faz concluir que a referência é a mesma, variando as nomenclaturas e a representatividade deste ser encantado para cada povo. Para Souza (2013, p.67), de acordo com o estudo realizado no município de Conde no estado da Paraíba, “Na região, segundo os caçadores, “o mato tem dona”. A crença na Comadre Florzinha que protege as matas faz parte da cultura indígena através dos caçadores e é ela quem dita as “leis do mato”.

A caipora é um ser que protege as matas e não está representada apenas na cultura indígena, pois há muitos relatos sobre fatos ocorridos. Vale ressaltar que não tem o mesmo significado para todas as pessoas, principalmente para as pessoas que não se afirmam como indígenas. Percebo aqui que se trata de uma questão de não acreditar e utilizar, neste sentido, como algo folclórico ou simplesmente não assumir o fato de que seja verdade, sendo que para os povos indígenas não se trata de uma imaginação ou folclore, pois é perceptível através dos sentidos e das observações ocorridas durante as caçadas. O que o caçador não pode dizer e que nunca sentiu ou percebeu a presença desses seres no ato da caça, sendo indígena ou não.

Antônio Wagner¹⁴ relata uma história contada por seu pai, semelhante ao contexto da caiporinha ou Dona da Mata:

um dia ele foi caçar mais meu tio João, quando os dois vinham voltando os cachorros acuaram um toco e ficaram latindo por um

¹⁴ Entrevista com Antônio Wagner da Silva Santos 38 anos, por Francisco Reginaldo da Silva Santos, em 10 de março de 2021

longo período, depois começaram a apanhar. Depois de algum tempo meu tio João já preocupado com os cachorros, correu lá, pegou o cachorro e desceu um alto correndo com ele nos braços, fugindo do que seria as caiporas. Quando chegou longe colocou o cachorro no chão e de repente o cachorro começou a crescer e ficou bem grande, os dois se arrepiaram aí perceberam que o cachorro voltou para o tamanho normal (WAGNER, relato oral).

O entrevistado também ressalta, que como eles não disseram nada, nenhum palavrão, não ocorreu nada com eles. Essa situação também ocorreu com outros caçadores da aldeia, principalmente quando estão em alguns pontos que possuem algo mais ligado à conexão com o ambiente, sendo perceptível até mesmo no próprio vento chegando a causar arrepios, principalmente para aqueles que dizem não acreditar, em sua maioria, “não indígenas”, “Até os caçadores mais céticos preferem não a desrespeitar, não falando palavrões quando estão dentro das matas, descritos como formas de insulto (SOUZA, 2013.p 67). Assim, é compreensivo que se trata aqui de uma relação de proteção e respeito, afinal, não aceitaríamos uma pessoa dentro de nossa própria casa falando palavrões ou nos desrespeitando.

O caçador Antônio Wagner traz outros relatos sobre caçadas e acontecimentos.

Fui caça mais um colega e ocorreu quase a mesma coisa que aconteceu com o pai e o tio João. Meu colega não acreditava nisso, aí de repente os cachorros começaram a latir como se tivesse um animal atrepado nas árvores, mais não víamos nada aí tiramos os cachorros, porém continuou em outro canto, aí eu disse pra ele, vamos embora que hoje não vai dá certo não. Depois desse dia ele passou a acreditar (WAGNER, relato oral).

Segundo Xavier e Vasconcelos (2018, p.489), “para matar essa entidade fantástica, é preciso estar com um pedaço de fumo e colocar em cima de uma pedra para atraí-la”. Porém, na aldeia nenhum caçador conseguiu ver ou matar uma caipora, mesmo tendo histórias sobre caçador que já levou surra dela. Os relatos dos caçadores Kanindé possuem outra versão sobre esses seres encantados. De acordo com os relatos, a caipora protege sim a natureza. O fumo não é colocado em cima de uma pedra ou na cabeça de um toco para tentar matá-la, mas sim como oferenda, para que a mesma ajude na caçada, mostrando onde estão os animais e até mesmo protegendo os próprios caçadores. Segundo estudo conduzido por Modercin (2010) em Paulo Afonso, Glória e Rodelas municípios do estado da Bahia.

[...], se uma pessoa entra na mata para coletar mel ou caçar tatu peba, ela só os encontra se os encantados assim quiserem. Pode ser o caçador mais experiente da região, se os encantos não quiserem, a pessoa passa várias vezes pelo “buraco do peba” ou pela árvore onde está uma “casa de abeia branca” e não os vê (MODERCIN, 2010).

Todo este contexto é analisado e quando os caçadores percebem essa presença é sinal que é hora de ir para casa ou aquele dia não é o do caçador e sim o dia da caça. Na maioria das vezes isso também ocorre quando o caçador já tem feito a caçada, como os mesmos dizem, e mesmo assim continuam caçando. Dessa forma é como se ocorresse um desequilíbrio entre a necessidade e a quantidade de animais mortos pelo caçador. Isso faz com que ocorra pedradas, pedras rolando, assobios entre outras coisas que são consideradas como anormais.

A identidade dos humanos, vivos e mortos, das plantas, dos animais e dos espíritos é completamente relacional e, portanto, sujeita a mutações ou a metamorfoses de acordo com o ponto de vista adotado, posto que cada espécie deve perceber as outras espécies de acordo com seus critérios e necessidades próprias (DESCOLA, 2001, p. 249).

Essa reflexão nos traz à tona um contexto espiritual muito forte, quando nos referimos a uma comunidade indígena que possui uma ligação complexa com o meio ambiente, trazendo assim, o que caracteriza como encantado, ou seja, pessoas que após a morte ainda permanecem no contexto espiritual da comunidade protegendo e dando força para a continuidade da luta. Estes fatos costumam ocorrer em momentos de rituais, nos quais os encantados vêm a determinadas pessoas trazendo mensagens ou recados. As histórias são laços entre todos os aspectos culturais de um povo que envolve conhecimentos sobre a natureza e a relação com os encantados e saberes ancestrais.

Manoel dos Santos nos relata um fato bem interessante que envolve os perigos da caça à noite e a importância do respeito no ato da caçada. Segundo ele, já viu muitas coisas nas matas, chegando até mesmo a levar torrãozadas¹⁵. Porém nestes momentos o silêncio é a melhor arma, afinal “todo canto tem seu dono”,

¹⁵ “torrãozadas”: os torrões, como são conhecidos na aldeia, são casas de minhocas, que segundo os caçadores são jogadas pelos seres encantados para assombrar os mesmos.

Um caçador daqui mesmo foi caçar a noite, levou os cachorros, à noite a caça do tamanduá é muito perigoso para os cachorros, pois ele abre os braços e se agarra com o cachorro e enfia as garras. Nos cansamos de cortar braços de tamanduá para soltar e arrancar dos cachorros. Aí esse caçador foi caçar e os cachorros se agarraram com um tamanduá e como ele não tinha muito conhecimento chegou perto tirou os cachorros e colocou o pé em cima do tamanduá, a sorte era que estava com uma bota, mais mesmo assim o tamanduá enviou a unha que atravessou a bota e rapidamente a bota se encheu de sangue, foi preciso cortar a bota e o braço do tamanduá para poder soltar e o mesmo passou um bocado de mês aleijado da perna devido essa besteira que ele fez (SANTOS, relato oral).

O ato de entrar na mata, pedir licença respeitando a natureza, consiste em uma relação espiritual. Cada caçador tem sua forma de se relacionar com as matas e com os seres encantados. Assim a forma como se caça e como se relaciona se reflete nos seus atos e conseqüentemente no que poderá ocorrer com o caçador no decorrer da caçada.

Antônio João descreve como ocorreu um fato bem interessante com ele no decorrer de uma caçada:

Aconteceu comigo descendo aqui praquela cachoeira que tem ali em baixo, a cachoeira do Braz. Sai daqui pra caçar e descí, quando chego lá em baixo avuou uma juriti, avuou e sentou-se assim na frente, eu vou, armo a espingarda, e saí tomando chegada com a espingarda armada, já no ponto de atira né, quando chego na posição de tiro que botei a espingarda em cima, a juriti vuou mais pra frente. Eu continuei, fui seguindo ela, quando chegou mais na frente, que butei a espingarda em cima dela ela vuou foi embora. Eu vou e volto, aí não sei se já derrubaram esse pau branco, tinha um pau branco grosso na beirada do camim. Eu fui e me encostei no pau branco, desse jeito aqui (mostrando a posição). Dei as costas, pro pau branco, peguei a boca da espingarda, botei debaixo do queixo e passei a perna por cima da espingarda aqui e fiquei. Aí uma voz falou: olha pra baixo que a espingarda tá armada! Eu olhei pro lado olhei pro outro, não vi ninguém, aí a voz tornou falar mais uma vez, mais forte. Olha pra baixo que a espingarda tá armada! Eu fui baixei a vista, quando baixei a vista que olhei pra espingarda a espoleta chega tava alumando no sol, o cão¹⁶ armado. Eu fiz aqui vapo. (gesto tirando a espingarda debaixo do queixo)! Empurrei a espingarda pracula e truci a cara. Só fiz desarmar a espingarda e voltei pra traz. Lembro como se tivesse acontecido ontem (JOÃO, relato oral).

¹⁶ O cão é um dispositivo que quando acionado deixa a arma preparada para disparar, sendo ele o responsável por bater na espoleta e realizar o processo de disparo da arma, conhecida como espingarda socadeira.

A prática da caça, mesmo podendo ser considerada por muitos como um ato violento, com o abatimento de um animal, também reflete uma relação de sobrevivência, podendo ser classificada em sistema de equilíbrio, desde que seja praticada responsabilmente e tendo como base os conhecimentos de cada espécie, favorecendo assim sua permanência em quantidade suficiente, sem ameaça de declínio populacional.

A única carne que eles comiam, nos tempos passados, era a carne de punaré, um tipo de rato do mato. Comiam também, preá e pixuna, semelhantes ao punaré, girita tamanduá, avoante, juriti, tejo, camaleão, peba, gato do mato, e outras caças do mato que eles caçavam e caçam para a sobrevivência de suas famílias (CEARÁ, 2007, p. 16)

O povo indígena Kanindé não sobrevive somente da caça, pois é praticamente impossível devido a população existente hoje na aldeia. A caça é praticada por algumas famílias como os Maciel, Britos, Domingos, Lafaete e os Bidal cada um com sua especificidade com destaque para as armadilhas. Essas formas de caça revelam a cultura do povo Kanindé e sua ligação com as matas e com os encantados que apesar de mudanças climáticas, culturais, entre outras, ainda permanece no “sangue” indígena a prática da caça.

Através dessa linha do tempo e de todos os aspectos destacados na presente pesquisa, é possível afirmar que a caça representa um mecanismo de afirmação étnica do povo Kanindé, pois está registrada na memória de cada um dos indígenas da aldeia, seja por histórias contadas ou pelo próprio relacionamento com as matas e sobretudo também é representada no Museu Indígena Kanindé, como ponto importante da afirmação, principalmente pela luta do território da Gia que é local de caça para esse povo.

3.3 Calendário anual do povo indígena Kanindé de Aratuba

Pensar no ato da caça para os Kanindé, nos leva a um calendário que tem sua característica anual e mensal através dos conhecimentos adquiridos no decorrer do tempo, passando de geração em geração. Pensar em um calendário é registrar o cotidiano da aldeia e suas referências no decorrer do ano, o período de plantio,

colheita, as datas importantes e os festejos, fazendo referência a essas datas nos aspectos culturais do povo Kanindé.

Relacionados às caças, um dos pontos importantes são as referências para os períodos de reprodução de cada espécie, evitando assim matar os animais em determinados períodos, respeitando principalmente os períodos de gestação e nascimento dos filhotes. Por exemplo, caso matem uma fêmea de mocó (*Kerodon rupestres*) prenha, consiste em um crime que para o próprio caçador, de acordo com os preceitos dos caçadores Kanindé, causa-lhe um arrependimento, pois o fato da observação não ter sido precisa implica em uma ameaça a espécie, em termos de declínio populacional dentro do próprio território. Segundo o caçador José Clóves,

Você pra pegar a caça no mínimo você tem que deixá-las parir¹⁷ também ne! Porque de primeiro eu aumava em setembro mais quando a gente ia no outro dia as bichinhas tudo cheia ne! em dia de parir, mais o que? o caba já tinha pegado as bichinhas e agora to deixando dá um tempo pra poder pegar ne! Por que se você pegar a bichinha mojada¹⁸ também se acaba ne! (Clóves, relato oral).

Assim, estes períodos possuem um calendário que até então não havia sido registrado e através desta pesquisa pode ser descrito pela primeira vez, baseado nos conhecimentos tradicionais e culturais sobre as várias espécies relatadas no decorrer da pesquisa.

¹⁷ Parir o ato de dar à luz,

¹⁸ Mojada, linguagem informal utilizada para dizer que uma fêmea esta grávida, próxima de dar a luz.

Figura 15 - Calendário Anual do povo Kanindé de Aratuba



Fonte: Produzido pelo próprio autor através dos dados coletados (2021)

No mês de janeiro ocorre o destocamento (preparação) dos roçados e é também o período em que se aproxima a estação de reprodução do mocó, animal abundante no território indígena Kanindé. No mês de fevereiro e março são esperadas as primeiras chuvas para iniciar o plantio de milho, feijão, fava, jerimum etc. Neste período os mais velhos da aldeia fazem as experiências de invernos para o ano corrente através da observação da natureza, incluindo também neste processo as caças. Durante estes meses há a quaresma. Neste período os caçadores não caçam, pois a grande maioria das caças estão em processo de reprodução. Assim, neste mês é observado a quantidade de filhotes que estão nascendo e dependendo dessa análise caracteriza-se o inverno bom ou ruim. Quanto mais filhotes nascerem nas ninhadas, melhor será o inverno, de acordo com os conhecimentos passados de geração para geração.

A comunidade tem por padroeiro São José, também padroeiro do estado do Ceará, tendo uma crença religiosa muito forte e acreditam que se no dia 19 de março não chover o inverno não será bom. Essa data também marca o calendário do povo indígena Kanindé, na crença da religiosidade e devoção ao santo, tendo muitas histórias na comunidade que caminham por um viés religioso através das crenças e dos atos religiosos ocorridos neste período, como caminhadas, terços e novenas nos locais de plantio.

O mês de abril tem como referência o dia 19, dia do Índio, porém a comunidade realiza diversas atividades, tendo como menção os jogos indígenas tradicionais do povo Kanindé, realizados com várias atividades esportivas e culturais, envolvendo as três aldeias do povo, com a presenças de representantes de outras etnias.

Nos meses de maio e junho se inicia as apanhas de feijão e é neste período que o milho também começa a ficar maduro, período importante para a captura de animais como peba e tatu, principalmente o peba, que começa a atacar as plantações comendo milho maduro; e assim, os caçadores só através da observação, sabem que o animal frequentou o roçado, e conseguem diferenciá-lo de outros animais, que também comem milho maduro, como é o caso da raposa. Com essa observação ocorre a utilização do mondé, gaiola e do quixó grande, para pegá-lo.

Junho e julho também são referenciados como o período junino para o povo Kanindé, assim como para todo o país, destacando a festa do mugunzá tradicional

na aldeia Kanindé, que marca o início da colheita e celebra a boa safra. Também costuma ocorrer a utilização das tocaias, pois, as águas começam a ficar poucas e os caçadores utilizam estes pontos estratégicos para espreitar as caças. Algumas caças se reproduzem duas vezes ao ano: “o punaré é uma das caças que pare de quatro a seis filhotes de uma barrigada e tem filhotes duas vezes durante o ano” (CEARÁ, 2017, p.19), ocorrendo a primeira em janeiro e a segunda entre julho e agosto.

Agosto é conhecido na aldeia como o mês das cobras, período em que estas estão em busca de parceiros para se reproduzirem. Neste mês os caçadores também evitam caçar e quando vão os cuidados são redobrados, principalmente pela grande quantidade de cobras peçonhentas que se tem encontrado ultimamente nas áreas de caça.

Nos meses de setembro e outubro é o período que inicia a colheita da fava e do milho, onde os agricultores guardam o necessário para a sobrevivência e vendem o excedente. Ocorre neste mês também o processo de seleção das sementes para serem plantadas no ano seguinte. O mês de outubro possui uma data importantíssima para o povo Kanindé que é um dia reservado a homenagem aos entes falecidos sendo marcado como um feriado local como “Memórias Póstumas”, com a realização de uma missa para os indígenas in memoriam.

Para os caçadores, em especial os de armadilhas como o quixó, os meses de novembro e dezembro são os principais e únicos durante todo o ano, para a captura de determinados roedores, pois nestes dois meses tudo fica seco e a alimentação começa a ficar pouca e isso é perceptível na observação de algumas árvores que os mesmos costumam roer para se alimentar, dando assim sinal de que a comida está escassa, período ideal para se armar quixó.

Figura 16 Sinais que a alimentação esta pouca.



Fonte: O autor (2021)

Neste sentido é perceptível a importância deste calendário e das atividades anuais realizadas na aldeia indígena kanindé em todos os seus aspectos, social, político e cultural tendo em vista que todas essas atividades contribuem com o processo de luta e resistência. Fica também de forma bem clara a conexão da agricultura com a caça em seus vários aspectos implicando até mesmo na própria construção do museu indígena kanindé através da caça e dos objetos encontrados.

3.4 A relação da caça com os astros " sol e lua" para os Kanindé

A caça durante o dia e durante a noite, o “sol e a lua”. Para muitos povos indígenas esses dois astros representam uma simbologia muito além do que muitas pessoas imaginam. Assim também é para o povo indígena Kanindé, pois há muitos conhecimentos que são utilizados tendo como referência os dois astros. Nos relatos, os caçadores trazem referências principalmente da lua e das caçadas à noite, pois é preciso conhecer suas fases para saber quais animais saem nesses dias, para caçadas com cachorros e com armadilhas. Segundo Wagner Santos, na noite de lua cheia é bom para caçar animais como tamanduá e girita. Quando está nova, é melhor para peba e tatu. Assim como para o povo Kanindé, outros povos indígenas também têm as fases da lua como referências:

para os Atikum, pode influenciar a caçada, no sentido de que esta ilumina o ambiente. De acordo com um entrevistado, as noites mais claras são melhores para caçar, já que, desta forma, tanto economizaria com as pilhas da lanterna como possibilitaria uma melhor visualização do ambiente, revelando qualquer ameaça (por exemplo, cobras) que estivesse em seu caminho. Entretanto, para outro entrevistado, os animais não saíam em noites claras, pois estes só se locomovem no escuro (conforme depoimento: “lua muito clara o bicho não anda não. Só anda na parte do escuro”) (LEO NETO, 2011, p. 60).

Referente as armadilhas, o quixó é melhor armar quando a lua está nova, pois assim com a escuridão facilita a captura dos animais pelas armadilhas, quando a lua está cheia fica mais fácil até mesmo de “roubarem” a isca, que segundo os caçadores alguns usam os rabos para puxá-las.

O sol possui também suas características que facilitam no ato da caça. Os relatos se voltam principalmente com armas de fogo e técnicas de rastrear animais através dos rastros, “pegadas”, como fala o caçador Manoel dos Santos,

Após uma chuva, por exemplo a noite, os animais deixam os rastros, aí logo pela manhã cedo a gente sai e como o sol já esquentou um pouco, fica mais fácil identificar as pegadas. Quando saímos para caçar com espingarda também é bom principalmente após uma chuva: as folhas ficam macias e os animais saem para pegar aquele solzinho, sendo que os horários são pela manhã ou a tardezinha. O meio-dia não é bom para caçar, o sol está muito quente (SANTOS, relato oral).

Para Prozzobon (2013), “Para saber que bicho passou é preciso observar vários aspectos. Se tiver um trecho de mato meio barrento, como na beira de um igarapé ou de um olho d’água, é fácil porque a pegada dele fica lá”. Todos estes fatos implicam em uma análise constante e nos conhecimentos acerca de cada animal, compreendendo que essas relações possuem diversos laços com o ambiente e suas características. Assim, em um local pode ocorrer a presença desses animais em horários diferentes, cabendo aqui um conhecimento também no aspecto local e geográfico e da localização de certas espécies no território.

CAPÍTULO 4: A CIÊNCIA DA CAÇA: MODOS DE FAZER E CONHECER

4.1 Como os antigos caçavam?

A caça sempre foi um ponto forte entre os Kanindé, e todas as técnicas apresentadas ainda continuam vivas e sendo utilizadas na aldeia. Pensar nessas técnicas é voltar ao tempo e perceber que algumas coisas mudaram, principalmente na questão de uma necessidade realmente de caça e principalmente no aspecto de preservação ambiental em todos os seus sentidos, analisando o processo de declínio populacional da fauna local. A finalidade da caça vai muito além de ser apenas uma prática para a alimentação, por ela perpassa vários aspectos e se concretiza em um marco histórico e cultural para o povo Kanindé. A transmissão de conhecimento através da observação dos próprios ensinamentos se constitui enquanto forma de preservação da cultura, embora que para as crianças se inicie como uma forma de diversão ou aprendizagem de caça. Assim, o ato de caçar considera-se um traço cultural que perpassa por várias gerações e hoje podemos analisar alguns aspectos importantes. De acordo com os dados coletados na pesquisa, hoje já não temos tantas caças como antigamente. Pajé Maciel descreve em seus relatos,

A caça hoje é diferente dos outros tempos ela está pouca, os mocó, punaré não tem muito mais em vista do que era de primeiro. Tem pouco porque o que eu alcancei com meu pai nos pés do taiado, a ruma de esterco era dessa altura assim, (fazendo referência a mais o menos um metro de altura). Era ruma não era só uma bostinha assim não. Os taiado chega era branco como essa folha de papel (fazendo uma referência a folha que eu estava fazendo os registros), de mijo deles. Chega fedia nos taiados, viu! As veredas cruzava de mocó e punaré. Hoje ninguém vê. Você não vê mais esses vestígios, vê muito é cobra. Nesse tempo até isso era difícil, porque elas se alimentavam e não precisava sair entrançando (PAJÉ MACIEL, relato oral).

Figura 17 - Fezes de mocó, vestígio / Mocó.



Fonte: O autor (2021)

Assim, é compreensível que antigamente as caçadas eram mais praticadas do que hoje e também é perceptível que existiam em maior quantidade na aldeia. Esses relatos são trazidos por pessoas da comunidade no trabalho intitulado “Frutos” que brotou da luta pela terra do povo indígena Kanindé de Aratuba¹⁹

“Antes, não precisava andá muito para fazer uma boa caçada porque tinha muita caça. E hoje em dia as caças estão poucas. Por isso é preciso andar muito para fazer uma boa caçada. Tudo isso porque houve uma grande mortalidade nas caças, por causa das secas (CEARÁ, 2007, p.21)

Outro ponto interessante é a experiência que seu Maciel aprendeu com seu pai sobre técnicas de caça e de observação ao chegar e andar na mata. Ele relata uma caçada que fez com seu pai:

Saíamos pela manhã para armar quixó, passávamos o dia armando e a tarde já voltávamos despescando os que já tinham caído para fazer o jantar e dormíamos nos matos. Nesse dia os cachorros ainda deram uma carreira na onça ainda fomos atrás dela. Lembro que trouxemos para casa um cambão de 12 mocó e eu chorava por causa do peso, meu pai com um saco de tanga de rede socado e amarrado na boca cheinho de punaré, em casa enchemos um balaio e escolhia uns 3 maiores tratava e me mandava trocar por batata. (PAJÉ MACIEL, relato oral)

¹⁹ O Livro Frutos que brotou da luta pela terra povo indígena Kanindé de Aratuba, faz parte da coleção Índio do Ceará, livros organizados pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará. Coordenadoria de Desenvolvimento da Escola. Celula de aperfeiçoamento pedagógico. Material produzido pelos professores indígenas que participaram do primeiro Curso de Formação do Magisterio Indígena no estado Ceará.

Através das conversas pude perceber que havia um processo de escambo, ou seja, a troca de algumas caças por outras mercadorias como farinha e batata. Segundo os relatos, isso ocorria porque eram períodos muito difíceis e a caça muitas vezes era a única forma de alimentação. Como era abundante, essas trocas eram corriqueiras, além de muitas vezes serem repartidas com os vizinhos mais próximos, que ajudavam a tratar os animais abatidos. Porém, o que consideramos aqui como escambo consistia em laços realmente de uma estrutura familiar ressaltando que nem todas as famílias caçavam. Assim, o ato de distribuir a caça pelos caçadores e receber algo em troca não se baseia apenas em dar e receber, mas sim em compartilhar o que se tinha, fortalecendo os laços entre as famílias, não ocorrendo um processo de venda.

Manoel dos Santos explica que antigamente realmente era muito difícil e até mesmo os pequenos animais, como as aves, eram bastante importantes para a alimentação

Antigamente o caba caçava porque tinha fome mesmo tinha precisão de fazer aquilo [...] quando nos era menino nos se ajeitava o mangote de menino pra esse rajado de baladeira matar passarim e nois ia mata era porque nos achava bom pra nos comer porque era fome mesmo e ninguém tinha nada pra comer não o caba só faltava se esbagaça atrás de um passarim quando você baleava um passarim que ele não caia só faltava se esbagaça atrás e as vezes já chegava com ele em casa pelado, só dava tempo sapecar e abri botava sal e já ia para o espeto (MANOEL DOS SANTOS, relato oral)

Percebemos aqui a importância da cultura do povo Kanindé e seus hábitos alimentares em períodos de muita dificuldade. Estes fatos também são relatados por outras lideranças da comunidade. No relato de Cacique Sotero “quando nós éramos novos nós ganhava os matos, matando passarinho, comendo o figo dele, comendo-o cru, assim contava nossos pais” (GOMES, 2011, p 193). Esse mesmo contexto é registrado na fala de Dona Luzia, índia Kanindé: “Sou índia com muito orgulho porque meu avô era índio, ele só comia caça do mato, só cozinhava em panela de barro, só comia insosso quase cru” (GOMES, 2011, p 193).

Mergulhar nessas histórias nos levam a uma viagem sem conhecer fronteiras nem limites, pois se sentar debaixo de uma árvore, de um alpendre, em uma pedra e ouvir as diversas histórias existentes, relacionadas a caça na aldeia Kanindé é uma experiência inimaginável, mesmo sendo um caçador e conhecendo várias histórias. É impressionante como a cada história contada somos surpreendidos com

informações e detalhes que nos faz refletir sobre nós mesmos e sobre a relação ser humano e natureza. Em um contexto que percebemos, através desses relatos, a espiritualidade existente, que nos fazem às vezes ficar arrepiados, como já dito. Esse contato com a natureza o ambiente de uma forma geral traz essas reações, enquanto para quem não tem esse contato não ver não percebe e não sente nada afinal não a uma conexão, não só com a caça mais de uma forma geral com a natureza. Neste contexto registrar algumas dessas histórias, fatos e relatos, se torna imprescindível para a pesquisa.

É necessário compreender: quem são esses caçadores? De onde vêm? Que traços os ligam? Quais os conhecimentos que eles detêm sobre determinadas caças e até mesmo sobre: plantas, sementes, frutos e etc, pois para o caçador além de conhecimentos sobre a fauna é necessário neste contexto também conhecimentos sobre a flora?

Nos relatos dos caçadores mais experientes é notório a importância e o processo de afirmação étnica do povo Kanindé, quando perguntado aos caçadores porquê os mesmos caçam. A resposta é praticamente a mesma, é algo que está no sangue que é passado de geração em geração e vivenciado através das experiências. Para Bondía (2002), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. Assim a experiência é, sobretudo, aquilo que nos fica, permanece, sedimenta em nossas memórias.

Uma das caçadas que tem bastante referência na aldeia é a caçada de veado de capoeira. O relato da última caçada de veado, realizada em grupo pelos Kanindé, marca uma parada na rotina de caça desse animal, que era quinzenalmente na grande maioria das vezes, trazendo consigo uma história marcante. Segundo os caçadores que fizeram parte dessa caçada, seria uma caçada normal como costumavam fazer. Se reuniam e de acordo com cada caçador suas posições eram traçadas, o responsável pelos cachorros em seu determinado posto. Porém, após os cachorros encontrarem o veado, o mesmo saiu em disparada, não por onde os caçadores esperavam, saindo distante um pouco e não dando para nenhum conseguir atirar, tomando um rumo por onde não tinha mais caçadores, sendo então acompanhado pelos cachorros e os caçadores, fazendo uma nova atualização de posições.

Neste dia, nenhum caçador atirou e todos se alimentaram. Por um ato de medo, ou de resistência em não se entregar e não ser pego pelos cachorros ou ser abatido pelo disparo de uma arma de fogo, o animal pulou de um taiado com cerca de cem metros de altura, vindo a morrer, porém sem ser pelas mãos dos caçadores. Este foi um fato marcante para todos, constituindo está a última caçada em grupo que é registrada na memória dos caçadores do povo indígena Kanindé.

Segundo Manoel dos Santos, a divisão do animal após o abate, na grande maioria das vezes, era feita no mato mesmo. Isso ocorria principalmente por se tratar de um animal de grande porte e que as mulheres não dominavam algumas técnicas necessárias para a limpeza e tratamento deste animal. Assim, tiravam o couro com técnicas que não danificava o mesmo e repartiam a carne. Segundo ele, não tinha preferência por parte, o importante era cada um trazer seu pedacinho no borno, para alimentar sua família. Quando não era feito no mato eles se revezavam trazendo o animal nas costas e em casa faziam a divisão. Também ressaltou que algumas vezes chegavam a abater dois animais em uma única caçada. Assim, fazemos a conexão da partilha da caça realizada pelo povo Kanindé com o que ocorre entre outros povos,

“[...] o caçador Esquimó da Bahia de Hudson que abate uma morsa recebe um membro anterior. O que ajudou o primeiro tem direito a outro membro anterior, o pescoço e a cabeça são dados ao seguinte o ventre ao terceiro e cada um dos últimos recebe um dos membros posteriores [...]” (LÉVI-STRAUSS, p.71,1908).

A partilha da caça entre o povo Kanindé se reflete também com a utilização das armadilhas. Segundo os caçadores, ao chegar com muitos animais faziam a doação de alguns para os vizinhos e eram retribuídos com alimentos, como farinha e rapadura. Essa ainda é a realidade de muitos caçadores da comunidade que representa um processo de coletividade e partilha refletindo assim em uma questão cultural, coletiva e organizacional do povo.

Outros povos indígenas como os Jenipapos Kanindé, situados no município de Aquiraz, Ceará, pertencentes ao mesmo tronco dos Kanindé, também trazem em seus relatos a caça como referência: “antigamente os índios dessa região sentavam numa esteira de cipó e comiam muita caça da natureza, como buzi, siri, caranguejo,

camarão, preá, aratu, peba, camaleão, tijaçu, com pirão de macaxeira, tapioca e beiju de coco” (SILVA e AIRES, 2009, p. 171).

4.2 Animais, características, sinais e conhecimentos: a relação no ato da caça

A caça, para o povo Kanindé, não se baseia apenas no ato de caçar, matar e comer, pois está ligada diretamente a traços sociais e culturais que atravessam gerações, em um contexto hereditário e genealógico. Não é simplesmente “ir ali e matar”, é preciso ter vários conhecimentos, técnicas e habilidades. Isso ocorre com diversos povos que praticam a caça.

No espírito dos Achuar, a habilidade técnica é indissociável da capacidade de criar um meio intersubjetivo, em que se desenvolvem relações reguladas de pessoa a pessoa: entre o caçador, os animais e os espíritos donos da caça, e entre as mulheres, as plantas do jardim e a personagem mítica que gerou as espécies cultivadas e que ainda hoje assegura-lhes a vitalidade. Longe de se reduzirem a lugares prosaicos provedores de alimentos, a floresta e as áreas destinadas ao cultivo constituem o palco de uma sociabilidade sutil em que, dia após dia, seduzem-se seres que somente a diversidade das aparências e a falta de linguagem distinguem na verdade dos humanos (DESCOLA, 2001, p. 246).

Há neste contexto uma relação muito forte entre humanos e animais não humanos, conhecimentos adquiridos através da observação das características dos meios e modos como estes animais vivem em meio ao ambiente. O caçador, antes de tudo, precisa ter certos conhecimentos não só referente a caça que ele está procurando, mas também em relação a uma infinidade de outros conhecimentos, sobre determinadas plantas, locais, seres das matas, características de várias espécies de animais e plantas que servem até mesmo de remédios em casos de acidentes.

O próprio ato de se deslocar em determinados locais pressupõe o conhecimento e a análise do próprio caminho, observar uma casa de aranha e perceber que a pouco tempo passou um animal por ali e derrubou a mesma, uma moita que chama a atenção e dá a impressão de que ali pode estar uma cobra ou outro animal peçonhento, o barulho de alguns pássaros que registram a presença de outro animal, ou então o rastro de um felino na própria vereda, resto de alimentos, entre outros sinais a serem observados, fazem parte de um arcabouço de

experiências e vivências que são fundamentais até mesmo para a sobrevivência do próprio caçador no ato da caça, onde ao mesmo tempo é caçador e caça.

Esses conhecimentos são descritos no livro “Fruto que brotou da luta pela terra: Povo Kanindé – Aratuba e Canindé” (2007), nas palavras de seu José Francisco dos Santos (in memoriam): “precisamos ter muito equilíbrio, pisar macio, não fazer barulho nenhum e conhecer bem a saída das caças. Ficando vestígio, esterco, mancha de mijó e cabelo a caça não sai pra fora”. Neste mesmo sentido, o caçador Antônio João explica que “é preciso fazer muito silencio, pisar macio demais no chão, a gente no mato a gente tem que andá assim que nem a onça, pisá na foia e não chiá, pra caça não corre. Se for fazendo zuada a caça não espera”. Aqui fica bem claro que no ato da caçada o ser humano se torna outro animal, se baseando nos sinais, utilizando instintos, sentidos e conhecimentos das outras espécies de animais.

Figura 18 Urina de mocó - Vestígio.



Fonte: O autor (2021)

Segundo o caçador Antônio Wagner, é preciso conhecer a caça, seu alimento, os horários que sai das moradias. Em alguns casos, através da observação é possível diferenciar a fêmea e o macho para evitar abater uma fêmea prenha. Por exemplo, “o mocó, sua cor é mais escura e a fêmea é mais clara. A gente observa também através do período que eles se reproduzem”.

É possível compreender que os animais possuem um certo período de caça, assim como também períodos que são vistos ou caçados com mais frequência, sempre sendo respeitado seu período de reprodução. Isso é possível devido os conhecimentos que os Kanindés têm sobre cada espécie, seus hábitos e costumes.

se formos para a floresta com um caçador indígena, ele vai perceber pegadas de animais que você não notaria por falta de experiência, porque você não tem essas mesmas habilidades, ou porque você não está afinado, sintonizado para perceber esse tipo de coisa no ambiente (MAFRA, BONET, OTÁVIO e PRADO, REVISTA SOCIOLOGIA & ANTROPOLOGIA, 2014, p. 324).

Segundo o senhor Manoel do Santos é possível também identificar o tipo de animal através das fezes e suas pegadas, principalmente no período do inverno ou em locais onde o terreno seja adequado para que a pegada fique marcada. Assim, é possível saber até mesmo o tamanho do animal. Como exemplo cita o teiú ou tejo, como é conhecido na aldeia, pois ele deixa um rastro como se fosse uma corda que tivesse sido arrastada. Porém, pelos conhecimentos e através de análise percebe-se que é um tejo por detalhes do rastro da cauda e pela marca das pegadas.

Animais de grande porte também existem no território, como é o caso da onça vermelha e, segundo os caçadores, também há vestígios de onças suçuaranas no território. No período do verão costumam atacar nas redondezas e até mesmo dentro do próprio território matando animais como cabras e ovelhas, sendo registrados vestígios da mesma dentro do território da Gia.

Figura 19 - "Vestígios" Fezes da onça com cabelos de ovelhas encontrado no território da Gia



Fonte: registro feito por Antônia Kanindé em atividade de pesquisa no território (2021)

O conhecimento do caçador sobre essas análises realizadas no processo da caça e no encontro com os vestígios deixados pelos animais reflete no contexto cultural através de conhecimentos que perpassam gerações e a prática desses conhecimentos dialogam com um processo pedagógico que ultrapassam o limite dos processos educacionais no contexto escolar, neste sentido trata se aqui de algo bem mais complexo e que não é aprendido em uma aula teórica, mas sim na pratica cotidiana em que consiste na análise do próprio caçador ao ver a fezes deixada pelo animal com informações que ele as lê, interpreta e compreende dentro de seus conhecimentos culturais.

4.3 Tipologia da caça entre os Kanindé: com armas de fogo, armadilhas, em grupo e com apoio de cachorros

Os caçadores Kanindé, ao longo do tempo, utilizam várias estratégias para a caça. Neste contexto destacam-se três formas que prevalecem fortemente na cultura da caça: Arma de fogo, armadilhas e com cães. Alguns caçadores de destacam em uma das categorias e outros chegam a praticar as três.

Tabela 3 - Tipologia da caça entre os Kanindé

Tipologia	Características
Caça com arma de Fogo	Realizada durante o dia, seguindo uma certa linha de caça. Observação, aproximação, técnicas de tiro, e conhecimentos da natureza, e dos animais.
Caça com armadilhas	Realizada durante o dia, Conhecimentos sobre as armadilhas e os animais a serem capturados, períodos de gestação., alimentação, população, etc.
Caça com cachorros	Realizadas durante a noite, com a utilização de animais e equipamentos de escavação e corte, “machado, foice”, conhecimentos relacionados a identificação dos possíveis animais a serem encontrados pelos cachorros.
Caçadas em grupo	Realizada durante o dia ou noite, de acordo com o animal a ser caçado. Organização do grupo, local de caça, conhecimentos da natureza e dos animais, período da caçada. Estratégias de caça de acordo com

	o (os) animais a serem caçados.
--	---------------------------------

Fonte: O autor (2021)

A primeira é com a utilização de arma de fogo, conhecida como socadeira espingarda ou lazarina. É uma arma praticamente artesanal com capacidade para um único tiro e leva em torno de 5 minutos para ser carregada novamente. Nela é utilizada pólvora (guardada em um recipiente feito de chifre para evitar resfriar), chumbo e bucha feita com raspa de sabiá (uma árvore típica da região que passa por um processo de secagem). Também é utilizada uma espoleta para o disparo da arma, as quantidades são devidamente calculadas evitando a explosão da própria arma. “Essa região sempre possuiu muitas caças, eram caçadas de espingardas e pelo velho quixó” (CEARÁ, 2007, p.19). Segundo os caçadores, cada um tem uma determinada linha ou trilha de caça, ou seja, a área onde sempre costuma caçar demonstrando assim um mecanismo de territorialidade. Para Ayres e Ayres (1979), esse tipo de caçada é considerada uma caçada de excursão onde o caçador percorre uma trilha em busca das caças. Salera jr. et al. (2007) considera como caça de busca indo na mesma sincronia de percorrer trilhas a procurar de animais.

Referente aos perigos da caça com a utilização de arma de fogo, Pajé Maciel nos conta o seguinte relato sobre os perigos desse tipo de caçada,

fui caçar com meu tio e ele avistou uma juriti puxou o gatilho da arma, porém ela vuou ai seguimos, depois chegamos na beirada do rio catolé desci a barreira e ele me deu a arma quando peguei e encostei no chão percebi que a mesma estava armada, assim por pouco não ocorreu um acidente ou comigo ou com ele por isso que eu digo é bom mais e muito perigoso (PAJÉ MACIEL, relato oral).

Refletir sobre o ato de caçar, para os Kanindé, permite traçar uma linha de memórias sobre fatos ocorridos na aldeia, em locais que são referência e marcam histórias tristes através da luta pela sobrevivência. Através dos dados levantados, foram registrados três relatos de óbitos de caçadores ocorridos na aldeia, sendo dois por quedas de taiados e um devido a um acidente de disparo da arma de fogo. Manoel dos Santos traz o seguinte relato sobre estes ocorridos,

Finado Francisco ele (silencio), foi tiro, ele vinha subindo no taiado e tinha um tiuzinho no meio do taiado com certeza ele ia tomando

chegada no mocó e pegou no tiu e o tiu se arrancou, a espingarda bateu na pedra e disparou no peito dele ele morreu com o tiuzinho na mão, finado Antônio, ia atravessando o taiado travessia muito ruim ele escorregou e não se aprumou no taiado de cabeça baixo, caiu e faleceu e o outro lá na gia caiu e ficou preso em uma torceira de pau no meio do taiado, foi tirado a corda de lá (MANOEL DOS SANTOS, relato oral)

A utilização de armas de fogo pode trazer muitas vantagens, principalmente porque não é necessário chegar tão perto do animal para abatê-lo. Contudo, sua utilização requer um bom preparo, conhecimento e muita atenção, registrando aqui que existem também outros relatos na aldeia que envolveram acidentes com essas armas, como estouro de cano no momento do tiro chegando a prejudicar a visão.

Figura 20 – A: espingarda socadeira ou de cão como é conhecida. B: Raspa de árvore conhecida como sabiá utilizada como bucha para separar o chumbo da pólvora e sustentar os 2 nos processos de carregamento da arma e polvorinho feito de chifre local onde se guarda a pólvora



Fonte: O autor (2021)

A bucha, como mostra a figura acima, também passa por um processo para a sua utilização. Após ser retirada da árvore em forma de raspa, a mesma é colocada para secar durante um período e em seguida é esfregada com as mãos, para poder ficar com tiras fininhas, pois com esse processo ela fica bem macia e propícia para ser utilizada na prática da caça com arma de fogo.

A segunda estratégia, a caça com armadilhas é outro tipo bastante utilizado na aldeia, onde os conhecimentos das caças são aplicados em forma de armas para a captura. A utilização dessas armadilhas ocorre de forma individual, porém também em grupos, nos quais os caçadores se reúnem em duas ou três pessoas e saem para a mata. Como as armadilhas requerem um certo tempo para funcionar,

principalmente o quixó que é bastante utilizado, às vezes é necessário fazer duas viagens, uma para armar e outra para despesca; ou seja, verificar se os animais foram capturados. Dessa forma, alguns caçadores se organizam em grupos e dormem na mata fazendo apenas uma viagem. Sobre estes fatos, o caçador Francisco de Paula Pereira Lopes²⁰ nos conta,

Fizemos uma caçada dessa na oiticica eu e mais 4 colegas, iniciamos a armação de quixó por volta das 09:00 horas e paramos as 15:00, neste dia ouvimos muitos gritos de mocó depois que finalizamos a armação pensávamos que seria uma caçada muito boa, dormimos na mata eu dormi em uma rede e os meninos no chão, quando fomos despesca pegamos pouco acho que devemos ter feito algo errado nessa caçada (LOPES, relato oral).

A última estratégia de caça, com a utilização de cachorro, no período noturno é uma das mais perigosas, pois segundo os caçadores existe no território muitos animais peçonhentos como cobras jararaca e cascavel. O caçador Manoel dos Santos nos conta sobre um desses fatos ocorridos: “um dia fui caça com meu irmão e a cachorra trabalhou acuada, eu disse ô cobra medonha, era uma cascavel. Depois acuou novamente, meu irmão disse: ô é tamanduá medô; eu disse: ô rudia de cobra! E chegamos lá era outra mesmo”.

Esse contexto mostra os conhecimentos que os caçadores têm referentes a esta forma de caçar, conhecendo assim, através do latido dos cachorros, o possível animal que os mesmos encontraram. Isso é perceptível pela forma como os cachorros latem, pois dá para diferenciar os latidos quando os cachorros latem assustados, quando latem dentro de um buraco e quando estão agarrados com o animal. Aqui é perceptível uma relação de conhecimentos e comunicação entre o animal humano e o cachorro, através de uma linguagem que somente o caçador com muita experiência e conhecimento consegue compreender e entender essa comunicação, através dos sentidos aguçados e a complexidade dessa relação e ligação entre os dois: “os latidos indicam que o animal foi farejado, os cachorros perseguem a presa até ela ser abatida ou se protegerem em sua toca ou esconderijo” (SOUZA, 2013, p 48).

²⁰ Entrevista com Francisco de Paula pereira Lopes – Paulo Kanindé 37 anos, por Francisco Reginaldo da Silva Santos, em 22 de março de 2021

Figura 21 - Cachorros de caça



Fonte: O autor (2021)

Outro tipo de caça que envolve várias técnicas ao mesmo tempo é a caçada de veado de capoeira, que segundo o caçador Francisco Constantino²¹, é um tipo de técnica não mais utilizada. Segundo ele, se reuniam de 10 a 12 caçadores mais experientes da aldeia para a caça do veado de capoeira, sendo que anteriormente é necessário um estudo que envolve aspectos tais como onde o animal se alimentava, horários e suas veredas (pois esse animal tem vários caminhos). Assim, com o horário marcado, os caçadores se organizavam: um ou dois se responsabilizavam para levar os cachorros, os mais atiradores iam para pontos estratégicos nas veredas para atirar no animal. Quando os cachorros eram soltos e encontravam o animal, o mesmo saía em disparada, então entravam em ação os caçadores mais experientes, pois teriam que acertar o tiro no animal em velocidade e em um local determinado para que o mesmo não fugisse baleado. O caçador Manoel dos Santos relata o seguinte:

É muito difícil acertar o tiro, e ele fica no canto, sempre ele sai baleado, ai é preciso ficarmos parados um tempo para depois ir atrás, pois se formos na mesma hora e como se ele andasse morto temos que andar muito para encontrar utilizando os vestígios como o sangue mais quando esperamos um pouco sempre encontramos ele perto com o tempo e que aprendemos essa técnica mais perdemos muitos por causa disso, chegamos a ficar com distância de 12 metros dele morto e não achamos (MANOEL DOS SANTOS, relato oral).

²¹ Entrevista com Francisco Constantino dos Santos 60 anos, por Francisco Reginaldo da Silva Santos, em 16 de março de 2021

Esses conhecimentos refletem as técnicas utilizadas e apreendidas no decorrer de cada caçada, onde a observação passa a valer como experiência e conhecimentos de técnicas que são utilizadas pelos caçadores. Assim, mesmo baleado, o animal ao perceber a aproximação dos caçadores com seu instinto de sobrevivência, tenta fugir, fazendo com que o sangue continue circulando. Neste sentido, sendo ao contrário, ele fica parado. Assim, o sangue esfriando, o animal morre mais facilmente, não sendo necessário os caçadores o perseguirem por um longo período.

4.4 Instrumentos, utensílios e objetos

Os caçadores, segundo seus relatos, não podem, durante as caçadas, andar com muitos objetos ou utensílios. Porém, se a caçada for por mais de um dia são necessários alguns equipamentos obrigatórios. Nas caçadas normais, ou seja, por um curto período, ocorrendo principalmente no turno matutino, é levado somente o material necessário para recarregar a arma que é levada dentro de um bornó, uma espécie de bolsa a tiracolo e uma garrafa com água. Para caçadas que duram dois dias, com a armadilha quixó distante e fora dos limites da aldeia, é necessário levar mais água, fogo, sal, farinha e uma panela. Alguns levam arroz, porém o alimento utilizado é a própria caça, que sempre é abatida mais cedo e preparada em um ponto estratégico. Essas caçadas sempre são feitas por um grupo de caçadores que se organizam para este fim.

Durante a noite, alguns costumam dormir no chão ou em redes pequenas e com um tecido bem fino, pois evitam levar um grande volume. De acordo com alguns caçadores, acham melhor dormir atrepados em umas árvores, livrando-se assim do ataque de bichos peçonhentos e até mesmo de felinos de grande porte como é o caso da onça.

Para a caçada com cachorros, principalmente no período noturno, levam sempre enxada, chibanca, cavador e foice. Esses objetos são utilizados quando os cachorros acam animais e é preciso arrancá-los. Levam também lanterna para

clarear e observar melhor devido os perigos de andar à noite, sendo necessário, na grande maioria das vezes uma arma de fogo extra.

Para o tratamento dos animais são utilizados materiais e objetos como facas, tábuas para apoio, panelas para a fervura da água e o próprio fogão a lenha. Assim, no museu existem vários objetos que representam os utensílios e objetos utilizados na caça que também são considerados como parte do processo da caça, pois,

os objetos vão ser interpretados com base num esquema teórico onde eles existiam não em função de estarem respondendo a necessidades práticas universais, nem como indicadores de processos evolutivos e de difusão, mas como meio de demarcação de identidade e posições na vida social (GONÇALVES, 2007, p.19).

Cada objeto tem sua representatividade e utilidade dependendo de cada povo, pois sempre há diferenças tanto no modo de fazer, de conhecer e de utilizar, tendo assim referências que se aproximam, mas também se distanciam em alguns momentos.

4.5 As armadilhas de caça e os conhecimentos tradicionais sobre a natureza: modos de conhecer e fazer

Desde os primeiros relatos sobre os povos indígenas no Brasil é notório um grande processo de genocídio e extermínio ao longo de séculos. Em meio a tudo isso destacam-se estratégias de resistência que vão desde negociações e tratados à estratégias de sobrevivências culturais, através dos costumes e tradições repassados de geração para geração, dando continuidade à afirmação étnica de um povo. Esses conhecimentos são fundamentais para as gerações futuras e estão garantidos até mesmo na Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas. Em seu Art. 12 “Os povos indígenas têm o direito de manifestar, praticar, desenvolver e ensinar suas tradições, costumes e cerimônias espirituais e religiosas” é considerável que não seria necessária uma lei para que essa transmissão de conhecimento ocorresse. Porém, isso afirma o quanto as populações indígenas sofreram - e sofrem - sendo obrigadas a não praticarem suas culturas.

Um exemplo bem claro dessas estratégias de transmissão de conhecimento do povo indígena Kanindé são os conhecimentos tradicionais existentes, referente a caça e armadilhas, que são utilizadas na aldeia. Cada uma com sua especificidade e

com características que tem uma relação direta com os hábitos de cada animal a ser capturado, baseado na observação desses animais ao longo de décadas, pelos caçadores da aldeia, que também transmite esses conhecimentos de forma oral para os mais jovens; seja através do Museu indígena Kanindé, utilizando-se de pesquisas ou através da própria escola indígena que possui mecanismos e estratégias que ultrapassam os limites da sala de aula. Projetos e pesquisas relacionadas às mais diversas áreas, entre elas a questão ambiental e cultural, que abrange também os processos de caça. Valendo um destaque, a prática da caça propriamente dita e seu conhecimento só são realmente vivenciados através do próprio ato de caçar. As armadilhas construídas possuem métodos e técnicas que somente os caçadores conhecem, pois para se fazer a armadilha é necessário primeiramente conhecer o animal e seus modos de vida.

Imergir neste mundo das armadilhas é fazer uma viagem perpassando por elementos materiais e imateriais em uma ligação direta com a natureza, onde cada armadilha nada mais é do que uma ligação entre os modos de conhecer e fazer, dois pilares essenciais para um bom caçador. Afinal, como fazer uma armadilha se não se tem conhecimentos sobre o animal e seus hábitos? Assim, cada armadilha é destinada a determinado animal e possui uma determinada nomenclatura conhecida por todos os caçadores. Porém, nem todos os caçadores conhecem as técnicas de todas as armadilhas, pois alguns são especialistas em certos tipos de armadilhas baseados nos conhecimentos e nos tipos de animais que capturam com as mesmas.

4.5.1 Mondé

Figura 22 - Mondé para captura de peba e tatu



Fonte: Ceará (2007)

Conhecido como mondé e trazido como referência no título da pesquisa, é um tipo de armadilha utilizado pelo povo indígena Kanindé de Aratuba. Dos caçadores entrevistados apenas quatro conhecem e três dominam a técnica para sua construção, pois se trata de uma armadilha bastante sofisticada requerendo assim uma certa capacidade técnica para armá-la. É uma armadilha construída para abater peba e tatu matando por esmagamento.

Para que ela seja construída, primeiramente é necessário encontrar o local onde os animais passam, ou seja, uma vereda. Depois disso é preciso encontrar um local certo e apoiado para a instalação da armadilha. O local não pode, de forma alguma, mudar as características do espaço para não afugentar o animal ou fazê-lo mudar de caminho. A armadilha é montada e passa de dois a quatro dias sem ser armada para que o animal se acostume e não refugie a vereda transferindo-a para outro local. A mesma é construída somente com materiais retirados da própria natureza: um rolo de madeira pesado, varas para o cercado e cipó, o único material que não é retirado da natureza é um cordão de aproximadamente 0,50 cm de comprimento. O caçador que vai armar o mondé sabe perfeitamente a quantidade de cada material e suas funções para a estrutura. Um dos pontos principais é que para esta armadilha não é necessária uma isca e na entrada e saída da mesma é preciso colocar algumas matérias como galhos e pedras, evitando ao máximo

danificar o caminho, já que os animais também percebem o cheiro deles próprios e de outros animais no decorrer da vereda.

O cheiro, além de ser utilizado pelos animais, também é um ponto importante para os caçadores Kanindé, pois eles também percebem através do olfato a presença de alguns animais como a própria girita, tamanduá, onça entre outros animais maiores que possuem um cheiro mais forte. Segundo Almeida, Galindo & Silva Luiz, 1999, “os Tapuias possuíam admirável agudeza de olfato, qualidade utilíssima a vida de caçador que levavam”.

Esta armadilha é típica do povo indígena Kanindé, não sendo encontrado nenhum relato escrito que fale sobre a mesma ou algo semelhante, sendo considerada uma armadilha exclusiva.

4.5.2 Quixó

La na mata tem espinho
 La na mata tem preá
 La na mata o índio entra
 E o branco não pode entra
 (Bis)

Autor: Zé Maciel (CEARÁ, 2007, p.27)

Figura 23 - Quixó tipo de armadilha utilizado para aprisionamento de pequenos animais. A – Quixó para pegar mocó preá e punaré. B – Quixó para pegar. Gato peba, girita. C – Mocó capturado no Quixó. D – Punaré capturado no Quixó





Fonte: A, C e D Arquivo pessoal registrado no trabalho de campo. Figura B Registro feito por Antônia Kanindé em atividade de pesquisa no território (2021)

Três pedaços de pau, " fêmea ou cambona, macho ou cambão e vaqueta", uma pedra e uma isca, essa é a definição dos materiais utilizados para se armar o quixó, a armadilha mais comum utilizada pelo povo indígena Kanindé. Porém, essa é a forma mais simples de ser armado para pegar roedores como punaré, preá e mocó. Há também versões mais sofisticadas dessa armadilha para pegar animais maiores e até mesmo aves. Para pegar roedores é utilizada isca de batata ou mandioca. Alguns caçadores misturam essas iscas com fubango (uma farofa feita de milho torrado e pilado no pilão ficando na forma de fubá), que também é utilizado como alimentação para o povo Kanindé, sendo até mesmo levada para ser consumida no mato como alimento, por ser bastante nutricional. Outra isca utilizada são brotos de uma árvore típica da região, porém, como explica o caçador Manoel dos Santos, não se pode tocar na isca, ou seja, deve-se ter todo um cuidado neste processo, não triscando no broto para que o animal não sinta o cheiro e refugue²² a mesma. Essa técnica é utilizada para a captura de mocó. No ato da pesquisa, por ser um conhecimento dos caçadores indígenas Kanindé, não fui autorizado a fazer a divulgação do nome ou característica da árvore, tendo também a compreensão que sendo caçador, este é um conhecimento apenas dos caçadores e que deve ser preservado.

Para a captura de aves é utilizado o mesmo processo, com isca diferente, sendo principalmente xerém de milho ou frutas e um detalhe a mais: são colocadas

²² Quando o animal de alguma forma percebe o perigo ou algo estranho e refuga, sai do local.

o que denominam de estivas, que são pequenas varas que ficam por cima da vaqueta facilitando assim a captura, pois quando o pássaro pisa em cima pressiona a vaqueta para baixo fazendo com que a armadilha caia.

O quixó também é utilizado na aldeia para a captura de animais maiores como peba, girita (Gamba), gato do mato e cassaco. Aqui surgem mais técnicas no processo de armação. Como se trata de caças maiores, a isca utilizada é de carne, por se tratar de animais carnívoros. A pedra neste caso é maior e as estivas que anteriormente eram colocadas em cima da vaqueta agora são colocadas no chão, para que a presa não consiga cavar, como por exemplo o peba. Também é feito ao redor do quixó uma base de pedras na forma vertical com bases de vara, ficando apenas um espaço para a entrada do animal. Fazendo a observação, é notório que estas pedras têm uma finalidade. Pôr a caça ser maior, as pedras obrigatoriamente caem, fazendo um peso sobre a presa.

Para todos os três processos descrito acima é preciso ter conhecimento dos hábitos dos animais, para que as armadilhas sejam postas e consigam fazer a captura. É importante ressaltar e considerar que não somos somente nós, seres humanos, que estamos na prática da caça, outros animais também estão nesta mesma ação. Assim, após a armação de quixó, no dia seguinte ao ir despescar, “verificar as armadilhas”, encontra-se vários registros de outros animais que passaram por ali como gato, girita, gamba, catita, entre outros. Isso é perceptível pelos animais que foram pegos nas armadilhas e comidos por inteiro ou algumas partes. Os caçadores conseguem saber qual foi o animal que passou por ali, pelas características deixadas no local.

O quixó por ser uma armadilha na qual o caçador não tem o controle do animal que será pego e também o seu tamanho. Algumas vezes são pegos animais jovens, havendo aí uma consciência por parte dos caçadores por ser um animal pequeno. É importante ressaltar que era também um ser vivo, que fazia parte da natureza. Assim, estes animais, embora pequenos, devem ser considerados como caça e serem levados e servirem como alimentação, não sendo os mesmos abandonados ou jogados fora, como deixa bem claro a liderança Cicero Pereira: “o caçador pensa em pegar o grande é não o pequeno. No quixó mesmo, não tem como soltar se ele tiver machucado. O jeito é trazer pro sal mesmo”. O termo trazer pro sal, neste sentido, ressalta que o animal mesmo não estando morto, mas tendo

sido machucado pela armadilha não tem como soltá-lo, pois, a tendência é o mesmo morrer. Assim, para que o animal não seja desperdiçado mesmo sendo pequeno, terá que servir de alimento.

4.5.3 Arapuca

Figura 24 - Arapuca



Fonte: O autor (2021)

Uma armadilha no formato de uma pirâmide, essa é a característica da arapuca utilizada pelo povo Kanindé para a apreensão de pássaros. Esse instrumento é muito utilizado na aldeia para a captura de pássaros como rolinhas, nambus, juriti, canção, entre outros. Hoje essa armadilha não é mais tão usada, porém representa uma técnica bem prática na sua construção, que é composta por varas e dois cordões. As varas são colocadas uma sobre a outra, partindo de uma base retangular em que as varas vão ficando mais curtas, compondo a pirâmide que é presa pelo cordão em suas arestas. Para armá-la, utiliza-se a mesma técnica do quixó ou a utilização de um gancho com um cordão, sendo necessário também as estivas.

Por ser uma armadilha muito leve, não é utilizada para a captura de animais maiores e que possuem certos hábitos e características que a estrutura não suportaria e não manteria a caça aprisionada por muito tempo.

Figura 25 – A - Materiais Necessários para fazer a Arapuca. B – Técnica de Montagem e estrutura. C – Arapuca Armada com a utilização de Gancho para a apreensão de pássaros, utilização de estivas pequenas varinhas apoiadas na vaqueta



Fonte: O autor (2021)

A arapuca, neste sentido, se torna uma armadilha muito fácil de ser construída e armada, levando em consideração também a facilidade do material para a construção, sendo a mesma muito utilizada pelas crianças da aldeia, que as utilizam na grande maioria nas proximidades de suas residências.

Para a armação da arapuca, o povo Kanindé possui duas técnicas, ou através do gancho ou com armadilhas conhecidas como macho, fêmea e vaqueta, que após a arapuca ser apoiada ao chão uma parte é levantada e são colocados os mecanismos de desarme através da estrutura de uma das duas técnicas. Assim, quando o animal entra debaixo para se alimentar estes dispositivos são disparados fazendo com que o animal fique preso.

4.5.4 Fojo

O fojo, como é conhecido na aldeia, serve para a captura de um roedor conhecido como preá, que era bastante abundante no território Kanindé. Com o passar dos tempos, sua população diminuiu e vem diminuindo consideravelmente, chegando até a parar de ser caçado pelos caçadores da aldeia. Sua principal forma de captura é através de fojo, um buraco feito no chão com grande profundidade e um dispositivo de madeira colocado na vereda que os preás costumam criar para irem de suas tocas, que são em pedras, até pontos de alimentação. Assim, ao passar por cima do fojo uma tabua giratória que com o peso baixa uma ponta e suspende a outra faz com que o animal caia no buraco e fique preso, devido à profundidade e a volta da tábua para o seu nível normal. Segundo o livro Fruto que brotou da Luta pela Terra. (CEARÁ, 2007) nas andanças dos índios Kanindé pelas matas eles armavam quixó, fojos (ou “forjas”) e faziam fogo para atrair as caças, sendo esses seus modos de caça.

O fojo deve ser armado de forma que não modifique muito o local para que o animal não refugue mudando de caminho. Assim, o animal é capturado vivo e em um mesmo fojo é possível capturar vários animais. Em caso de captura de animais pequenos, os mesmos são soltos, bem como as fêmeas prenhas, haja visto que a quantidade de animais dessa espécie vem diminuindo.

4.5.5 Gaiola

"Amanhã cedinho vou olhar as gaiolas!" Assim fala o caçador Antônio Wagner.

Figura 26 - Gaiolas para apreensão de animais, peba e tatu



Fonte: O autor (2021)

As gaiolas são estruturas feitas em formatos redondos imitando o tamanho do buraco de peba com um tamanho que vai de 0,80 cm a 1 metro de comprimento, elas são utilizada para a captura de tatu e peba. Conversando com o caçador citado acima, o mesmo afirma que as gaiolas passaram a ser utilizadas a alguns anos atrás, pois antigamente a captura desses animais era realizada principalmente através da caça com cachorros, onde os mesmos matavam ou acuavam em buracos ou moradias, cabendo aí um processo de escavação do buraco até arrancar o animal. Com a gaiola se tornou mais fácil, pois se na caçada o cachorro acuar o animal no buraco, apenas se coloca a gaiola e passa a ir olhar se o animal saiu e foi capturado, evitando assim um processo de escavação, que segundo os caçadores mais antigos chegavam a passar quase um dia inteiro para arrancar um peba. De acordo com a pesquisa realizada no povo Atikum- Umã (Pernambuco)

quando o caçador encontra uma “toca” de tatu (*D.novemcinctus*) ou peba (*E.sexcinctus*) e não consegue capturar o animal, pode optar por não cavar (devido ao dispêndio de tempo e energia física que esta atividade envolve), utilizando um tipo de armadilha que possibilita capturar o animal vivo (LEO NETO, 2011, p. 67).

De todas as armadilhas utilizadas pelos caçadores Kanindé, essa foi a única que através da pesquisa constatei que tem menos características relacionadas com a própria natureza, sendo que para a sua construção há utilização de quase 90% de materiais que não são retirados diretamente da natureza, pois é feita de arame. Devemos levar em consideração, referente a esta armadilha, as técnicas utilizadas para saber se o animal está na toca ou não, sem a utilização de cachorros.

Conhecimentos esses que não foram revelados pelos caçadores e alguns até revelaram, porém, não autorizando a publicação. Outro fato que faz com que esta armadilha não tenha essa aproximação tão grande com os aspectos culturais do povo Kanindé é que ela foi introduzida a alguns anos atrás na aldeia, ou seja, antigamente a mesma não era utilizada e não se tinha conhecimento sobre essa técnica.

Para os Atikum, a gaiola possui outra nomenclatura, sendo conhecida como “Jegui”, “Tatuzeira” ou “Pebeira”. Para Leo Neto (2011), as duas últimas referências são relacionadas ao nome dos animais “Tatu e Peba, não sabendo de certo de onde provém a denominação “jegui”. Porém, o nome remonta a outra armadilha indígena utilizada para captura de peixes conhecida como “jigui”, podendo ter surgido essa nomenclatura apenas com a substituição da letra “i” pela letra “e” sendo que as duas armadilhas são muito semelhantes, o que, de certa forma necessitaria de um estudo mais aprofundado para esta confirmação.

Com a introdução da gaiola, a captura desses animais passou a ser praticada de uma forma diferente sem precisar de tanto esforço físico. Porém, aumentou a quantidade de animais capturados, pois apenas no processo de observação e análise das tocas era possível identificar se o animal estava dentro e colocar a armadilha em alguns momento, sem nem mesmo a utilização dos cachorros e isso fez com que a quantidade desses animais tivesse um declínio no território, que de certa forma também este processo de captura se tornou uma ameaça, sendo o mesmo abandonado, devido a essa situação, pois mudou até mesmo a forma de praticar a caça desses animais.

4.5.6 Tocaias

Figura 27 - Tocaia para espreita de animais na bebida



Fonte: O autor (2021)

Uma técnica bastante utilizada pelos caçadores Kanindé são as tocaias, que são esconderijos, nos quais o caçador fica à espreita da presa em um determinado local. Em sua grande maioria são locais de alimentação, de bebida e até mesmo considerados pontos de descanso, como é o caso da tocaia pra o veado de capoeira, porém com a estrutura diferente. O caçador Antônio Wagner detalha como e quando é feita a tocaia, em locais de bebida e alimentação,

ela é feita para mata juriti, avoante e outros animais, na bebida, com a utilização de espingarda socadeira. Primeiro, a gente encontra o local principalmente no final da temporada de chuva, quando as águas estão secando. Aí a gente faz tipo uma casa que caiba somente a gente dentro e que dê para se mexer e mudá de posição. A tocaia é feita com folhas e ramas para que o animal não perceba e não consiga ver a parte de dentro. Aí e só esperar. Ela é feita também para matá jacú, porém, para ele é preciso botá uma serva, que é comida que colocamos onde tem vestígio deles. Aí, quando eles comem a primeira vez, vamos colocando até se acostumarem com a comida e a tocaia. Aí depois vamos esperar. Também eu faço embaixo de algumas arvores onde eles costumam comer os frutos (WAGNER, relato oral).

Ao ser questionado quais seriam os frutos e as árvores, o caçador não informou. Segundo ele, tem algumas coisas que é bom não falar, já que vai ficar escrito. De certa forma, se desviando da resposta, continua seu relato: “já o veado de capoeira é diferente: temos que esperar atrepado em uma árvore e tem que ter todo um estudo mais aprofundado para a utilização dessa técnica”

A tocaia representa um momento bastante significativo para o caçador, o ato de espreitar, de esperar em silêncio, de passar horas e horas ali escondido, sem

saber o que pode chegar na sua frente ou até mesmo ser surpreendido por um animal que lhe propicie um risco, levando em consideração que as tocaias são bastante apertadas, cabendo na grande maioria somente o caçador, que precisa se contorcer dentro para mudar a sua arma de posição, para poder atirar em alguns casos.

Os Karajá do Norte praticam duas estratégias de caça: (1) caça oportunista [...] e (2) caça voluntária [...] A caça voluntária pode ser dividida em dois grupos: caça de espera e caça de busca. A caça de espera se dá com a permanência do caçador em uma localidade onde se tenha detectado anteriormente a presença de animais, como por exemplo, através da observação de rastros, pegadas e fezes, isso se dá usualmente nas proximidades de árvores em frutificação ou em localidades próximas aos cursos d'água [...] (SALERA JR. ET AL, 2007, p. 86)

É perceptível que esta mesma técnica utilizada pelos Karajá, caracterizada como caça voluntária e caça de espera é semelhante a utilizada pelo povo Kanindé no que se refere as tocaias em todos os seus aspectos, desde a espera até as formas utilizadas para detectar a presença dos animais e os possíveis locais de alimentação e bebida.

4.5.7 Chamas

Figura 28 - Chamas



Fonte: O autor (2021)

As chamas são pequenos “apitos” que são utilizados como arremedo, ou seja, representam de certa forma o canto dos pássaros, de acordo com cada ave. Uma chama pode ser utilizada para mais de uma espécie. Algumas são confeccionadas pelos próprios caçadores, outros adquirem em locais como feiras ou de outros

caçadores. Segundo o caçador Antônio Wagner, “elas são utilizadas para chamar mocó, juriti, nanbú e jacú, são feitas de imburana e algumas com frande” sua finalidade é atrair esses animais para perto para poder atirar e matar.

Essa técnica de caça consiste no conhecimento de cada espécie e seus cantos, pois a chama tanto pode atrair como espantar a presa que é atraída para próximo do caçador. Dessa forma, esses conhecimentos são importantíssimos para a utilização deste objeto, que em outros locais possui uma outra nomenclatura ou referência. De acordo com Souza (2013) o arremedo é a imitação dos sons de cada espécie, sendo feita pelo caçador através da vocalização.

4.6 Limpeza e preparo das caças, técnicas do povo indígena Kanindé

As caças possuem suas variedades e suas diferenças, assim também como a limpeza e o tratamento das mesmas. O mocó, por exemplo, é utilizado a água quente, onde o mesmo é colocado por um período dentro da água fervendo e depois é retirado o pelo. O tejo ou tiu é retirado o couro, o peba e o tatu são molhados e em seguida sapecados no fogo e com uma faca é retirado um tipo de casca. O cassaco também é sapecado e retirado o cabelo, assim como a girita (gambá) e o punaré passam por um processo mais complexo. Segundo Dona Julia, “o punaré, a gente molha e depois passa no burrai, ou seja, na cinza do fogão a lenha, para fazer então a retirada dos pelos. Isso evita que os pelos voem e se espalhem pela casa”. Sobre a girita, ela também traça uma questão bem interessante e uma técnica que deve ser feita com bastante calma e sabedoria: “a girita tem uma bufa e é a defesa dela quando você trata. Você não pode perfurar senão estraga a carne todinha. Até na hora de matá você tem que saber, ou então perde a caça”. Todas essas caças, após serem tratadas, são escaldadas e de acordo com a característica e os conhecimentos são preparadas. Algumas são torradas, outras cozidas e outras cozidas e depois torradas.

Figura 29 - A: Punaré passado no “burrai” (Cinzas do fogão a lenha) pronto para a retirada dos pelos B: Punaré preparado com sal, óleo, pimenta, colorau e alho



Fonte: O autor (2021)

O punaré, para o povo Kanindé, é semelhante a outros roedores como o gabiru, uma espécie de roedor praticamente igual ao punaré, possuindo basicamente as mesmas características, sendo apenas um pouco mais branco. E uma diferença bem específica na cauda ou “rabo” como é chamado na aldeia, o punaré possui pelos nesta parte já o gabiru possui a cauda pelada e lisa. O punaré em outras regiões também é conhecido como rabudo.

Refletir sobre os preparos e a limpeza desses animais é perceber que as caças não são consideradas somente como um alimento e que há todo um percurso a ser realizado, desde o pensar em sair para a caçada até onde colocar o resto dos animais. Seria prático pensar que a caça serve apenas para alimentação, diferentemente do que traz o presente trabalho, pois para o povo Kanindé, a caça se torna uma prática essencial, que conecta alimentação, espiritualidade, sobrevivência, cultura, relação humana com outros seres, sejam animados ou

inanimados, afirmação étnica, processos museológicos, técnicas e táticas de lutas, tornando-se assim uma " pedagogia da caça".

Uma técnica que hoje não é mais praticada na aldeia e que me chamou atenção no processo da pesquisa, mesmo eu tendo praticado, e que é referente a conservação dessas caças há algumas décadas atrás; que consistia em um processo de secagem. Por não ter geladeira, após a limpeza, os animais eram salgados e passavam um período no sal; e após esse período era retirado a salmoura²³. Recordo-me de ter, por diversas vezes, praticado esse processo. Depois de retirado da salmoura, os animais eram colocados em cordões, pendurados para ficarem secos ou colocados em cima de telhas, evitando assim que se estragassem e durando muito mais tempo.

Todos esses processos levam em conta saberes e fazeres indígenas, além de técnicas que apenas alguns dominam:

“Lemos nos tratados de etnologia - e não só nos piores - que o homem deve o conhecimento do fogo ao acaso de uma faísca ou de um incêndio; que o achado de uma peça de caça acidentalmente assada nestas condições lhe revelou o cozimento dos alimentos; que a invenção da olaria resulta do esquecimento de uma bolinha de argila na vizinhança de uma lareira” (LÉVI-STRAUS, 1908, p.15)

Conseguimos compreender o quanto o eurocentrismo busca a superioridade até mesmo através dos registros escritos por etnólogos e antropólogos, sempre tentando colocar as populações indígenas como inferiores. Assim, Lévy Strauss traz essa crítica em seu trabalho intitulado *Raça e História*, demonstrando que o “acaso” e muito pouco provável, afinal, os conhecimentos são adquiridos através de práticas, testes e experimentações

4.7 A pedagogia da caça.

Como citado anteriormente, a caça descrita aqui pode ser considerada como uma pedagogia que abrange uma compreensão sobre a utilidade desses conhecimentos em várias situações, levando em consideração primeiramente o contexto familiar, o que denominamos de educação indígena. Neste sentido, as

²³ “Salmoura”: após o animal ser tratado e lavado, a caça é colocada em um recipiente e colocado sal. Após um período esse sal se dissolve, se juntando com a água que aparentemente fica avermelhada. Para os Kanindé essa água recebe o nome de salmoura.

crianças aprendem no decorrer das atividades realizadas pelos pais e os próprios familiares. Assim, a prática da caça e seus conhecimentos também seguem essa mesma dinâmica, aprendendo com a convivência e com a prática da própria cultura. Estes conhecimentos então são aperfeiçoados e utilizados em vários aspectos, seja na própria comunidade ou fora dela.

A escola Indigna Manoel Francisco dos Santos também possui uma pedagogia voltada para a formação, tanto no aspecto formal das escolas convencionais como da própria cultura do povo Kanindé, através de pesquisas e momentos coletivos com as lideranças da aldeia, que envolvem vários temas, como saúde, meio ambiente, cultura, arte etc. Tudo isso é realizado através de pesquisas, trabalhos, projetos, palestras e vários outros métodos aplicados de acordo com a grade curricular e o Projeto Político Pedagógico da escola.

A caça, dessa forma, representa métodos e táticas utilizados pelo povo Kanindé em vários aspectos, levando em consideração as caçadas em grupo, nas quais é perceptível a facilidade de se abater um animal, conseguindo assim se atingir um objetivo. Nesta perspectiva, também é analisado que o povo indígena Kanindé tem essa mesma organização no que se refere à luta por direitos, percebendo neste contexto as lutas travadas desde o ano de 1995, com ênfase nos coletivos trabalhos realizados pelos Kanindé. Todas as características analisadas na caça fazem parte da luta pelo processo de demarcação do território, desde o ato de esperar o momento certo, de nunca desistir, embora as vezes pareça muito difícil. A organização, antes de agir em qualquer situação, também reflete diretamente as técnicas aprendidas e desenvolvidas na prática da caça.

O conhecimento sobre a caça pode ser compreendido em aspectos educacionais e processo de formação, utilizando-se desses conhecimentos dentro dos espaços de formação. Destaco, assim, minha própria trajetória em relação ao mestrado, por estar dentro de uma instituição que não foi feita para mim, diferente da caça, que em termos históricos, culturais e biológicos faço parte. Porém, preciso pedir licença para entrar na mata. Nessa outra mata, entrei sem pedir licença, através de um processo de seleção, sabendo que tinha direito, como temos sobre nossos territórios. Não foi fácil, mas segui uma trilha.

O percurso não foi fácil, porém, como na caça, a determinação e a superação são fundamentais. Percorri muito quilômetros, corri vários perigos, passei por vários desafios, fiz viagens perdidas, parei, escutei, organizei, mapeei, criei uma rota,

analisei, estudei, realizei leituras, interpretei. Neste caminho encontrei outros “caçadores” que buscavam o mesmo objetivo. Para além de uma formação, mais um marco, que é ocupar os espaços e mostrar que a história de nosso país tem manchas de sangue indígena e negro e que cabe a nós escrevermos nossa própria história, contra uma história colonial de heróis genocidas. Estes dois anos do curso não foram, neste sentido, uma caçada de animais, mas de letras, que juntas deram formato e complexidade a este trabalho, que será doravante também uma arma de luta e resistência.

Usar todas essas táticas e técnicas me fez compreender, que tudo que aprendi no ato da caça pôde ser usado como estratégia, assim como meu povo sempre usou na luta pelo território. O conhecimento, neste sentido, se torna uma ferramenta de muita luta e resistência, que só é compreensível quando o utilizamos de várias formas. Às vezes é preciso parar, escutar, silenciar, afinal no ato da caça posso também ser a presa e tenho que estar preparado. Mas, por outro lado, há também o momento de decidir, seguir, agir e conquistar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender as relações existentes entre os contextos históricos, sociais, políticos e culturais do povo Kanindé de Aratuba é perceber que a identificação de um povo indígena não é algo linear e que todos estes aspectos citados no decorrer da pesquisa demonstram a importância de cada um deles para fortalecer a luta pelos direitos indígenas, que são renegados a cada dia. Assim, se pode compreender que a caça é um dos elementos essenciais neste processo de identidade do povo Kanindé, pelas várias conexões que a prática da caça perfaz no contexto territorial, museológico, alimentar, histórico social e coletivo do povo Kanindé.

Refletir sobre cada um desses pontos é traçar caminhos e perceber a relação existente entre o povo Kanindé e os encantados, que perpassa por todos estes pontos que são fundamentais para que a cultura permaneça viva. Ouvir os relatos dos caçadores sobre situações ocorridas no decorrer das caçadas que são praticamente inexplicáveis, para quem não tem conhecimentos sobre as matas e os seres encantados, além das histórias contadas que demonstram a riqueza de conhecimento das lideranças e dos caçadores, principalmente no que se refere ao território, seus locais sagrados e sua importância no passado, no presente e no futuro.

O ato de caçar delimita território e rompe limites, constrói técnicas, e táticas que não são utilizadas somente na caça, mas também no contexto social, principalmente nas estratégias de luta por direitos. Realizar a pesquisa direcionada a caça como ferramenta de afirmação étnica me fez compreender que a caça representa território, saúde, educação, cultura e religiosidade. O território se torna o limite, porém a caça vai além do mesmo nos registros orais e bibliográficos aqui citados. A saúde é representada pelo próprio ambiente repensando também nos processos alimentares atuais. A educação nasce do berço e é aqui compreendida como uma pedagogia e é repassada de geração em geração, criando assim mecanismos de defesas utilizados no próprio território, como técnicas de caça e até mesmo no próprio movimento indígena e em instituições, onde estamos ocupando os espaços como a própria Universidade, superando os desafios impostos por uma sociedade desigual e excludente.

Neste sentido, a cultura representa de uma forma bem prática, o próprio cotidiano da aldeia e dos caçadores através de seus fatos e relatos, partindo de um processo histórico que remonta a história do povo Kanindé até os dias atuais. A religiosidade aqui demonstrada não se trata apenas de um viés, mas sim uma complexidade que se caracteriza por seus vários aspectos míticos e espirituais, através da própria religiosidade católica e a espiritualidade indígena através dos encantados.

Assim, ao traçar toda essa complexibilidade perpassando por gerações que mantêm viva a cultura do povo Kanindé, finalizo afirmando e comprovando, através de todo esse processo de estudo, que a caça é considerada uma forma de afirmação étnica do povo Kanindé de Aratuba, no estado do Ceará.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Luiz Sávio de; GALINDO, Marcos; SILVA, Edson. **Na Mata do Sabia Contribuições Sobre a Presença Indígena no Ceará.** /Estêvão Martins Palitot [organizador].- Fortaleza: Secult/Museu do Ceará/ IMOPEC,2009.
- ALMEIDA, Luiz Sávio de; GALINDO, Marcos; SILVA, Edson **Índios do Nordeste temas e problemas**, Alagoas, Maceió: EDUFAL, 1999 p. 241-257.
- AYRES, J.M. & AYRES, C. 1970. Aspectos da caça no alto rio Aripuanã. Acta Amazonica 9(2): 287-298.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Revista Brasileira de Educação, nº19, 2002.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil:** promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.
- CARNEIRO DA CUNHA, M. **“Cultura’ e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais”**. In, Cultura com aspas. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.
- CARNEIRO, Marial Luiza Tucci. Org.; ROSSI, Mirian Silva Org.; **Índios No Brasil vida Cultura e morte;** São Paulo, intermeios, 2018
- CEARÁ, Secretaria de Educação. Coordenadoria de Desenvolvimento da Escola. Celula de aperfeiçoamento pedagógico. **Fruto que brotou da luta pela terra: Povo Kanindé – Aratuba e Canindé;** Fortaleza: importec,2007.
- DESCOLA, P. **“Más Allá de la Naturaleza y de la Cultura”**. Jardín Botánico de Bogotá José Celestino Mutis, 2001.
- EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande.** edição resumida e introdução Eva Gillies; tradução Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.
- GOMES; Alexandre Oliveira; **Aquilo é uma Coisa de Índio Objetos, Memória e Etnicidade entre os Kanindé do Ceará,** Recife, 2012.
- GOMES; Alexandre Oliveira; **Museus e Memórias Indígenas no Ceará: uma proposta em construção.** /Alexandre Oliveira Gomes e Joao Paulo Vieira Neto. Fortaleza: SECULT,2009.
- GONÇALVES, Jose Reginaldo Santos, **Antropologia dos objetos: Coleções**

Museus e patrimônios/ Rio de Janeiro, 2007

LABURTHE-TOLRA, P.; WARNIER, J.-P. **Quinta parte: a pesquisa.** In: (Ed.). **Etnologia - Antropologia.** Petrópolis: Vozes, 2010. pp. 423-442.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LÉO NETO, Nivaldo Aureliano. **A “Ciência da Caça”: estratégias e construções simbólicas sobre as atividades cinegéticas entre os índios de AtikumUmã (PE)** / Nivaldo Aureliano Léo Neto. João Pessoa, 2011.

LÉVI-STRAUSS, Claude, 1908- **As Estruturas Elementares do Parentesco:** Tradução de Mariano Ferreira. 7. Ed. Petrópolis, Vozes, 2012.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Raça e história.** Portugal: Editorial Presença, 1998

LIMA, Carmen Lúcia Silva. **Índigenas na cidade: os Kalabaças, Kariri, Potiguara, Tabajara e Tupinambá de Crateús** / Carmen Lúcia Silva Lima. – Recife: Ed. UFPE, 2020.

MELO, Nely de Lima e, **Em busca da Libertação: Fernandes, uma comunidade Eclesial de base,** Joao Pessoa, 1981.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento.** São Paulo: Hucitec, 2004.

MODERCIN, Isabel Fróes. **Rancho do Jatobá do Meio do Mundo: Etnografia da agricultura Pankararé e a relação dos índios com o ambiente** / Isabel Fróes Modercin. – Salvador, 2010. 190 f.: il.

NAÇÕES UNIDAS, Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas; Rio de Janeiro, UNIC/ Rio/ 023 - Mar. 2008

OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades.** Rio de Janeiro: Contracapa, 2016.

POZZOBON, Jorge. **“Vocês, brancos, não têm alma”:** histórias de fronteira. 2.ed. Rio de Janeiro: Azougue; São Paulo: Instituto Socioambiental, 2013.

Revista COCAR, Belém, V.12. N.24, p. 472 a 500 – Jul./Dez. 2018

INGOLD, Tim **A antropologia como participante de uma grande conversa para moldar o mundo,** entrevista com Clara Mafra (in memoriam), Octavio Bonet, Otávio Velho e Rosane Prado | Revista sociologia & antropologia rio de janeiro, v.04.02: 303 – 326, outubro, 2014

SALERA JR., G.; FRANKLIM, W.G.; MALVASIO, A & GIRALDIN, O. 2007. **Caça e**

pesca entre os índios Karajá do Norte, Terra Indígena Xambioá, Estado do Tocantins, Brasil. Publs. Avulsas do Instituto Pau Brasil (10): 85-88.

SCHMIDET, Maria Luísa Sandoval & MANFOUD, Miguel, **Halbwachs: Memória Coletiva e experiencia.** Psicologia USP, S. Paulo, 4(1/2), p.285-298,1993

SILVA, Domingas da. **Guardiões da memória: trajetórias E Identidade dos Kanindé de Aratuba-Ce.** Universidade Da Integração Internacional Da Lusofonia Afrobrasileira, Redenção/ CE, 2016.

SILVA, Isabelle Braz Peixoto da; AIRES, Max Maranhão Piorsky (Orgs.). **Direitos Humanos e a questão indígena no Ceará: relatório do Observatório Indígena biênio 2007-2008.** Fortaleza: Imprensa Universitária, 2009.

SILVA, Isabelle Braz Peixoto da. **Vilas de índios no Ceará Grande: dinâmicas locais sob o Diretório Pombalino.** 2003. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2003.

SOUSA, Alexandre Magno de; **Alimentos tradicionais de caça dos índios Kanindé de Aratuba-ce: Aldeia Fernandes,** Baturité, 2015.

SOUZA, Janylle Barcelos de; **Aspectos socioculturais e ecológicos das atividades cinegéticas no município do conde, Paraíba: Uma abordagem Entomológica,** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e meio ambiente) Universidade Federal da Paraíba, Joao Pessoa/PB,2013.

XAVIER Antônio Roberto, VASCONCELOS José Gerardo; **Povo Kanindé De Aratuba-Ce: História, Afirmação Étnico-Cultural e Educação;** Revista COCAR, Belém, V.12. N.24, p. 472 a 500 – Jul./Dez. 2018

YIN, Robert K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. Trad. Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

A CAÇA COMO FERRAMENTA DE AUTOAFIRMAÇÃO ÉTNICA DO POVO INDÍGENA KANINDÉ DE ARATUBA: DO MUSEU AO “MONDÉ”

Trabalho de Campo: Entrevista

Francisco Reginaldo da Silva Santos - PPGA UFC UNILAB – 2019 - 2021

Roteiro da Pesquisa.

	➤ Posso gravar a entrevista?
Nome completo/ apelido	
Idade/ Data de Nascimento	
Estado Civil / Quantidade de filhos?	
Você se considera indígena?	
Desde quando reside na aldeia?	
Você é caçador(a)?	
Conhece a história da luta indígena referente ao território?	
Só caça no território delimitado ou além dele?	
Poderia informar as referências, nomes de locais que caça e onde estão localizados?	
Quais os tipos de caça que o senhor caçou ou caça? (Lista para gráfico)	
Como aprendeu a caçar?	
Seus Filhos(as) caçam? E os netos(as)?	
Utiliza armadilhas? Quais e como são feitas? (Técnicas)	
Qual dessas formas e melhor?	
Armadilhas.	
Arma.	
Cachorros.	
O senhor(a) sabe o que é um monde?	
Existe algum ritual antes de ir para o mato?	
Como saber onde colocar as armadilhas?	
Que conhecimento o senhor(a)? tem sobre as caças podem cita alguma?	
Na hora da caça como o senhor(a) se sente, sabendo que está matando um animal?	
Quem faz a preparação do animal após chegar em casa e como e feita quais os utensílios utilizados?	
Existe algum animal que precise de uma técnica mais específica para limpeza?	
O senhor acredita que a algo espiritual quando está caçando?	
Você como caçador acredita nos seres encantados das matas, caipora, curupira entre outros?	
Pode conta um relato?	
Existe uma frase que diz que há “o dia da caça e dia do caçador” o que o senhor acha dessa frase?	
Como eram as caçadas antigamente? O que mudou?	
A caça hoje representa o que representava a 10 anos atrás?	
Qual a importância da caça para os Kanindé de Aratuba?	
O senhor acredita que o ato de caçar e se alimentar de animais é um ponto importante para se afirmar como indígena?	
Poderia contar um relato de uma caçada que considera importante?	
Conhece alguma história contada pelos mais velhos sobre caçadas? Poderia contar?	

ANEXO A - CAPA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DA PROFESSORA NELY DE LIMA E MELO, PRESENTE DA PROFESSORA ADILÉA, COM DATA E DEDICATÓRIA

Nely de Lima e Melo

EM BUSCA DA LIBERTAÇÃO

Fernandes, uma comunidade eclesial de base.

*Olá Reginaldo
 hi vai o original da
 dissertação da Nely. Espero
 que lhe seja útil.
 Sds,
 Adiléa
 17.09.80*

Dissertação apresentada ao mestrado de E
ducação Permanente (habilitação em Educa
 ção de Adultos) da Universidade Federal
 da Paraíba - Campus 1, sob a orientação
 da profa. Elena Viveiros Garry

JOÃO PESSOA - 1981 -

ANEXO B – LEI MUNICIPAL Nº 522/2016, RECONHECENDO A ALDEIA FERNANDES COMO TERRITÓRIO INDÍGENA NO MUNICÍPIO DE ARATUBA



GOVERNO MUNICIPAL DE ARATUBA
GABINETE DO PREFEITO



LEI MUNICIPAL Nº 522/2016.

Dispõe sobre o reconhecimento das terras indígenas na Região Fernandes e adota outras providências.

O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE ARATUBA, Estado do Ceará, no uso de suas atribuições legais;

FAZ SABER que a Câmara Municipal de ARATUBA, APROVOU e ele SANCIONA a seguinte LEI:

Artigo 1º - Ficam, à luz do que determinam o art. 231 da Constituição Federal e incisos III, V e IX, do art. 2º da Lei nº 6.001/73, reconhecidas as Terras do Povo Indígena Kanindé, no Sítio Fernandes e nas localidades de Balança, Belo Monte, Jucazeiro, Terra da Gia, Terra do Rajado, Saco da Onça, Cama de Vara e Rejo, tendo em vista que cabe a este Município, dentro da sua competência constitucional, a proteção das comunidades indígenas e a preservação dos seus direitos.

Parágrafo único. O Município utilizará de todos os meios necessários à efetividade do direito e uso das Terras do Povo Indígena Kanindé, nos limites de sua competência.

Artigo 2º - O Termo de reconhecimento é firmado entre o Município de Aratuba e a Associação Indígena Kanindé de Aratuba (AIKA), entidade representativa do Povo Indígena Kanindé.

Artigo 3º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO DO GOVERNO MUNICIPAL DE ARATUBA, 12 (doze) de dezembro de 2016.

José Ivan Santos Neto
JOSÉ IVAN SANTOS NETO
 Prefeito do Município

**ANEXO C – MEMORANDO Nº 214/ 2017 ENVIADO A FUNAI, ENCAMINHANDO
LEI MUNICIPAL RECONHECENDO A ALDEIA FERNANDES COMO TERRITÓRIO
INDÍGENA NO MUNICÍPIO DE ARATUBA**



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
COORDENAÇÃO REGIONAL NORDESTE II

Memorando nº 214/2017/CR-NE-II/FUNAI

Fortaleza, 21 de julho de 2017

À Coordenação Geral de Identificação e Delimitação/DPT

Assunto: **Encaminha Lei Municipal de reconhecimento da Terra Indígena Kanindé de Aratuba**

1. Considerando que compete à Fundação Nacional do Índio desenvolver ações voltadas à regularização fundiária de Terras Indígenas, encaminhamos cópia da Lei Municipal nº 522/2016 e documentação correlata, que dispõe sobre o reconhecimento da Terra Indígena Kanindé de Aratuba, localizada no Sítio Fernandes e nas localidades de Balança, Belo Monte, Juazeiro, Terra da Gia, Terra do Rajado, Saco da Onça Cama de Vara e Rejo, para fins de ser anexado ao processo que trata da reivindicação fundiária dos Kanindé de Aratuba (número de registro 196).
2. Colocamo-nos à disposição para eventuais esclarecimentos, por intermédio do Serviço de Gestão Ambiental e Territorial – SEGAT.

Atenciosamente,

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Cícero da Silva Sousa'.

CÍCERO DA SILVA SOUSA

Coordenador Regional Substituto da FUNAI/CR Nordeste II

ANEXO D – FOTOS DO MUSEU KANINDÉ “ACERVO”



ANEXO E - JORNAL O POVO, 24 DE AGOSTO DE 1996. LIDERANÇAS INDÍGENAS RECLAMAM DO DECRETO 1775.

Lideranças indígenas reclamam do Decreto 1.775 assinado por Fernando Henrique Cardoso que facilitou a ocupação da área

ALETEIA PATRICIA
DA EDITORIA DE CIDADES

Como se as tribos indígenas já não tivessem problemas para demarcar suas terras — mesmo com o amparo da lei — o Decreto Nº 1.775, assinado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso em 9 de janeiro deste ano, veio piorar ainda mais a situação. O que era difícil ficou lento e confuso.

É que o decreto revogou um outro, o 22, que excluía a possibilidade de contradições sobre a posse de terras tradicionalmente habitadas por índios. Agora, a demarcação de terras no Brasil inclui o “contraditório” para fazendeiros e posseiros, além da revisão das terras. Com a nova lei, os oportunistas de plantão não custaram a chegar e áreas indígenas em todo o País estão sendo ocupadas para que na hora da demarcação “sobre um pouquinho de indenização para quem está no lugar”. Como o dinheiro da indenização é mais do que escasso — principalmente se tratando de resolver problemas indígenas — a posse oficial de terras virou um caso de Justiça para os povos que primeiro habitaram o Brasil.

Antonio Ricardo Domingos da Costa, Índio Dourado, da Tribo dos Tapebas em Caucaia, lembra que na época do Decreto 22 ninguém podia invadir as áreas indígenas. “Agora posseiros, fazendeiros e sem-teto estão invadindo e dizem que não vão sair” — garante. Ele conta que o presidente Fernando Henrique prometeu que não iria revogar a lei em abril de 95, durante um encontro com os povos indígenas. “Não fez nem um ano e ele descumpriu o que disse” — lamenta. Para o cacique dos Tapebas, Francisco Alves Teixeira, conhecido como Alberto “é tudo uma questão de vontade política”. A demarcação dos Tapebas já poderia ter sido feita há muito tempo e problemas como os que acontecem hoje em dia já teriam sido

Editoria de Arte

SITUAÇÃO DOS ÍNDIOS NO CEARÁ

- 1. Tapebas (Caucaia) - Área** delimitada, mas sem demarcação. Parte da tribo está ocupada por sem-tetos.
- 2. Tremembés (Almofala) - Área** delimitada, também sem demarcação. Lagoa sendo aterrada para construção de casas. Terrenos dentro das áreas indígenas estão sendo cercados.
- 3. Pitaguary (Maracanaú) - Índios estão** sendo ameaçados de terem suas casas derrubadas e o mais velho integrante do tribo, Pedro Marcolino, 80 anos, teve sua casa derrubada.
- 4. Kanindés (Aratuba) - Área indígena** tradicional foi incluída na desapropriação da fazenda Alegre. O local era utilizado pelos índios para caça e plantio.
- 5. Genipapo-Kanindé (Aquiraz) -** Muitos índios estão passando fome e posseiros estão cercando e vendendo as terras que tradicionalmente pertencem aos povos indígenas.
- 6. Calabaças (Poranga) - Sem terras** delimitadas e sem reconhecimento oficial.

Fonte: Carta Aberta da Pastoral Indigenista do Ceará

superados. O cacique disse que a posse da terra é uma questão de honra. “Após a demarcação nós vamos segurar o índio na terra. O índio tem que viver é na mata e viver dentro da sua cultura. O índio tinha que dançar o toré (dança indígena) em praça pública” — ressalta. E adianta que o índio não é preguiçoso. “Nós vivemos de maneira diferente. É a nossa cultura”.

A Campanha de Demarcação das Terras Indígenas no Ceará “Demarcação de Terra — Vida Garantida”, ligada à Pastoral Indígena, lançou uma carta aberta aos povos e organizações indígenas do Ceará pela revogação do Decreto Nº 1775/96. O documento fala da situação em que cada tribo se encontra e faz um chamado à sociedade para o Governo Federal seja questionado sobre a política indígena para o País.

FORTALEZA-CEARÁ
SÁBADO, 24/AGOSTO/1996

O POVO/CIDADES

**ANEXO F - CARTA ENVIADA A FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO FUNAI EM
27 DE JULHO DE 1996 PEDINDO PROVIDENCIAS.**

SOCIEDADE INDÍGENA CANINDÉ
Fernandes - Aratuba - Ceará

27 de julho de 1996.

POVO CANINDÉ - NOSSO PASSADO E NOSSO PRESENTE

Nós, Povo Canindé, vivemos num sítio que nós chama de "Fernandes", no município de Aratuba, uma quebrada que fica a 140 km de Fortaleza, capital do Estado do Ceará.

Nós somos 115 famílias, num total de 950 pessoas. Nós somos uma família só. Nós vive e trabalha nessa região desde o tempo de nossos bisavô, nossos avô, nossos tios. Todas as casas das nossas famílias estão situadas nesse terreno da quebrada que tens uns 150 ha. Nós também planta nos nossos quintal.

Encostado a esse sítio Fernandes tem uma área que nós chama de "GIA", de 300 ha, e desde os nossos antepassados - nós trabalha nos roçados coletivo, plantando milho, feijão, fava, mandioca e mamona. Nós também vive da caça do mato. Nessa área nós planta nossas roça individual.

Nós nunca construiu casa de morada nesse terreno. Mas é daí que nós tira o sustento para nós viver com nossas família. Nosso trabalho é coletivo e as decisão da nossa organização é tudo junto.

CONFLITO COM OS TRABALHADORES DA FAZENDA ALEGRE

A área da "Gia" sempre dominada por nós. Tinha um acordo com o proprietário da Fazenda Alegre e nós, dos Fernandes, para nós dar o pasto para o gado dele.

Agora a Fazenda Alegre foi desapropriada para 20 família. Nós, dos Fernandes, participemos dessa luta deles pela terra desde os primeiros acertos, trabalhando junto com eles e até uma "caixinha" foi formada. Nosso Grupo participou e nós era uns 25 colaborando para as despesas de viagem necessária. Eles garantindo a nós que quando essa terra fosse desapropriada, o terreno era nosso, ninguém mexia com ele nem com nós.

Depois da terra desapropriada eles estão dizendo que nós não tem mais direito de trabalhar nessa área, que essas terra é deles. E começaram as medições do terreno sem nenhuma comunicação com o nosso Grupo.

VGH, J. M. P. S.

EAS

SOCIEDADE INDÍGENA CANINDÉ
Fernandes - Aratuba - Ceará

NOSSO DIREITO COMO POVO INDÍGENA CANINDÉ

Nós, Canindé, sabe da nossa origem indígena mas não publicava porque nós não tinha conhecimento dos direitos que existe hoje ao lado do Povo Indígena. Agora chegou o nosso saber e nós queremos garantir a nossa terra indígena, os nossos costumes e as nossas tradições.

Por isso nós estamos se dirigindo à Presidência da Fundação Nacional do Índio - FUNAI e também à Administração Regional, em João Pessoa, Paraíba, que são responsáveis de apoiar os Povos Indígenas, em nome do Governo Federal. Nós também está se dirigindo às autoridades competentes no Ceará e em Brasília, aos apoiadores dessa luta e também aos nossos parentes.

Nós não quer nem desunião nem confronto com nossos vizinhos trabalhadores rurais da Fazenda Alegre, com quem sempre nós se juntamos para conversar, se apoiar, trabalhar. Eles são da mesma família que nós.

Nossa terra é sagrada. Ela vem dos nossos antepassado e todos que moram nessa região tem conhecimento disso.

Nós precisamos de APOIO e JUSTIÇA na solução desse problema, o mais breve possível. É muito urgente. Nós não quer ser prejudicado na nossa terra que já é pequena demais e nem dá para nós viver. E temos o direito da tradição e dos costumes que não é de hoje.

Nós agradecemos desde já as providências das autoridades e o apoio dos que defendem o direito indígena.

José Maria Pereira dos Santos

José Maria Pereira dos Santos
Cacique Canindé

Edgar Aprígio da Silva

Edgar Aprígio da Silva
Liderança Canindé

Valdeci Gomes Alexandre

Valdeci Gomes Alexandre
Liderança Canindé

ANEXO G – MUSEU GUARDA PEÇAS USADAS PELOS INDIOS JORNAL DIARIO DO NORDESTE, 14 DE JANEIRO DE 2002

Museu guarda peças usadas pelos índios

Manter a história somente na memória não é o suficiente para garantir a sua perpetuidade. Foi pensando assim que o cacique do sítio Fernandes José Maria Pereira dos Santos, o Sotero, organizou o museu dos Canindés. O espaço é reservado à memória da comunidade. Ali estão expostos desde o artesanato, até os instrumentos de caça, dança e parte de animais caçados pela comunidade. "É a nossa memória viva. Aqui está toda a nossa vida, o que prova nossa descendência", observa a índia Tereza Silva Santos, responsável pelo museu.

Segundo Tereza, as peças do acervo foram organizadas há muitos anos. Entretanto, somente há pouco tempo foram colocadas à visitação pública. O motivo do anonimato, explica, "é que a gente sempre tinha medo de assumir a condição de índio e ser perseguido".

Photo: Pictura



O ACERVO foi organizado há muitos anos. Porém, há pouco tempo é que foi colocado à visitação pública

ANEXO H – Cordel “Os doutores da Floresta”

Amanay Parangaba (pseudônimo de Alexandre O Gomes)

Reginaldo, Kanindé
É poeta, agricultor
Apresenta seu trabalho
Etnografia de valor
Mestrado em antropologia
Que com muita alegria
Vim para a banca compor

Além de professor
Reginaldo Kaninde
também é um caçador
E é neto do pajé
Neto de Júlia e Luzia
Fí de dona Terezinha
Sua mãe, de muita fé.

Reginaldo, aprovado
Com louvor e distinção.
E daqui encaminhado
Com uma dupla missão:
Cursar logo o doutorado
E publicar a dissertação.

Publicar a dissertação
É apenas um caminho
Do que é tua missão
De você, um passarinho
Que voou e agora voltou
Que caçou e se encantou
Kanindé, teu povo é ninho.

Hoje a nação Kanindé
Está toda em festa
Porque seus dois professores
Que tem uma estrela na testa
Foram à universidade
Com garra e muita vontade:
São doutores da Floresta!

**29 de outubro de 2021
Olinda/PE**